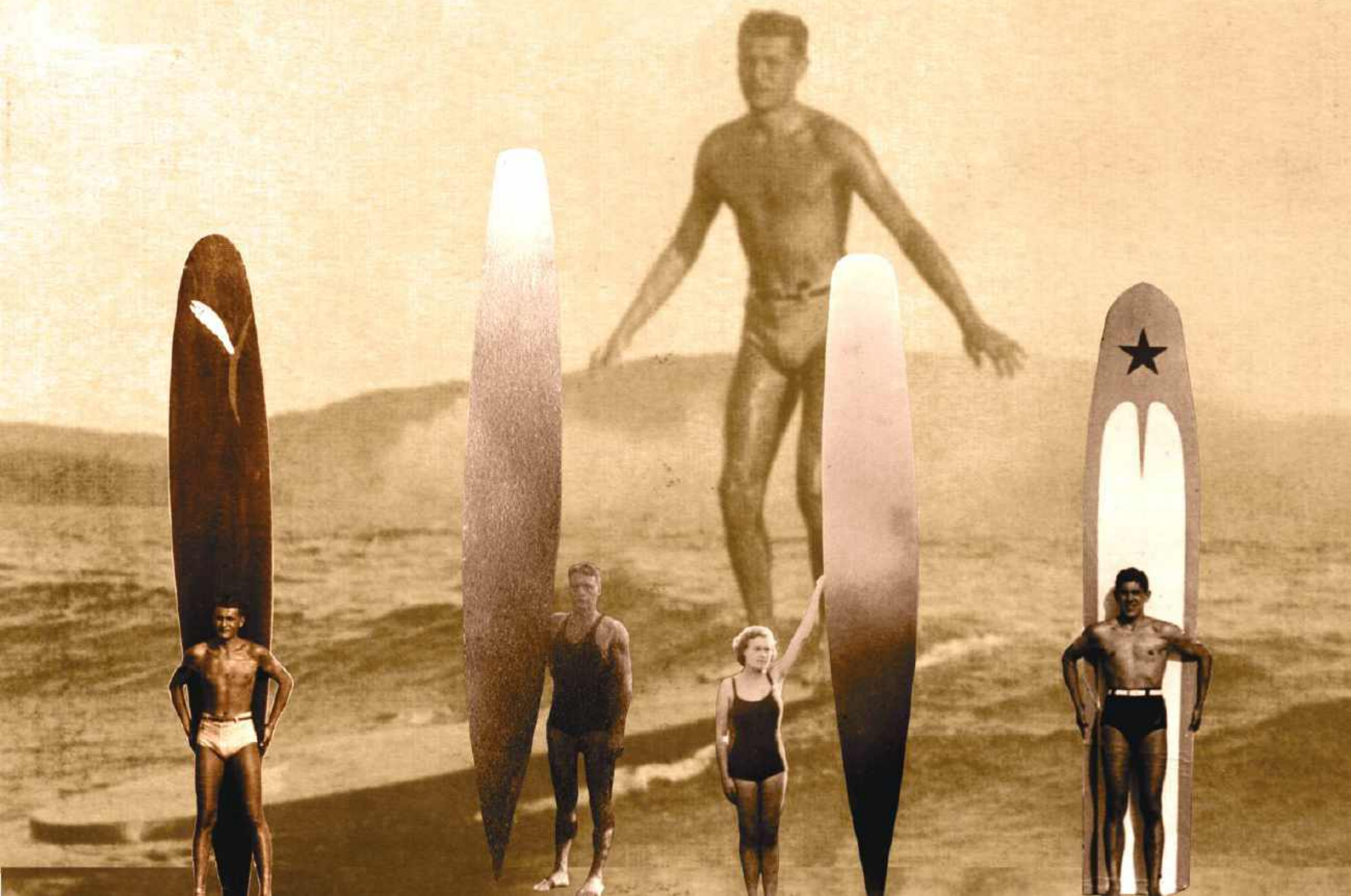


Gabriel Pierin

Diniz Iozzi

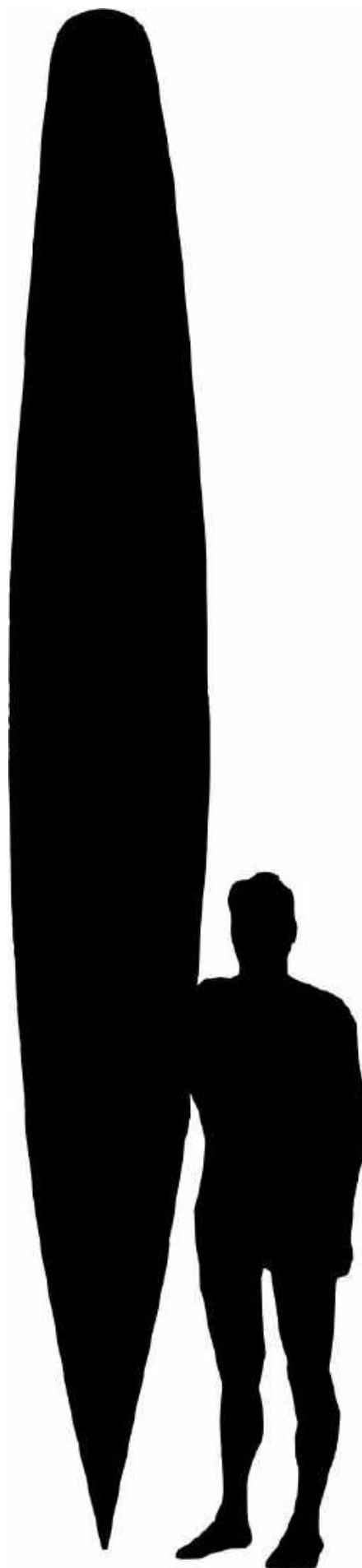
Santos, onde nasceu o Swirfe no Brasil



Santos,
onde nasceu
o Surfe no
Brasil

Gabriel Davi Pierin
Diniz Iozzi

2024



EXPEDIENTE

AUTORES

Gabriel Davi Pierin
Diniz Iozzi (*o Pardhal*)

TEXTOS

Coletânea de artigos da coluna Histórias do Surfe
publicada no Jornal A Tribuna

REVISÃO

Gabriel Davi Pierin

FOTOGRAFIAS

Arquivos pessoais

PROJETO GRÁFICO, DIREÇÃO DE ARTE E CAPA

David Cardoso (*Tozóide*)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pierin, Gabriel
Santos, onde nasceu o surfe no Brasil / Gabriel
Pierin, Diniz Iozzi. -- Santos, SP : Ed. do Autores,
2024.

ISBN 978-65-00-88042-7

1. Santos (SP) - História 2. Surfe - Esporte
3. Surfe - História I. Iozzi, Diniz. II. Título.

23-183514

CDD-797.32

Índices para catálogo sistemático:

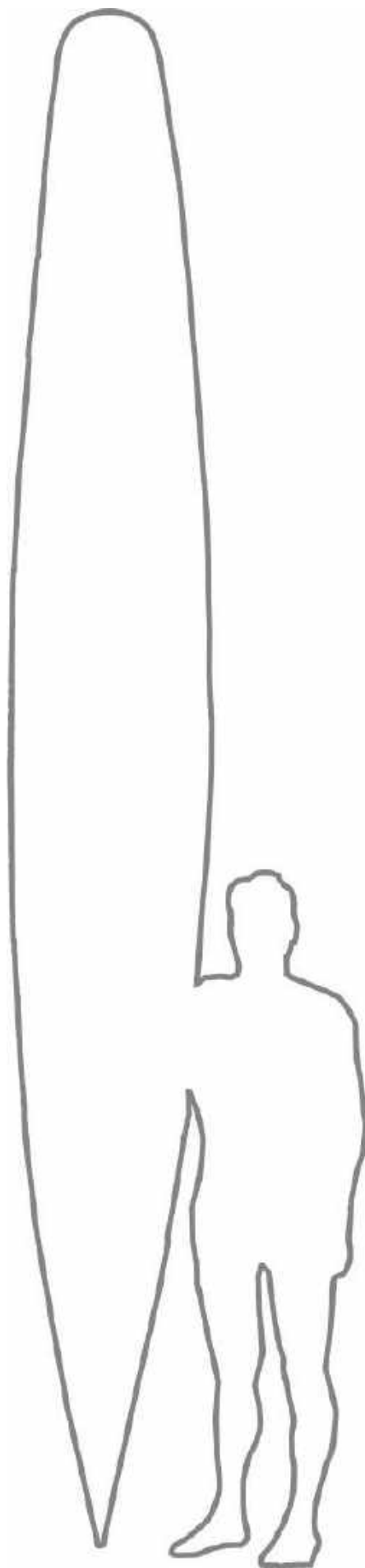
1. Surfe : Esportes aquáticos 797.32

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Santos,
onde nasceu
o Surf no
Brasil



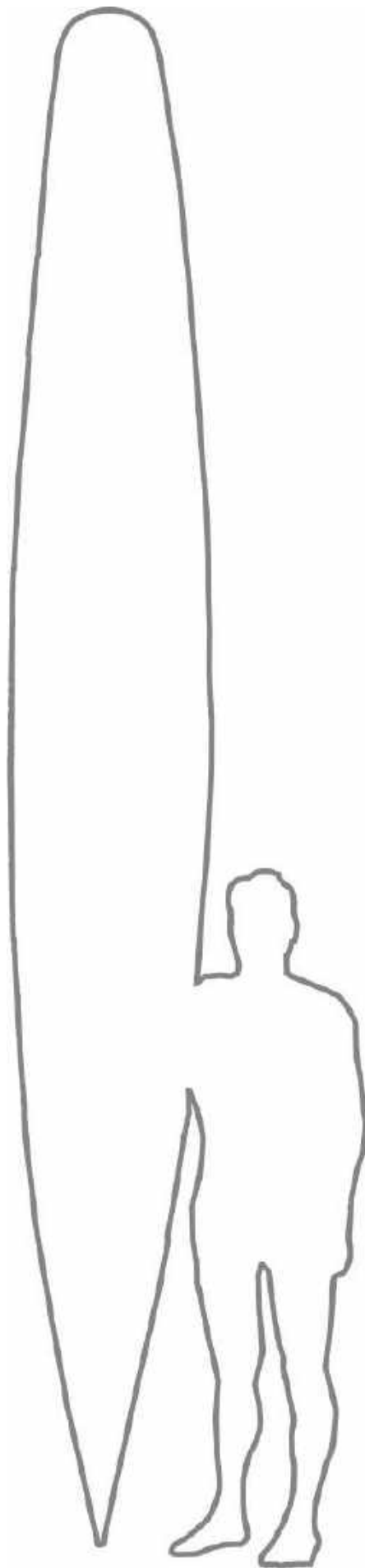
PREFEITURA DE
Santos



Sumário

Apresentação	9
PIONEIROS DO SURFE	11
Thomas e Margot Rittscher.....	15
Osmar Gonçalves, Jua Hafer e Silvio Malzoni	19
SURFISTAS E ARTESÃOS DO SURFE	21
Manoel dos Santos, o recordista.....	23
Ripple, a prancha “Caixa de Fósforo”.....	25
Miguel Sealy e as Madeirites do Canal 3.....	27
Adalberto Mariani Junior, o Tuko	29
O legado Faggiano.....	31
Miorim e a história da prancha Glaspac.....	33
Petito e o Big Kahuna Surf Club.....	35
Eduardo Nogueira.....	37
Luiz Carlos Frigerio, o legado de um campeão	39
Gino Sarti e a Rural Willys.....	41
O divino poder de Homero	43
O nascimento da Twin.....	45
Lagartixa e a química no surfe.....	47
Sergio Barletta, o Mr. Surf.....	49
Edinho da Orca Surfboards.....	51
Musgão, campeão de kneeboard.....	53
Júlio Mazzei no Havaí.....	55
Giba Israel do canal 3.....	57
Gui e a turma da Zona do Agrião.....	59
Décio Dias de Lima, o Waterman.....	61
João de Deus, o Big God.....	63
Juca, o rei da praia.....	65
A kombi do Elyseu.....	67
Oracio Cocada Moraes.....	69
Jorge Limoeiro.....	71
Auriemma e a Miragem Surfboards.....	73
Sérgio Cangiano no surfe e na política.....	75
Akira Surfboards.....	77
Pascoal e Tom Curren.....	79
Flavio La Barre.....	81
Bulina, campeão em 1973.....	83
Toninho Campos do Cine Roxy.....	85
Professor Carlos Carmelo.....	87
Comandante Ratinho.....	89
Saulo Nunes e a velocidade no surfe.....	91
Toni Barletta, o master surf.....	93

Saravá, Fábio Jacuí.....	95
Helio Cokinho do Boqueirão.....	97
Paulo Issa e o Festival Brasileiro de Surf.....	99
Os Wolthers e a Viking Surfboards.....	101
Kareca da Shine Surfboards.....	103
Lequinho Salazar do Quebra-Mar.....	105
Cisco Araña, o professor de surfe.....	107
Paulo Rabello, um Tombo Boys.....	109
Almir Salazar.....	111
Avelino Bastos da Tropical Brasil.....	113
Ripwave do Beto Loureiro.....	115
Quizumba no Quebra-Mar.....	117
Tico e Teco, campeões olímpicos de surfe.....	119
Alexandre Salazar Junior, o Picuruta.....	121
AS MULHERES NO SURFE.....	123
Carla Canepa e as surfistas santistas.....	125
Katia Grubba, a primeira campeã em Santos.....	127
CAMPEONATOS DE SURFE.....	129
As histórias do 1º Campeonato Paulista de Surf.....	131
2º Campeonato Paulista de Surfe – 1968.....	133
1º Campeonato Aberto de Surfe do Ilha Porchat - 1968.....	135
1º Torneio de Surfe do Caiçara Clube.....	137
3º Campeonato Paulista de Surf – 1969.....	139
1970 – 1º Campeonato Santista de Surf.....	141
CULTURA E ENTRETENIMENTO NO SURFE.....	143
The Endless Summer.....	145
Brasil Surf, a primeira revista.....	147
RIO DE JANEIRO DO SURFE.....	149
Paulo Preguiça, o primeiro Menino do Rio.....	151
Surfboards São Conrado.....	153
Waimea 5000, o Brasil no Circuito Mundial.....	155
CAMPEÕES MUNDIAIS PROFISSIONAIS DE SURFE.....	157
Gabriel Medina, o Tricampeão.....	159
Adriano Mineirinho.....	161
O ouro Ítalo Ferreira.....	163
Kelly Slater, 50 anos.....	165
Filipe Toledo, Bicampeão.....	167
A HISTÓRIA DO SURFE CONQUISTA UM PARQUE.....	169
Dia do Surfista, Lei Municipal 2172/2003.....	171
Parque Roberto Mário Santini, o Quebra-mar.....	173
Alessandra Aranha, a magistrada e o surfe.....	175



Santos, onde o Surfe nasceu no Brasil



Apresentação

A ação dos homens e mulheres em sociedade produz novos comportamentos, saberes e relações, entendidos como cultura. Ela possui um caráter dinâmico pela aquisição e transmissão a outros grupos e gerações futuras.

A milenar cultura havaiana do surfe nasceu no Brasil pela ação de Thomas, Margot, Osmar, Jua e Silvio, há quase 90 anos. Jovens, criativos e corajosos, filhos de uma terra que gerou ou fincou raízes de grandes personalidades da política, da arte, do esporte e da música.

O surfe e o projeto de construção das primeiras pranchas, as tábuas havaianas, chegaram em publicações estrangeiras como a Popular Mechanics e a Modern Mechanix and Inventions Magazine. O domínio de outras línguas, a ligação dos jovens com esportes aquáticos e a intimidade das famílias com as atividades portuárias e navais, especialmente ao comércio cafeeiro, impulsionaram o início do surfe na cidade.

Na década de 1930 essa conjunção de fatores permitiu a esse grupo de jovens deslizar nas águas do mar sobre suas pranchas, enquanto escreviam as primeiras linhas da história do surfe no país.

Ao longo do tempo, o surfe foi ganhando espaço cada vez maior na cidade, no país e no mundo. Marginalizado no passado, o surfe cresceu, se profissionalizou, virou esporte olímpico e movimentou um mercado milionário. Distante do preconceito, o surfe na cidade de Santos ainda figura pioneiro, contribuindo de forma integral na Educação, Inclusão Social, Saúde e Lazer.


A cidade possui a primeira Escola Pública de Surfe e um belo e completo parque à beira-mar, entre outras conquistas do surfe. Essas iniciativas foram frutos do trabalho e da persistência de diversas pessoas que sonharam e contribuíram para o desenvolvimento do esporte.

Nesses quatro anos de pesquisas, entrevistas, encontros e quase 200 histórias produzidas, divulgamos os feitos de surfistas de alma. Jovens que aprenderam na tentativa e erro a sobreviver e surfar as ondas mais turbulentas, preparando o mar para colocar os brasileiros no lugar mais alto do Circuito Mundial. Hoje, o país possui quatro campeões mundiais e o primeiro campeão olímpico da história.

Nesse mar revolto, entre alegrias, descobertas e perdas, o livro 'Santos, onde nasceu o surfe no Brasil' é mais do que um compilado de histórias. É um legado para o povo santista, um convite para o espírito Aloha de comunhão e harmonia.

Gabriel Davi Pierin e Diniz Iozzi





Pioneiros do Surfe



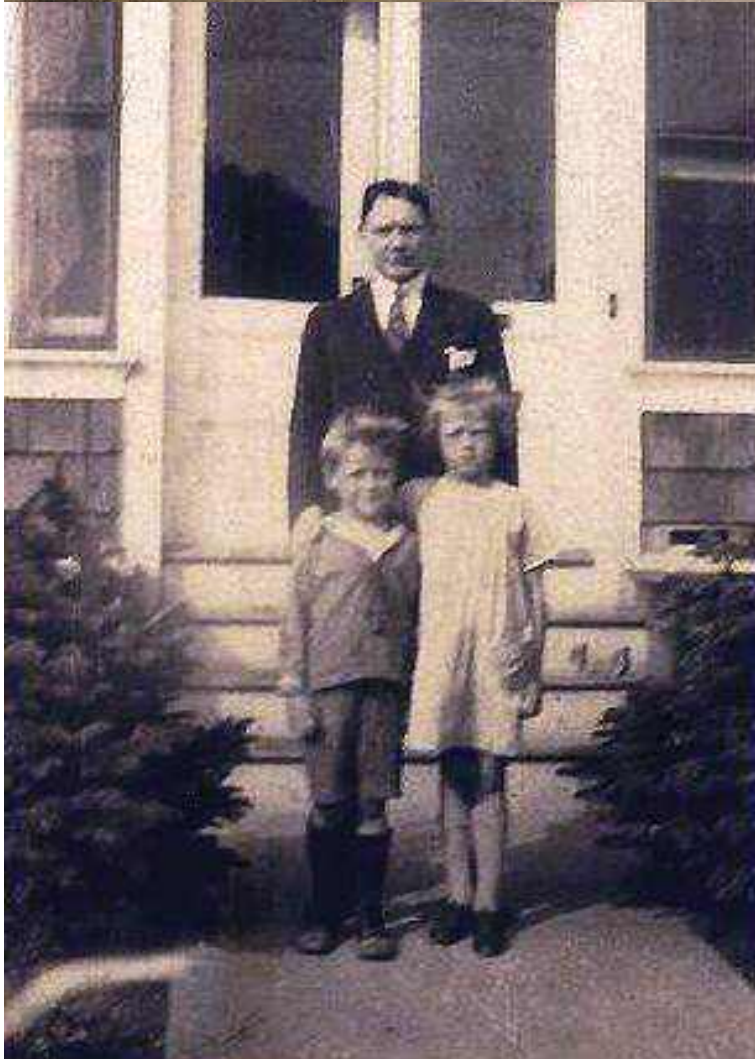
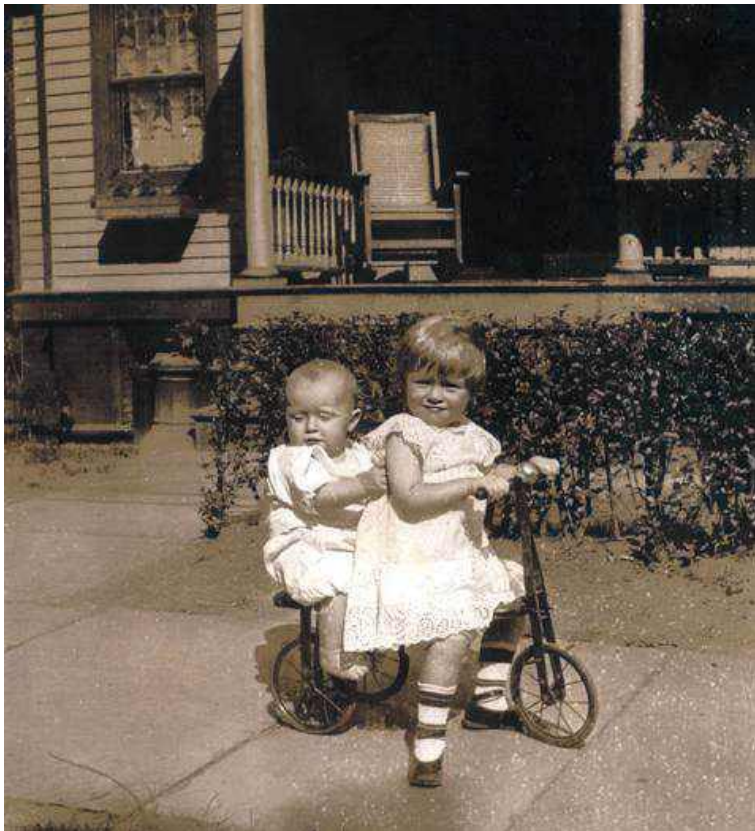
Thomas Rittscher



12



Santos, onde o Surfe nasceu no Brasil

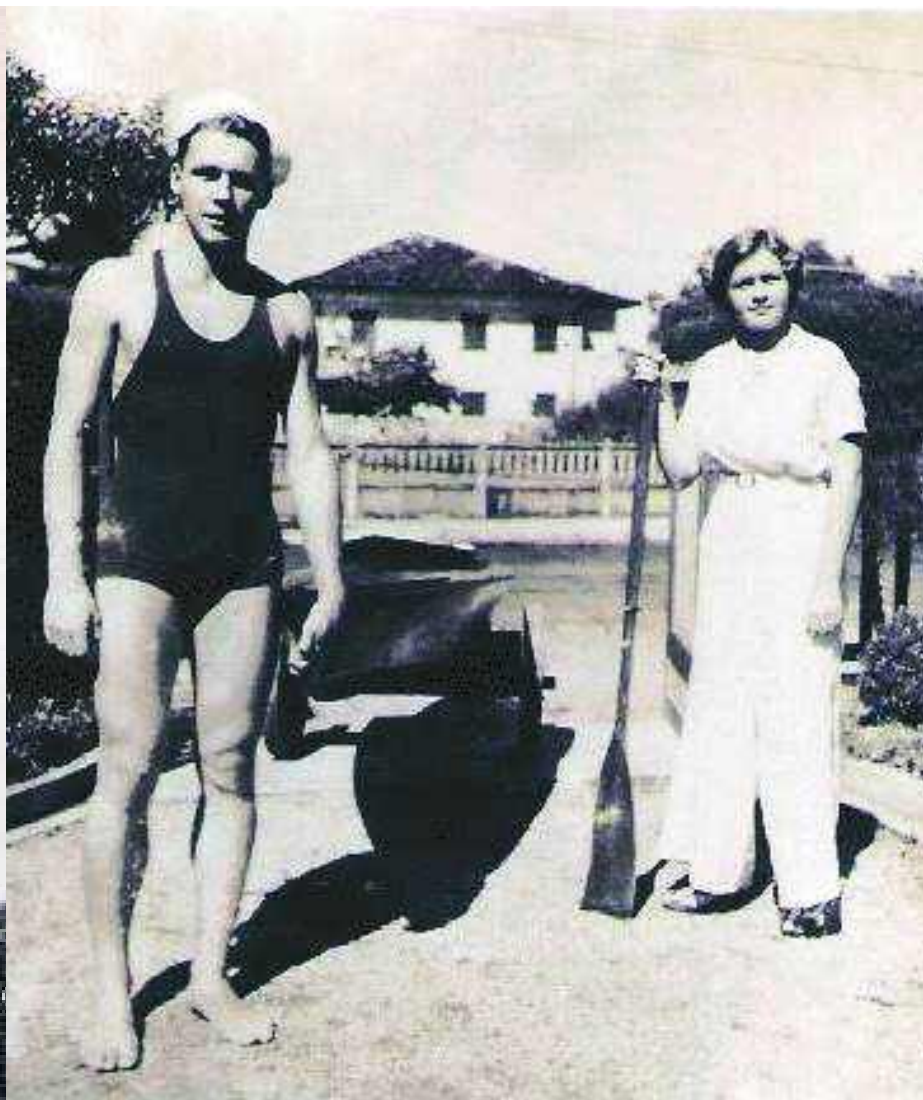


Thomas Rittscher e Margot Rittscher



Santos, onde o Surfe nasceu no Brasil

Thomas Rittscher e Margot Rittscher



Santos, onde o Surf nasceu no Brasil

O sonho começou a ser construído um ano e meio antes, quando o jovem Tommy recebeu de seu pai a revista Modern Mechanix and Inventions Magazine

THOMAS E MARGOT RITTSCHER

do. A ansiedade é grande. Margot e Tommy, como era carinhosamente chamado, vão colocar pela primeira vez na água a prancha que eles mesmos fizeram.

O sonho começou a ser construído um ano e meio antes, quando o jovem Tommy recebeu de seu pai a revista Modern Mechanix and Inventions Magazine. Thomas Rittscher, um homem ligado aos negócios de café, deixou Nova Jersey durante a Grande Depressão e retornara ao Brasil com a família. O alemão de Hamburgo já conhecia o país na juventude. Foi em terras

brasileiras que se apaixonou por Frida, filha de imigrantes alemães. Casaram-se e voltaram para a Alemanha. Antes da Grande Guerra estourar emigraram para os Estados Unidos.

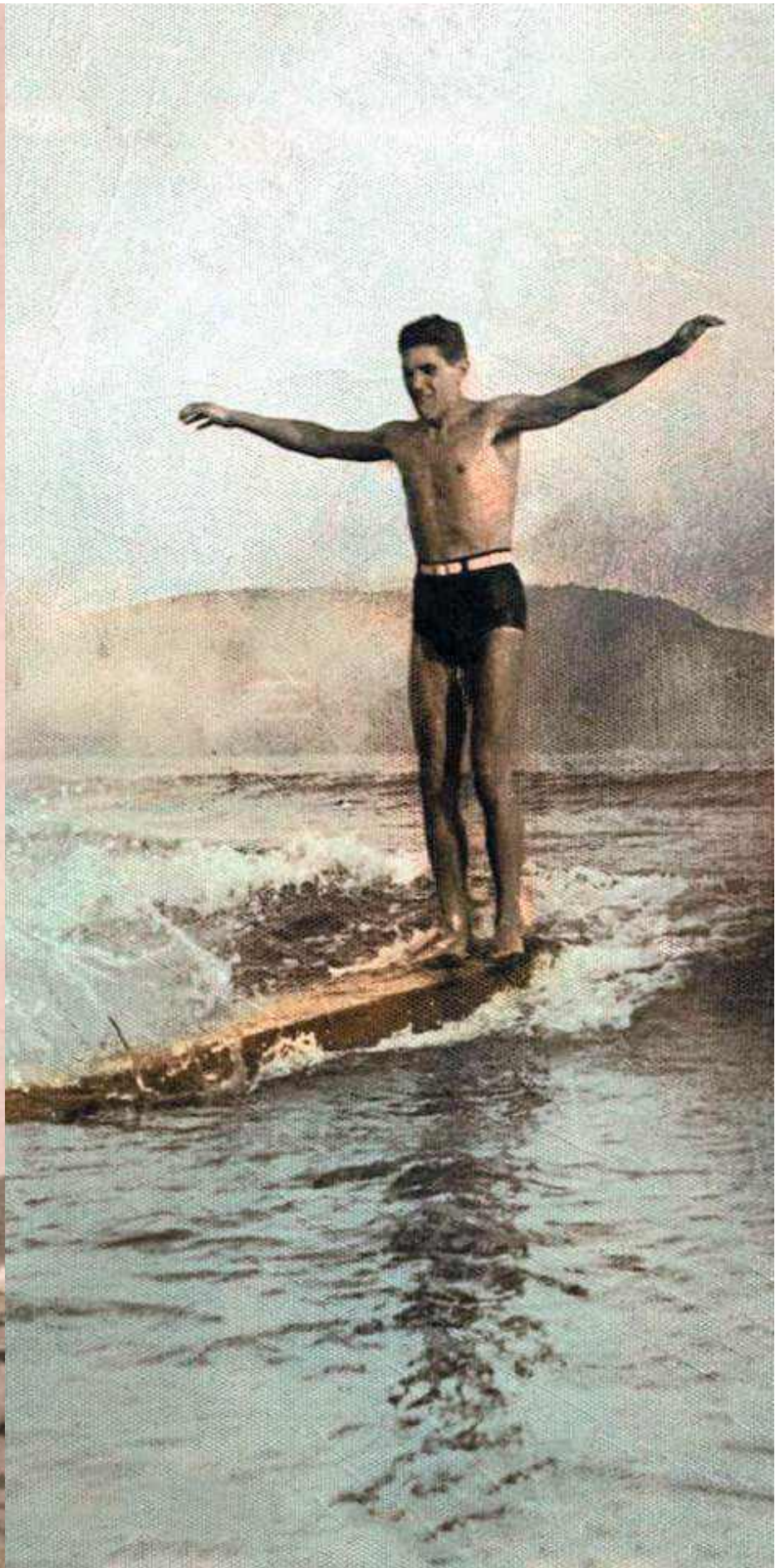
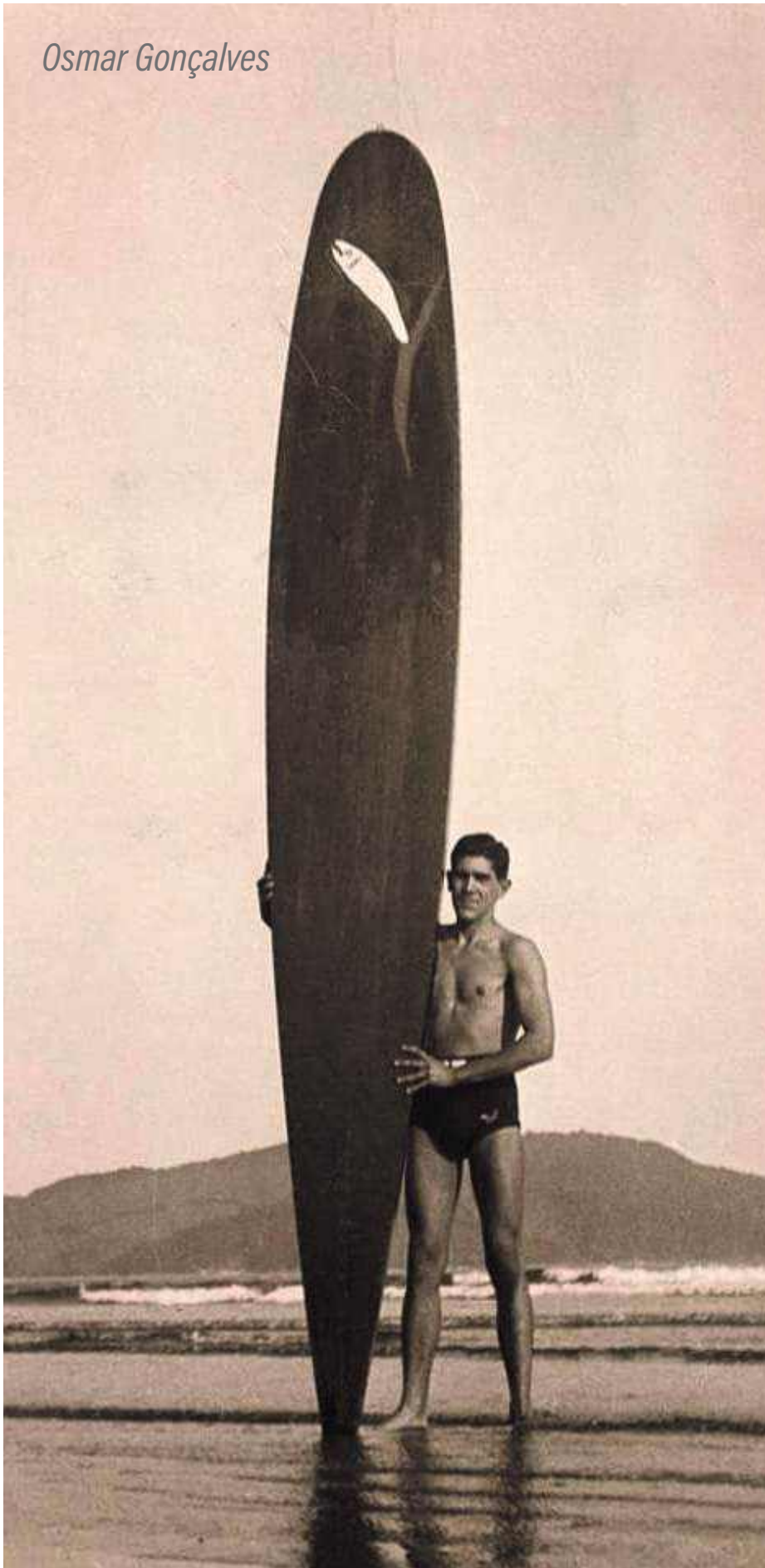
Nascido em 30 de julho de 1917, Tommy tinha 13 anos quando desembarcou no Brasil. Margot, 15. A família Rittscher se instalou em uma espaçosa casa na "barra", de frente ao mar no canal 5. Tommy passa a frequentar os clubes de regatas localizados na Ponta da Praia. Alto e forte, ele se destaca em

atividades aquáticas, praticando remo, vela, natação e salto em trampolim. Entretanto, nada se comparou ao encanto do que a publicação lhe revelara. Uma das reportagens da revista que o pai trouxera na bagagem de sua última viagem saltara aos olhos. A proeza dos homens que deslizavam sobre as ondas era algo milagroso. Junto à reportagem um passo a passo de como fazer a própria prancha. A engenhoca parecia uma versão fechada de um barco a remo olímpico. Tommy e Margot decidem construir a prancha juntos.

Naquela tarde, em meados da década de 1930, eles colocaram a prancha sobre a água e, na base da tentativa e erro, conseguiram o êxito de ficar em pé deslizando sobre o mar. Os pescadores que trocaram risos com os primeiros tombos do casal, assistiram perplexos quando um homem e uma mulher andaram sobre as águas. Era a primeira vez na história do surfe brasileiro.



Osmar Gonçalves



16



Santos, onde o Swiŕfe nasceu no Brasil

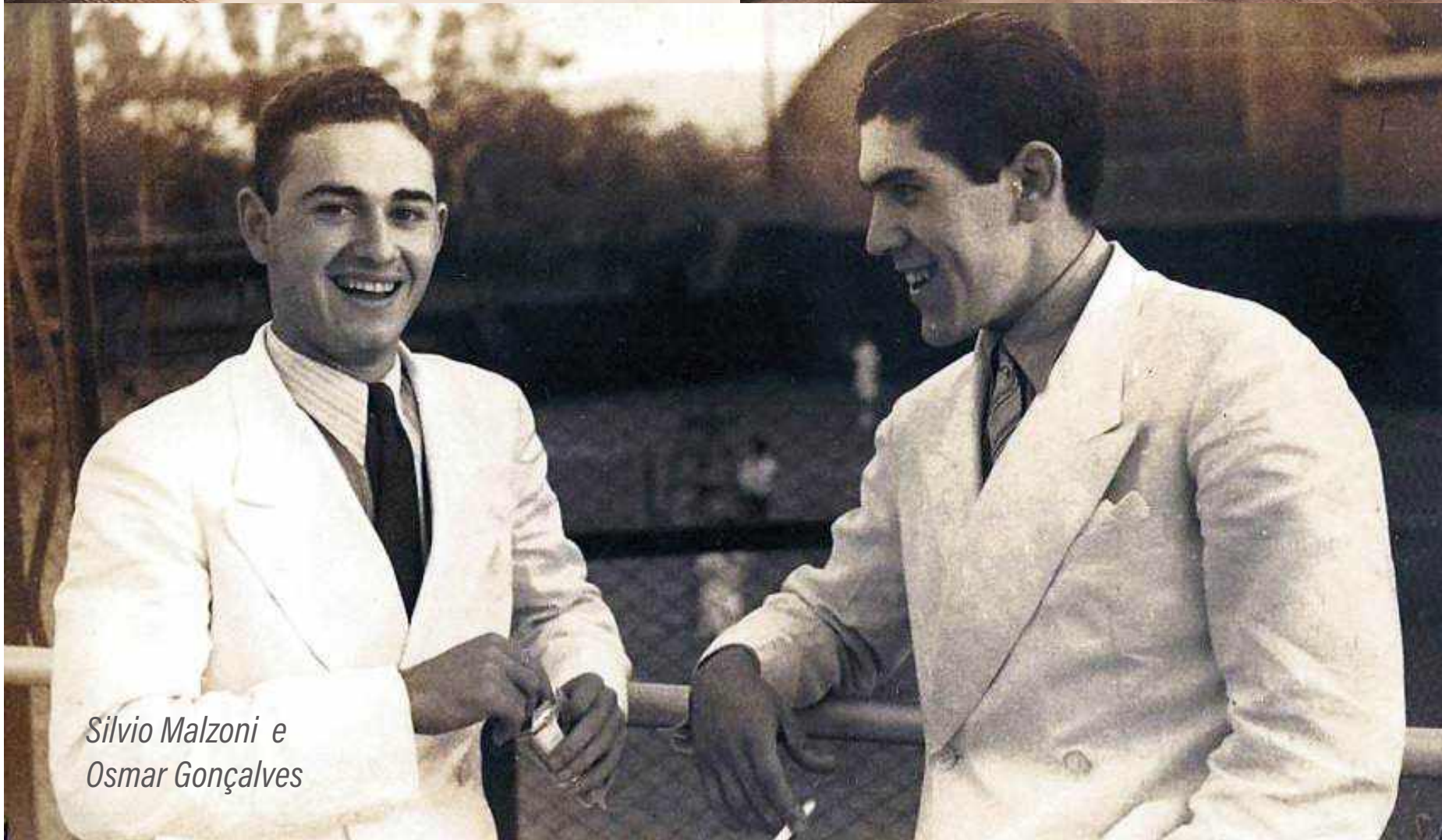
Jua Hafers



Santos, onde o Surfe nasceu no Brasil



18



*Silvio Malzoni e
Osmar Gonçalves*

Santos, onde o Surf nasceu no Brasil

OSMAR GONÇALVES, JUA HAFERS E SILVIO MALZONI

Benedito Gonçalves deixou Paraibuna para fazer a vida em Santos. A poderosa cidade portuária oferecia grandes oportunidades no setor cafeeiro. No início do século XX, Santos estava em transformação e recebia migrantes e imigrantes em busca de trabalho e riqueza.

O rapaz do interior tinha uma excelente caligrafia e aprendeu rápido o ofício. Os registros contábeis estavam sempre impecáveis e Benedito chamou a atenção pela sua inteligência. Alguns anos depois, acabou virando sócio da firma, fez amizades com outros empresários e expandiu seus negócios. Associou-se ao Francisco Malzoni, próspero produtor de café, e juntos criaram a MALGON & CIA.

Estabelecido, Benedito conheceu a jovem Dul-

cinéia Covas. Da união matrimonial do casal, nasceram cinco filhos: Cleomar, Edgard, Osmar, Marília e Gilberto.

Personalidade benquista na cidade, Benedito foi provedor da Santa Casa. Na sua gestão ocorreu a inauguração no novo prédio da Irmandade. O evento contou com a presença do presidente da República, Getúlio Vargas, em 2 de julho de 1945.

A sociedade com Malzoni prosperou e a firma montou uma filial em Nova York. As viagens para os Estados Unidos eram constantes e os novos negócios aconteceram. Eles foram os primeiros a importar leite em pó para o Brasil, da Land O' Lakes.

Além de produtos, Benedito trazia na bagagem muitas novidades e parte da cultura americana. Uma de suas publicações preferidas

era a Popular Mechanics. Em 1937, uma reportagem chamou a atenção: "Riding the Breakers". Nela, a lenda do surfe, Tom Blake, revelava segredos da sua tábua havaiana. Junto à reportagem um passo a passo de para que o leitor pudesse fazer a própria prancha "Tom Blake".

Ele entregou a revista ao filho Osmar. O terceiro descendente era esportista e gostava de praia. Osmar Gonçalves era muito amigo de Jua e do filho de sócio de seu pai, Silvio Malzoni. Todos ligados ao comércio cafeeiro. Jua Hafers, nascido em 1922, descendente de franceses e alemães, era neto de Luiz Suplicy e filho de João de Magalhães Hafers, um bem-sucedido comerciante da praça cafeeira.

Eles procuraram o tio de Jua, Tom Simonsen. O tio Tommy mantinha uma

Os brasileiros Osmar, Jua e Silvio, divertiram-se deslizando sobre as ondas de Santos, sob os olhares curiosos dos banhistas. Para eles era uma brincadeira, mas o trio estava escrevendo as primeiras linhas do surfe no Brasil.

oficina de carpintaria montada no fundo de sua casa, na avenida Ana Costa. O primeiro desafio foi encontrar a matéria-prima para construir a tábua havaiana. Indicaram um especialista em reparos e construtor de embarcações. Júlio Pulz, era um conhecido dono de estaleiro naval.

A fabricação da tábua havaiana foi um evento e mobilizou a comunidade. Irmãos, primos e amigos acompanharam a prancha em gestação. Ela ficou pronta em meados de 1938. Jua Hafers morava na rua Almir Martins à uma quadra da praia e a garagem de sua casa virou a hospedaria da prancha.

Os brasileiros Osmar, Jua e Silvio divertiram-se deslizando sobre as ondas de Santos, sob os olhares curiosos dos banhistas. Para eles era uma brincadeira, mas o

trio estava escrevendo as primeiras linhas do surfe no Brasil. Em menos de um século, a antiga tradição da polinésia iria se transformar em um dos esportes mais populares do País.

Em sua homenagem foi instituído o "Dia do Surf" no município e no Estado de São Paulo.





20

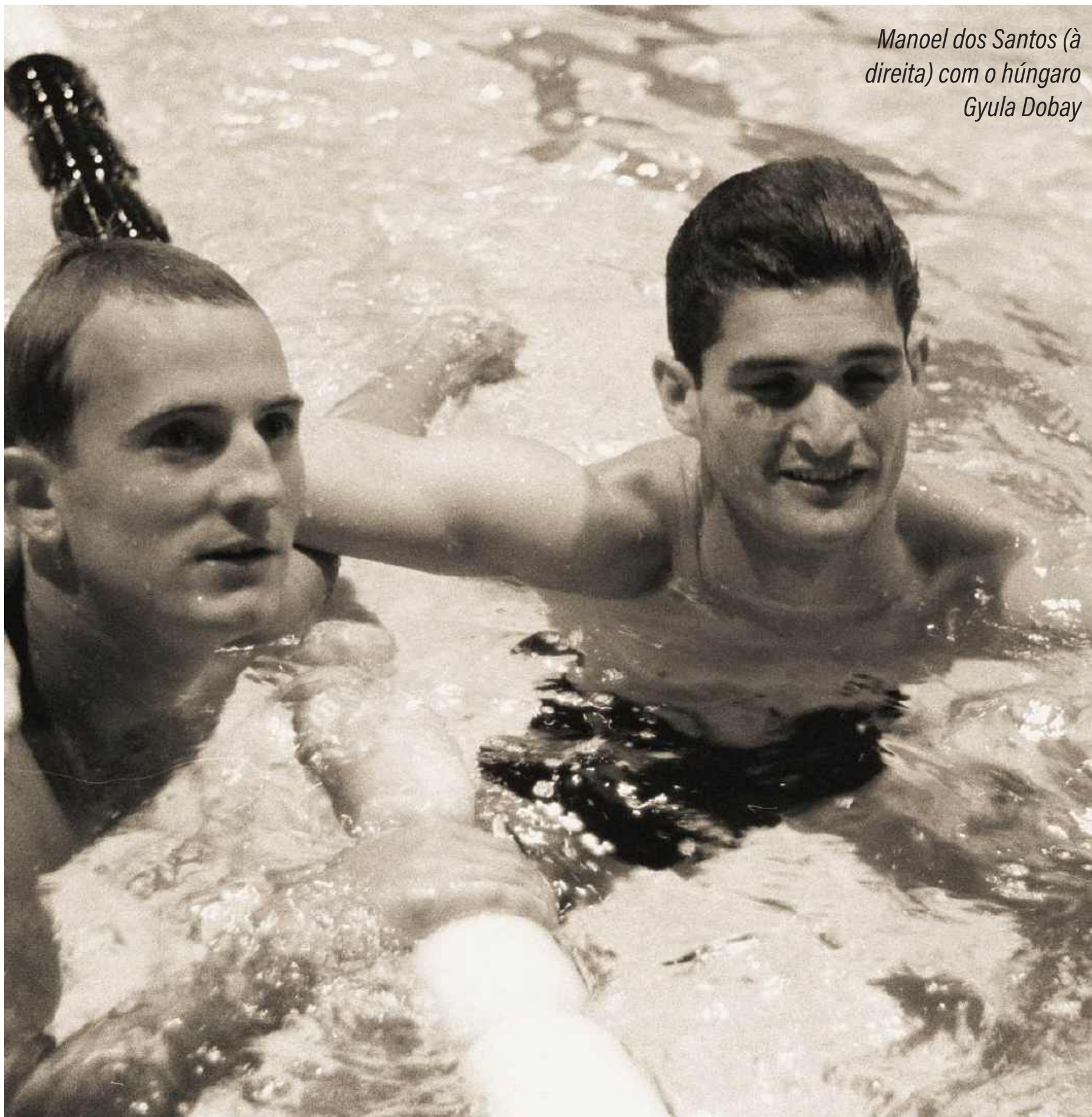




Surfistas e Artesãos do Surfe



*Manoel dos Santos (à
direita) com o húngaro
Gyula Dobay*



MANOEL DOS SANTOS, O RECORDISTA

Manoel dos Santos Junior partiu de Tóquio para Los Angeles, nos Estados Unidos. Na terra das grandes produções cinematográficas iria reencontrar o seu treinador Minoru Hirano para depois retornar ao Brasil. O convite para fazer uma escala no Havaí era irrecusável. A magia das ilhas havaianas estava nos cinemas e no imaginário do jovem atleta.

Nascido em Guararapes e criado em Andradina no interior de São Paulo, o menino aproveitava as tardes livres assistindo aos filmes do ídolo das telonas, o ator Johnny Weissmuller, imortalizado como Tarzan. Johnny ganhou cinco medalhas de ouro na natação nas Olimpíadas de

Nascido em Guararapes e criado em Andradina no interior de São Paulo, o menino aproveitava as tardes livres assistindo aos filmes do ídolo das telonas, o ator Johnny Weissmuller, imortalizado como Tarzan

1924 e 1928. Como seu pai era o dono do cinema, Manoel pedia para o operador de máquinas passar e repassar as fitas inúmeras vezes. Inspirado, o Tarzan de Andradina saía do cinema e mergulhava na Lagoa do Ramalho.

Manoel mudou-se para Rio Claro para estudar e nadar, por recomendação médica. Nascia ali um campeão. Sua performance nas piscinas chamou a atenção. Aos 13 anos entrou para a equipe de competição e dois

anos depois participou dos Jogos Pan-Americanos no México. Em 1957, buscando melhores condições, Manoel veio para Santos. No Clube Internacional de Regatas treinou com Adalberto Mariani e depois com o japonês Minoru Hirano, seu grande mestre.

Em 1960, Manoel conquistou a medalha de bronze nas Olimpíadas de Roma. Um ano depois, bateu o recorde dos 100 metros livres. Manoel era destaque no cenário internacional. Ainda em

1961, foi para Tóquio disputar o Campeonato do Japão. Na volta, o convite para competir no Havaí.

Foi lá, em Waikiki, que Manoel praticou o surfe pela primeira vez. Ele alugou uma prancha enorme e se arriscou no mar. Foi uma experiência maravilhosa. Na volta, de passagem por Los Angeles, realizou o sonho da infância e conheceu pessoalmente a estrela do cinema, Johnny Weissmuller.

Quando voltou ao Brasil contou as novidades para o amigo Jô Hirano, filho do seu treinador. Jô ficou entusiasmado. Inventivo, tomou a iniciativa de construir uma prancha de surfe. Eles fabricaram as primeiras pranchas de isopor com reforço (longarina) de madeira. Para isolar o isopor da resina, os jovens aplicaram fitas e mais fitas de durex. Frágeis, as pranchas não duravam muito.

Manoel já tinha se aposentado das piscinas. Ele aproveitava as manhãs e ia muito cedo para o Canal 1 ou Itararé pegar onda com o amigo Jô. Algumas vezes, um grupo de curiosos ficava na areia assistindo. A influência do nadador, ídolo de uma geração, provocou uma onda de transformação no esporte em Santos e São Vicente.





Surfista não identificado surfando com uma "caixa de fósforo" em Santos

Santos, onde o Surf nasceu no Brasil

Naquele ano de 1965, outros grupos de rapazes praticando o surfe e construindo novos modelos de pranchas começaram a aparecer nas praias santistas. A juventude ia tomando gosto pelo esporte

RIPPLE, A PRANCHA “CAIXA DE FÓSFORO”

A vitrola Philips do fusquinha estava tocando *I Fell Fine* dos Beatles. O toca-discos era uma das atrações inusitadas do Volkswagen invocado do Antenor. Às dez horas da noite daquela sexta-feira, Antenor, Dagoberto e Sérgio Heleno esperavam Paulo Miorim na porta do Colégio Canadá, em Santos. De lá pegariam a estrada para o Rio de Janeiro.

As viagens para a cidade maravilhosa se repetiam aos finais de semana. A antiga capital do país mantinha seu aspecto cosmopolita. Era a porta de entrada para as novidades do mundo inteiro. Naquele ano de 1964, a turma de santistas acompanhou a duplicação da Rodovia Dutra. No Rio se hospedavam na casa de parentes e amigos.

O sábado de primave-

ra amanheceu ensolarado na capital carioca. Os rapazes foram dar um passeio pela praia de Ipanema até chegar ao Arpoador. Do alto de suas pedras, vislumbraram surfistas descendo as ondas de pé sobre suas pranchas. Ficaram impressionados.

Quando chegaram a Santos, contaram para os amigos sobre a nova mania dos cariocas. Um deles, Antônio Di Renzo Filho, recordou que tinha guardado uma revista *Manchete* que trazia uma reportagem sobre o surfe, uma prática dos nativos havaianos que deslizavam sobre as ondas. Lembraram do amigo Gregório Stipanich, fabricante de barcos de pesca. A família de Gregório tinha um estaleiro no Japuí, em São Vicente. Da ideia para a fabricação de uma prancha foi um pulo.

Com as referências que possuíam, Gregório fabricou a primeira prancha tipo “caixa de fósforo”. Ela foi apelidada de Ripple (Ondulação). Paulo Miorim ia diariamente ao estaleiro acompanhar o andamento da produção.

A prancha ficou pronta e as férias chegaram. A turma resolveu fazer do batismo uma experiência única. A estreia em grande estilo foi na Praia do Pernambuco, no Guarujá. O dia estava chuvoso, o mar mexido e a praia deserta. Eles chegaram em três carros: a *Vemaguete* do pai do Paulo Miorim, o *DKW* do Moacir Rebelo dos Santos e o carro do Canarinho. Estavam ali reunidos toda a equipe de natação do Clube Internacional, entre outros. Uma prancha, quatorze rapazes.

Paulo Miorim tomou a iniciativa e colocou a prancha

na água. Ela flutuou. Passou a arrebenção com dificuldade, pegou a primeira onda e com ela o primeiro capote. Ficar de pé por alguns segundos foi o maior dos desafios do dia.

A frustração não diminuiu o entusiasmo dos jovens. Os dias se seguiram e a diversão continuou na praia do Itararé. Naquele ano de 1965, outros grupos de rapazes praticando o surfe e construindo novos modelos de pranchas começaram a aparecer nas praias santistas. A juventude ia tomando gosto pelo esporte.





Aos poucos o surfe tomou conta do canal 3, fazendo a cabeça de Miguel Sealy e dos amigos

As guerras afastam e, eventualmente, aproximam as pessoas. Essa situação rara uniu os ingleses Dudley James Sealy e Grace Hatfields Phelps. Com o término da Segunda Guerra Mundial, seguindo o destino de muitos britânicos, o casal de Liverpool emigrou para a América do Sul. Na Argentina, estabeleceram-se em San Pedro, uma província de Buenos Aires. Na fazenda do casal, nasceu Miguel Jaime Sealy.

Em 1953, a família mu-

terno, em Campinas. Nessa ocasião, a família já morava em Santos. De segunda a sexta, Miguel estudava e orava. Aos finais de semana, recebia a benção e a redenção. Miguel curti a praia do canal 6 ao lado do amigo de toda vida, Bruce Abrantes. Juntos fizeram um sorrisal, uma tábua circular que deslizava sobre a rasa lâmina d'água.

Naquela época, as lojas já comercializavam um tipo de prancha para pegar onda de peito. O bazar do "Turco" no

MIGUEL SEALY E AS MADEIRITES DO CANAL 3

Miguel frequentava a praia e compartilhou da cultura caiçara. Com os pescadores, aprendeu a fabricar e correr as ondas com canoas feitas de tronco de árvore.

dou-se para a cidade do Guarujá, no Brasil. Um paraíso para o garoto argentino de apenas cinco anos. Miguel frequentava a praia e compartilhou da cultura caiçara. Com os pescadores, aprendeu a fabricar e correr as ondas com canoas feitas de tronco de árvore.

Essa alegria e liberdade da praia duraram até os 12 anos. Preocupado com o futuro do filho, Dudley mandou o menino para um colégio in-

Boqueirão era um desses lugares. As pranchas variavam de 1 a 1,20 metro, eram feitas de madeira e tinham envergadura. O desejo de deslizar de pé esbarrava nas dimensões da pranchinha.

Sempre inventivos, Miguel e Bruce resolveram recorrer à tábuas maiores. Naquele tempo, a sede do Clube XV estava em construção. Os jovens invadiram o canteiro de obra e subtraíram um madeirite. Ele

cortou a prancha em casa e fez a envergadura queimando o bico. Para decorar, desenhou e pintou o personagem Big Kahuna da série Little Annie Fanny. Seu pai era professor de inglês e Miguel tinha contato com as publicações importadas, entre elas a Playboy Magazine. A revista proibida exibia os cartoons do irreverente herói.

A diversão tomou conta do canal 3. O jovem Luiz Carlos Frigerio já havia experimentado o surfe no Itararé. Ele descobriu a casa onde José Paioli escondia a enorme prancha de madeirite e

junto com o amigo Tutuca sequestravam a bendita. Foram descobertos quando Frigerio quebrou, sem querer, a prancha cativa.

A notícia do celeiro de madeirites se espalhou pelo reduto do canal 3 e os gatu-nos começaram a agir. Entre eles estavam Frigerio e Marcelo Pardal. A onda crescia pelas praias santistas.





28



*Apesar da
intimidade com
o mar, o surfe
apareceu na vida
de Tuko de forma
circunstancial,
por influência dos
nadadores que
já conheciam o
esporte*



Santos, onde o Surfe nasceu no Brasil

Os primeiros contatos de Adalberto Mariani Junior, o Tuko, com a água ocorreram ainda na primeira infância, durante os passeios pela praia do Boqueirão e nos mergulhos na piscina do Colégio Marçal (depois Montserrat e hoje Santa Cecília).

Filho do renomado nadador e treinador Adalberto Mariani, irmão de Eduardo e primo de Orlando Mariani, o Patriota, Tuko nasceu no dia 8 de julho de 1947 e ganhou o apelido da avó materna, quando ainda era pequeno.

o menino herdou a paixão pelo mar. Ele gostava de ficar na proa do baleeira de casco trincado (estilo clássico de casco), que avançava cortando a água até a Praia da Cortadura - uma pequena faixa de areia ao final da murada da Fortaleza da Barra - enquanto o pai remava do Clube de Regatas Vasco da Gama, atravessando o canal. No canto da prainha tinha uma pequena gruta, onde Tuko imaginava o esconderijo dos antigos piratas, tanto que ele chamava a Cortadura de Praia do Pirata.

de 1965, ele fabricou sua primeira prancha de madeirite.

Tuko frequentava a Praia do Boqueirão, mas viveu inesquecíveis aventuras até o Guarujá, atravessando de carro pelo Ferryboat e depois cortando uma fazenda de gado pelo caminho. Entre bois e vacas, ao lado de Lacreia, Douglas Going, Bob Salmona e outros, Tuko chegava ao Tombo, uma praia ainda nativa e pouco conhecida. Tudo ao som dos The Beach Boys que já encantavam com suas músicas da ensolarada Califórnia. Como ainda não existiam lojas com roupas para surfistas, sua mãe, dona Jurema Goulart Mariani, confeccionava bermudas e camisetas, copiadas das revistas americanas de surfe. Foi assim que Tuko apareceu num cartão postal do Guarujá, na praia das Pitangueiras criando moda com uma dessas bermudas.

No verão de 1965/66, Tuko experimentou pela primeira vez uma prancha de fibra de vidro havaiana - a histórica prancha Tiki - que serviu de modelo para o desenvolvimento das pioneiras Glaspac Surfboards. Tuko surfou com ela no Arpoador, época em que já tentava algumas manobras, basicamente o Hang Five e o Hang Ten.

Nos anos 1967 e 1968, ele participou da equipe que organizou os dois primeiros campeonatos de surfe do estado de São Paulo, na Praia das Pitangueiras, patrocinada

do pelo antigo Clube da Orla. As fotos dentro d'água publicadas no Jornal da Tarde em 1967, foram tiradas por ele, a pedido do fotógrafo oficial do jornal. Como ainda não existiam fotógrafos profissionais de surfe, Tuko pode ter sido o primeiro fotógrafo amador a registrar dentro d'água no estado de São Paulo e um dos primeiros no Brasil.

Em 1968 participou do primeiro campeonato realizado em Santos, o 1º Torneio de Surfe do Caiçara Clube. Ele alcançou a sexta colocação, empatado com Bruce Abrantes. Tuko já estava com 21 anos e nesse tempo já trabalhava (desde maio 1966) pela Ormesa no Armazém 12 do Porto, registrando as exportações e importações, informações que depois eram transferidas para o banco de dados do "Cérebro Eletrônico" (como eram chamados os computadores da época).

O surfe foi se tornando cada vez mais esporádico na vida de Tuko. Ele, que sempre viveu no mar e pelo mar, retornou às suas origens, ao mergulho, para nunca mais sair.

ADALBERTO MARIANI JUNIOR, O TUKO

No verão de 1965/66, Tuko experimentou pela primeira vez uma prancha de fibra de vidro havaiana - a histórica prancha Tiki - que serviu de modelo para o desenvolvimento das pioneiras Glaspac Surfboards

Seu pai foi um grande incentivador do esporte e uma das maiores referências do País, tanto que serviu de inspiração e modelo para o Atleta Náutico Santista, homenagem em estátua situada na Ponta da Praia, feita pelo escultor ítalo-brasileiro Caetano Fraccaroli.

Além do nome do pai,

Aos 12 anos de idade, Tuko ganhou do pai o seu primeiro arbalète para caça submarina, época em que morava na rua Antônio Damin, na Ponta da Praia, e atravessava o mesmo canal a nado. Foram incontáveis vezes ao lado de outros amigos e nadadores, como José Roberto Fernandes, o Lacreia, os irmãos Eduardo e Edgar Moura Nogueira, o Canarinho, e Allan Torrecilla. Apesar da intimidade com o mar, o surfe apareceu de forma circunstancial, por influência dos nadadores que já conheciam o surfe. Por volta





*Ainda pequeno,
Cocó pegava
onda de
pranchinha nos
quebra-cocos que
se formavam em
dia de ressaca
na Praia do
Gonzaguinha, em
São Vicente*



Santos, onde o Swiße nasceu no Brasil



Eduardo Faggiano, o Cocó, nasceu em 24 de janeiro de 1951, em São Paulo. Quando ele tinha apenas um ano, a família mudou-se para São Vicente, a uma quadra da praia. Ainda pequeno, Cocó pegava onda de pranchinha nos quebra-cocos que se formavam em dia de ressaca na Praia do Gonzaguinha, em São Vicente.

Sua vida começou a mudar aos 13 anos de idade. Em 1964, ele viu numa edição da revista O Cruzeiro a foto

a placa no tamanho da prancha e correu pro mar na tentativa frustrada de ficar de pé como os rapazes da revista.

Dias depois o amigo Paulo Mansur falou que o pai trouxe uma prancha de surfe do Rio de Janeiro para decorar a casa. Cocó ficou curioso e foi conferir o lindo modelo de madeira maciça, bico envergado, quilha e borda arredondada. Uma obra de arte aos olhos do garoto.

Foi quando o entusiasmo de Cocó contagiou o pai, Geraldo Faggiano. O concei-

dos pioneiros no Brasil a surfar com uma tábua havaiana. Esse pessoal revelou que havia sido lançado no mercado um novo material, mais fácil de trabalhar, o madeirite. Eles ainda explicaram a mágica de curvar o bico esquentando a madeira com água fervendo, tornando-a flexível e moldável.

Com uma folha de madeirite era possível fazer até duas pranchas. Quando Geraldo fez a primeira, a galera correu pro mar e experimentou pela primeira vez a sensação de ficar de pé e cortar a onda.

A notícia se espalhou e contagiados pela novidade e pela semelhança, a garotada passou a assediar os tapumes de obras. Os roubos de tapumes saíam nos jornais, enquanto o surfe de madeirite avançava pelas praias do Itararé.

O tempo passou e num determinado dia, Geraldo descobriu numa edição da revista Popular Mechanics em espanhol, uma novidade na fabricação de pranchas: o poliuretano. Geraldo se debruçou sobre os novos materiais flutuantes. Uma turma ia até a casa dos Faggiano na rua Cândido

Rodrigues, em São Vicente, acompanhar o professor Geraldo fabricando pranchas cada vez melhores, entre eles Nei Sobral, Julinho, Jô Hirano e os irmãos Argento. Geraldo fazia tudo em isopor e avançava com o uso da resina. As pranchas foram um sucesso e a molecada começou a procurar orientação do Geraldo. Ele passou a dar dicas sobre a compra e o uso de materiais e ainda supervisionava a fabricação.

No início da década de 1970, Cocó encontrou o Paulinho Issa em Ubatuba, ainda um recanto isolado com acesso de estrada de terra. Foi um dia surreal, com ondas perfeitas no Canto do Baguari, na Praia Grande. Depois de todos esses anos, Paulo ainda estava com uma prancha feita na casa dos Faggiano e o irmão com uma São Conrado Surfboards.

Paulo viu a pranchinha de 1,75m de Cocó, feita de isopor, e fez o convite pra montar uma fábrica de pranchas. A fábrica surgiu na casa da mãe de Cocó, na rua Indiana em São Paulo. Nascia ali a Squalo Surfboards. No começo, Cocó ainda usava cavaletes, serrotes e raladores para shapear as primeiras pranchas ao ar livre, no quintal da casa.

A história de sucesso da Squalo envolveu Russel Coffin, o início com blocos Roger Foam e uma infinidade de inovações que ainda serão contadas.

O LEGADO FAGGIANO

No verão de 1965/66, Tuko experimentou pela primeira vez uma prancha de fibra de vidro havaiana - a histórica prancha Tiki - que serviu de modelo para o desenvolvimento das pioneiras Glaspac Surfboards

de dois surfistas sobre pranchas de madeira na Ponta do Arpoador. Era o anúncio de um esporte que começava a se difundir no Rio de Janeiro. A matéria ainda detalhava as dimensões da prancha, despertando a curiosidade e o espírito construtivo de Cocó.

O garoto foi numa madeireira da avenida Frei Gaspar e comprou uma placa de 2,20m x 0,35m de largura e 2cm de espessura. Ele cortou

tuado professor de Educação Física conversou com o Paulo Jorge Mansur, deputado federal e pai de Paulo, Gil e Beto Mansur, e conseguiu tirar a prancha da casa dele. Eles foram juntos até o Tumiaru. O Tumiaru era um clube de regatas e o departamento de remo tinha uma marcenaria própria. Os experientes marceneiros do Tumiaru ainda guardavam o projeto da prancha do Osmar Gonçalves, um



Com a ajuda de Miorim e dos amigos, a Glaspac criou a prancha que se tornaria campeã de vendas



32



Santos, onde o Surf nasceu no Brasil

Os dias se seguiram e a diversão com a prancha caixa de fósforo inaugurada na Praia do Pernambuco continuou na Praia do Itararé, em São Vicente.

Naquela época, além do modelo caixa de fósforo (prancha oca de madeira), as pranchas feitas a partir das tábuas de madeirite, mais fáceis de fazer, se tornaram febre nas diversas praias santistas e o surfe se popularizou cada vez mais entre os jovens.

A viagem se transformou em uma verdadeira saga. Miorim pegou a Vemaguete (perua DKW) escondida do pai e junto com os amigos Sérgio Heleno e Di Renzo amarraram a prancha no teto do carro e seguiram para São Paulo, pela Via Anchieta.

Na Glaspac foram recebidos por um dos proprietários, um brasileiro descendente de ingleses. Naquela segunda-feira, ficou combinado que a empresa devolveria a prancha três dias de-

na construção do modelo desejado.

A Glaspac fabricou a prancha que se tornaria campeã de vendas. Feita com poliuretano e manta de vidro, a prancha foi um marco no desenvolvimento do esporte no estado de São Paulo.

Contudo, essas pranchas ainda não eram shapeadas. O poliuretano era injetado no interior das placas de fibra de vidro.

A fabricação de pranchas feitas a partir de blocos

A viagem se transformou em uma verdadeira saga. Miorim pegou a Vemaguete (perua DKW) escondida do pai e junto com os amigos Sérgio Heleno e Di Renzo amarraram a prancha no teto do carro e seguiram para São Paulo, pela Via Anchieta

MIORIM E A HISTÓRIA DA PRANCHA GLASPAC

Apesar disso, Paulo Miorim e os amigos já sabiam que as melhores pranchas eram fabricadas com fibra de vidro. Descobriram um exemplar da prancha havaiana Tiki na garagem de barcos do primo do Sérgio Heleno. Uma peça que seria o elo para o desenvolvimento do novo modelo.

Eles buscaram uma indústria que fabricava peças de fibra de vidro, em Santo Amaro, a Glaspac. A ideia era levar a prancha Tiki para que a empresa fizesse o molde. Em troca eles teriam três exemplares, os protótipos da nova prancha.

pois, tempo suficiente para construir o molde.

A viagem de volta seguiu pela avenida Jabaquara. O trajeto passaria pela Vergueiro, mas no entroncamento, a Vemaguete se envolveu em um acidente. O plano feito às escondidas ganhava um novo contorno, mas com final feliz.

Na quinta-feira, a ansiedade tomou conta dos rapazes. As pranchas entregues eram ocas, com uma longarina de madeira e não foram aprovadas. Uma nova negociação se seguiu e a empresa, confiante no potencial desse mercado, se dedicou

de poliuretano com o talento artesanal dos "shapers" foi uma inovação. O papel desses artesãos, responsáveis pelo salto qualitativo e aumento da performance dos praticantes e atletas, será conhecido nos próximos capítulos.



Os membros do clube ajudavam os salva-vidas a resgatar os banhistas, melhorando a relação com os bombeiros e a sociedade



Santos, onde o Surfê nasceu no Brasil

Apraia é naturalmente o espaço de chegadas e partidas. Nas areias e nas águas, pessoas, culturas, sonhos e desejos, circulam e navegam.

Na década de 1960, a cidade de Santos, praia e portuária, se mostrava sensível às mudanças que rolavam pelo mundo. No espaço democrático da praia, a saudável juventude caçara experimentava novos hábitos trazidos pelos ventos da livre e atraente cultura de praia da costa oeste norte-americana.

O surfe começava a se popularizar rapidamente. Os

abrigava pequenas vagas de carros com portas de ferro.

Uma dessas vagas pertencia à família de Petito Batendieri. A mãe de Petito cedeu a garagem vazia para a turma do filho. O lugar privilegiado virou guardaria para as pranchas e pertences de todos. No espaço democrático os jovens experimentaram o verdadeiro espírito Aloha. Qualquer um podia pegar qualquer prancha.

A garagem passou a ser um lugar de encontro e conversa. Quando não tinha onda, os rapazes jogavam gol caixote no pátio das garagens

o desenho do mastro da embarcação naufragada no Canal 3. O chifre metálico emergso era a identidade do pico.

A união se tornou importante. Os membros do clube ajudavam os salva-vidas a resgatar os banhistas. Essa atitude melhorou a relação com os bombeiros e a sociedade. A integração foi uma forma de combater o preconceito.

Bruce Abrantes, Miguel Sealy, Frigerio, Ucho, Petito, Nando Gouveia, Pretinho, Dani, Marcelo Pardal, Paulo, Lucio, Toninho Campos, Paulo Sacramento, Allan, Timó,

Nas longas viagens pela costa litorânea até as praias cariocas, o grupo conheceu Mudinho e Rico, surfistas conhecidos do Rio e que fizeram parte da família santista de surfe. O esporte se fortaleceu na região, tornando eterno o sonho de toda uma juventude.

PETITO E O BIG KAHUNA SURF CLUB

A praia é naturalmente o espaço de chegadas e partidas. Nas areias e nas águas, pessoas, culturas, sonhos e desejos, circulam e navegam

jovens santistas passaram a formar uma tribo de surfistas. No Canal 3 a tribo atravessou a avenida Vicente de Carvalho. O poeta do mar apontava o novo endereço daquela aldeia que se formava.

O tradicional Paulistânia, belo edifício dos anos 1940, ficava na rua Pindorama com a praia. A garagem do prédio abria-se francamente para a rua. O pátio

ou simplesmente deixavam o dia passar.

Foi num desses dias que surgiu a ideia de fundar um clube destinado ao surfe. Bruce Abrantes, Miguel Sealy e Frigerio criaram o nome e a logomarca. O nome do clube foi inspirado no herói, líder surfista da comics Little Annie Fanny, publicado na Playboy Magazine: o Big Kahuna. E a logomarca era

Gino, Vaselina, Durval, Zizi, Lacraia, Davis, Fausto Falaschi, Carla Canepa, Vera Leães e tantos outros transformaram o local na pequena Califórnia do Canal 3.

Em 1968, Frigerio e Miguel Sealy se inscreveram no Campeonato de Surfe como representantes de equipe. O feito inédito foi destaque no jornal e colocou os surfistas como membros do Big Kahuna Surf Club.

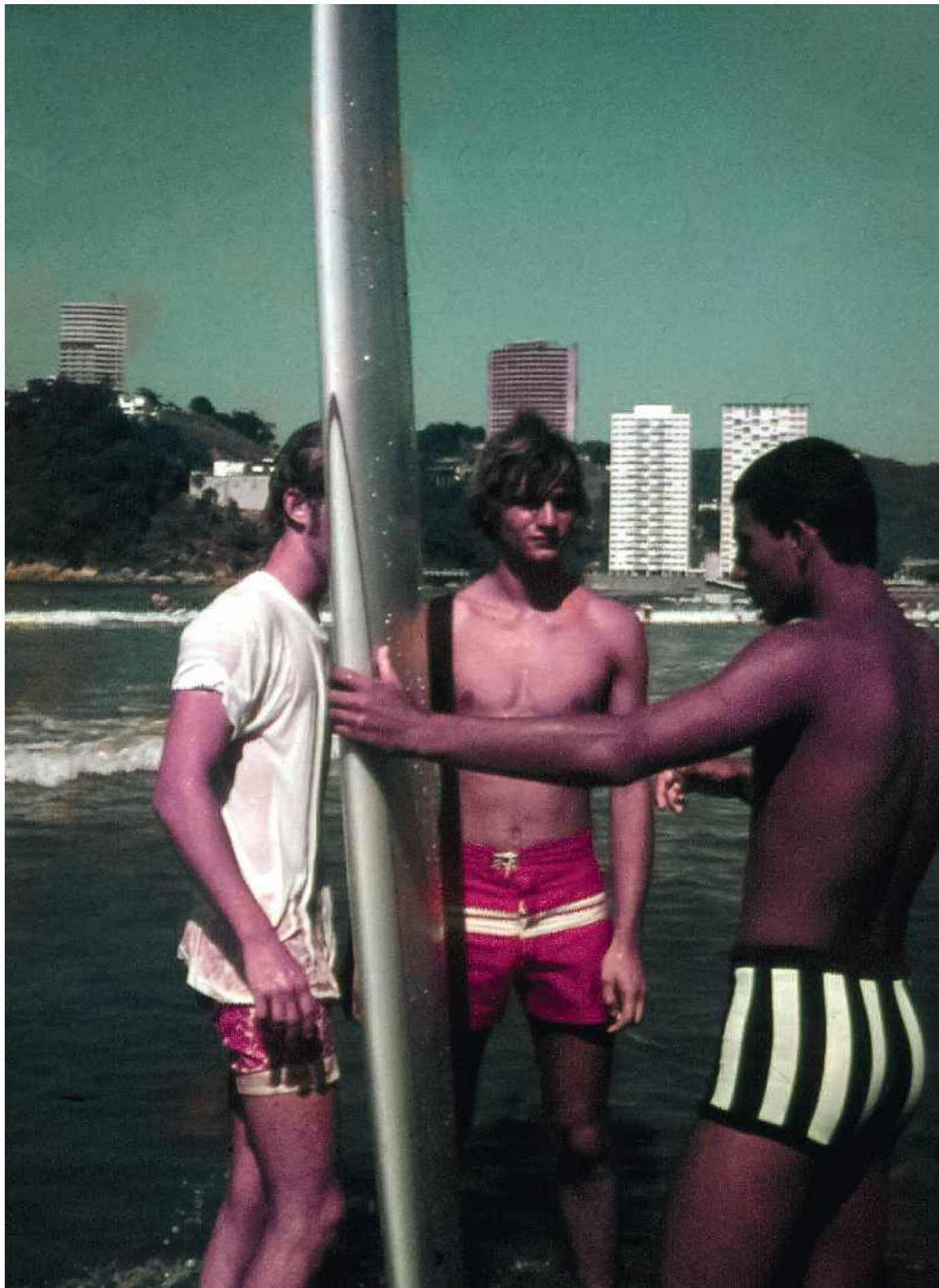




36



*Eduardo Nogueira
começou a pegar suas
primeiras ondas na
Praia do Itararé, em
São Vicente*



Santos, onde o Swiŕfe nasceu no Brasil

EDUARDO NOGUEIRA

O Canal 3 era o seu pico preferido de surfe em Santos e reconhecia em Nando Gouveia, Frigerio, Miguel Sealy, Vaselina e Pretinho os melhores surfistas da região.

O nascimento do filho Eduardo foi o presente de Natal para José Nogueira e Maria Antonieta Moura. O menino, caçula de três irmãos, veio ao mundo no dia 25 de dezembro de 1947, na cidade de Ribeirão Preto, e brilharia em vários palcos do planeta.

Ainda pequeno, Eduardo Moura Nogueira mudou-se com os pais e os irmãos mais velhos Gilberto e Edgar, o Canarinho, para Santos. Aos 15 anos, competindo pelo Clube Internacional de Regatas, Eduardo ganhou o apelido de Piolho, tornando-o conhecido entre os colegas da natação.

Eduardo conheceu o surfe de alto nível no Arpoador, na efervescência dos anos 1960, com destaque para Mudinho, seu maior ídolo, mas começou a pegar suas primeiras ondas na Praia do Itararé, em São Vicente. Naquela época São Vicente

tinha um grande número de surfistas, entre eles Manoel dos Santos, o mais antigo surfista que Eduardo conheceu. Manoel foi o primeiro brasileiro recordista mundial dos 100 metros nado livre e o primeiro a experimentar as ondas havaianas.

Foi com a ajuda de Dudu Argento que ele fez sua primeira prancha e, depois, com a venda dela para o filho do presidente do Clube da Orla do Guarujá, comprou uma Hansen Surfboards de um carioca. Na companhia de Eduardo Mariani, filho do consagrado treinador Adalberto Mariani, Piolho e sua Hansen saíram numa surftrip até Saquarema, passando pelo Arpoador, no Rio.

A aproximação com o presidente do Clube da Orla

foi o primeiro passo para a organização do I Campeonato de Surf do Estado de São Paulo, em 1967. O sonho era atrair os cariocas, experientes em competições no Rio e no surfe internacional. Com a ajuda dele, três grandes nomes garantiram sua presença na arbitragem do evento: o campeão carioca Jorge "Persegue" Bally, Rafael Gonzalez e Geraldo Fonseca. Piolho foi de Kombi busca-los no aeroporto de Congonhas.

O campeonato ganhou uma grande proporção e contou com o apoio da Prefeitura do Guarujá. O Jornal A Tribuna fez a cobertura da competição, outros cariocas vieram no embalo, entre eles Fabio Kerr, Mario "Braço" Brants, Luís Pastor e Mario da Costa e Silva, entoados pelo hit The

More I See You, do cantor californiano Chris Montez, uma das atrações do evento. Piolho foi declarado campeão da categoria seniores e Fernando Mittelman venceu entre os juniores. O campeonato foi um sucesso, com 66 inscritos, o primeiro de uma sequência de três.

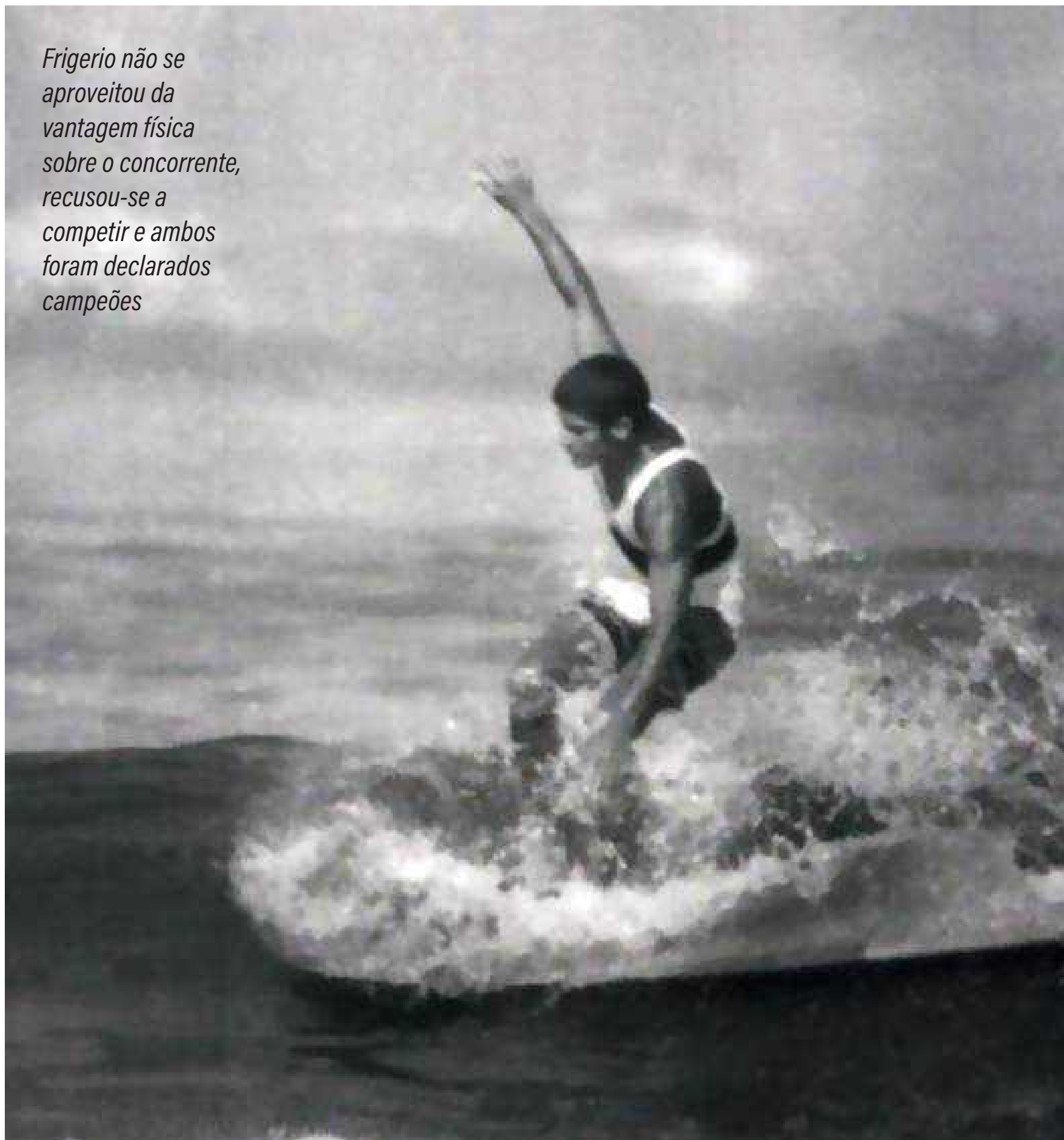
O Canal 3 era o seu pico preferido de surfe em Santos e reconhecia em Nando Gouveia, Frigerio, Miguel Sealy, Vaselina e Pretinho os melhores surfistas da região. No ano seguinte, no início de 1968, Piolho mudou-se novamente. O destino agora era a capital paulista. Em São Paulo morou na Vila Buarque, um bairro estudantil que fervia na luta contra o período mais duro da ditadura.

O ambiente cultural lhe trouxe oportunidades. Eduardo fez cinema amador, escola de teatro e comerciais. Nesse mesmo ano de estreia conquistou o prêmio de melhor ator no Festival de Cinema Amador JB/Mesbla, pela atuação no filme Um Clássico, Dois em Casa, Nenhum Jogo Fora, de Djalma Batista. O filme levou todos os prêmios e revelou Eduardo Nogueira.

Tempos depois, casado, construiu uma carreira bem sucedida na área comercial e de marketing. Pai de dois filhos, o jornalista Bruno e a produtora Fernanda, Nogueira viveu na Califórnia nos últimos 20 anos, surfou em Malibu e Manhattan Beach, e agora retornou a Santos, a cidade que lhe projetou para o mundo.



Frigerio não se aproveitou da vantagem física sobre o concorrente, recusou-se a competir e ambos foram declarados campeões



Luiz Carlos Frigerio nasceu em Santos no dia 9 de dezembro de 1949. Desde pequeno, o garoto se envolveu com esportes e recreação. Ele fez parte da equipe de competição de ginástica olímpica do Clube Internacional e gostava de frequentar a praia.

do sarrafo de madeira. O pai ainda fez uma pintura automotiva prata, tinta que estava sendo usada na pintura de um carro. Ao fim, Frigerio que tinha quebrado uma tábua, devolveu um "avião" para o amigo Paioli.

A onda crescia pelas praias santistas e o surfe se

A onda crescia pelas praias santistas e o surfe se popularizava rapidamente. A turma se reunia na garagem do Edifício Paulistânia.

LUIZ CARLOS FRIGERIO, O LEGADO DE UM CAMPEÃO

Aos 16 anos, o jovem experimentou o surfe na praia do Itararé, em São Vicente. Ele descobriu a casa onde José Paioli escondia sua enorme prancha de madeirite e junto com o amigo Emerson de Paula, o Tutuca, tomaram a tábua emprestada. De tanto tomar capote, Frigerio acabou quebrando o bico da prancha. Ele assumiu a culpa e o prejuízo.

Ele conseguiu a matéria-prima nas obras do Clube XV. Os tapumes de madeirite eram ideais para construir a nova prancha e Frigerio contou com a ajuda do pai, Carlos, diretor da A.D. Moreira. Ao lado da loja existia a oficina do Espanhol. O marceneiro inovou na curvatura do bico usando uma prensa e adaptou a quilha entre cantoneiras de ferro ao invés

popularizava rapidamente. A turma se reunia na garagem do Edifício Paulistânia. Lá passou a ser um lugar de encontro e conversa. Quando não tinha onda, a mocidade jogava gol caixote no pátio ou simplesmente deixavam o dia passar.

Foi num desses dias que surgiu a ideia de fundar um clube destinado ao surfe. Bruce Abrantes, Miguel Sealy, Marcelo "Pardal", Petito e Frigerio criaram o espaço, o nome e a logomarca inspirado no herói, líder surfista da comics Little Annie Fanny, Big Kahuna. A união se tornou importante. Os membros do clube ajudavam os salva-vidas a resgatar os banhistas. A integração com os bombeiros e a sociedade ajudou a combater o preconceito.

Em 1968, Frigerio, Marcelo e Miguel se inscreveram

no Campeonato Aberto de Surfe do Ilha Porchat, pela primeira vez como representantes de equipe. O feito inédito foi destaque no jornal e colocou os surfistas como membros do Big Kahuna Surf Club.

No ano seguinte, em março de 1969, ocorreu o 3º Campeonato Paulista de Surf. Os amigos Marcelo "Pardal" Guimarães e Frigerio atravessaram a balsa e foram juntos no Karmann Guia do pai de Marcelo para a Praia de Pitingueiras. Foi o primeiro campeonato que foram usadas as pranchas Mini-Models. Luiz Carlos Frigerio, vice-campeão paulista da edição anterior, era um dos favoritos na categoria seniores.

Ele chegou à final para disputar o título contra o paulistano Christian, porém o concorrente tomou uma pranchada nas costelas durante a fase eliminatória e não estava em condições de competir. Frigerio foi incentivado a entrar na água e garantir o título isolado. Ele não se aproveitou da vantagem, recusou-se a competir e ambos foram declarados campeões. Foi também escolhido o melhor surfista do campeonato e premiado com um fim de semana no recém-inaugurado Casa-grande Hotel.

O surfista que chegou a fazer número de mágica em circo, formou-se em Arquitetura, na cidade de Mogi das Cruzes. Foi concursado pela

Prefeitura de São Paulo, mas nunca abandonou a magia e as praias. Junto com o amigo e médico Jorge Clemente encantava crianças internadas em hospitais e fazia longas caminhadas à beira mar.

No dia 5 de dezembro de 2020, aos 70 anos, Frigerio partiu em sua última jornada. Ele viveu o verdadeiro espírito Aloha, compartilhando com alegria a energia da vida.

Viva o nosso eterno Big Kahuna!



*Com a Rural Willys
começou as surftrips
pelo litoral norte,
especialmente
Juqueí, ou mesmo
na distante Ubatuba
onde os amigos
ficavam acampados
por dias*



Gino Andersen Sartti nasceu em 19 de outubro de 1950 em Santos, onde viveu durante suas duas primeiras décadas de vida até mudar-se para São Paulo. Começou a praticar o surfe no verão de 1965. Ele era jogador de tênis, desejava ser tenista profissional, até o dia que foi com a turma do Tênis Clube de Santos para a praia do Canal 3 e viu um pessoal pegando onda. Gino arriscou-se com uma prancha de madeirite emprestada e conseguiu equilibrar-se sobre a tábua por alguns segundos, o suficiente para se encantar e mudar sua vida. Ele nunca mais entraria numa quadra de tênis, pelo menos até os seus 30 anos de idade.

Gino se entregou de corpo e alma para o surfe. Ao lado dos amigos Paulo Carvalho, Ucho Carvalho e Dani Machado formaram um quarteto. Seus ídolos eram o Allan Torrecillas e José Roberto, o Lacreia. Juntos viveram a transição do madeirite para as pranchas de fibra e o grande salto para as pranchas

de fibra de vidro da Glaspac. Ele pertenceu ao Big Kahuna Surf Club criado pelos amigos do Canal 3, entre eles, Petito Kannebley, Marcelo Pardal, Bruce Abrantes, Frigerio, Miguel Sealy, Nando Gouveia e Zizi Passarelli.

A preferência era pelo pico do Canal 3, onde ficava o surf club. Quando as ondas estavam pequenas eles seguiam até o Itararé. O trajeto era feito a pé ou de carona na Rural Willys, o famoso jipe

GINO SARTTI E A RURAL WILLYS

pilotado pela mãe de Gino. A molecada colocava as pranchas no porta-malas aberto.

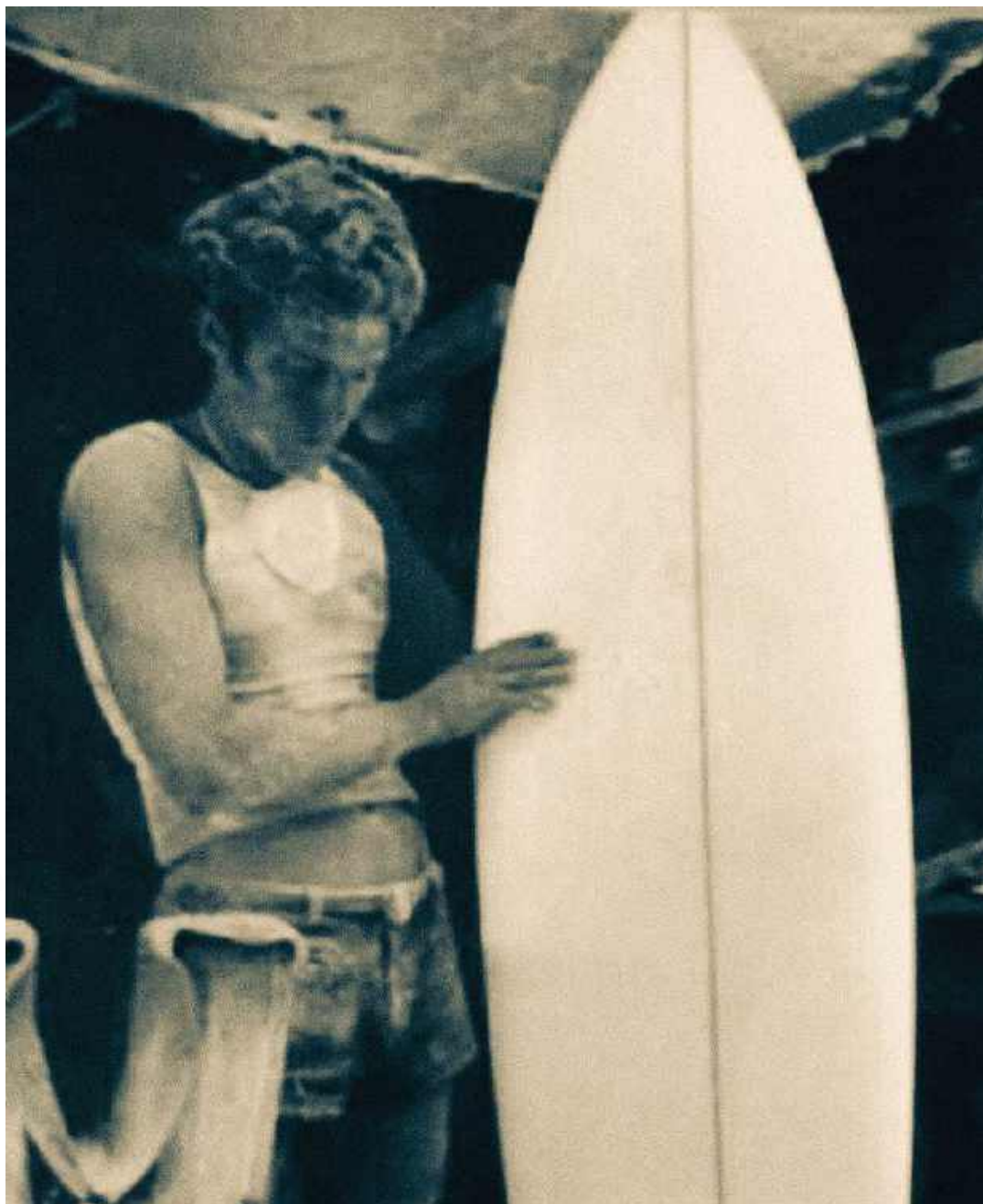
Gino participou de alguns campeonatos no Guarujá, Itararé e também no primeiro campeonato de Surf Caiçara Club, em 1968, no Canal 3, em Santos. Quando o irmão do Ucho, Manoel Carvalho, o Maneco, tirou a habilitação para dirigir, o pai de Gino passou a emprestar a Rural. Começou ali as surftrips pelo litoral norte, especialmente Juqueí, ou mesmo na distante Ubatuba onde ficavam acampados por dias.

As praias do litoral norte eram desertas, restritas a pequenas comunidades locais. O acesso era difícil, pela faixa de areia da praia ou pelas precárias estradas de terras. Uma das praias frequentadas pelo grupo era a de São Pedro, no Guarujá. Ainda não existia o famoso condomínio e a estrada não chegava até a praia. Eles subiam o morro até o fim do trajeto e depois completavam o caminho a pé por uma trilha no meio do

ram as remadas. As ondas quebravam violentamente e era impossível pegá-las. No dia seguinte, o mar acertou e o surfe na praia lendária se fez presente. Eles surfaram ondas espetaculares no Arpoador ao lado dos maiores surfistas do Rio. Um dia que entrou para a história.

Uma das praias frequentadas pelo grupo era a de São Pedro, no Guarujá. Ainda não existia o famoso condomínio e a estrada não chegava até a praia





O mestre-artesão Homero inventava e compartilhava conhecimento, criando oportunidades para muita gente

“**D**eus escolhe a pessoa e dá o talento pra ela”. Foi assim que a nossa entrevista com Homero terminou no Museu do Surfe de Santos, naquela agradável tarde de inverno com as praias ainda fechadas sob decreto municipal.

As ondas entravam calmas próximo do Parque Quebra-Mar e o sol reinava soberano. À nossa frente, Homero mantinha-se iluminado enquanto relatava sua trajetória.

Para compreender o legado de Homero é preciso voltar ao passado. Ele é um autodidata que sempre busca inovações. Foi um precursor e um dos primeiros a fabricar pranchas e blocos. Um exemplo marcante da importância de Homero é o testemunho de Gary Linden. O lendário shaper de San Diego esteve no Brasil no início dos anos 1970 e disse ter aprendido muito com Homero. Segundo ele, Homero tinha ideias e conceitos muito avançados para a época.

Homero é carioca. Viveu no Rio até os dois anos de idade. Em 1946 a família veio pra Santos. O pai de Homero, antigo funcionário do Cassino da Urca, virou dono

de um bazar em São Vicente e vendia artigos de praia. Homero ganhava presentes da loja e sua vida mudou quando o pai lhe deu uma pranchinha pequena de madeira. Pegou gosto pelas ondas. Aquilo seria para sempre a sua vida.

Por volta de 1964, começou a produzir pranchas “caixa de fósforo” em casa. Estava nascendo a SURMAR, primeira marca com a assinatura de Homero. Ela se tornou famosa e muita gente reconheceu a superioridade do modelo de Homero. Inventivo, ele substituiu o fechamento das placas de madeira com parafuso por um sistema de encaixe e vedação com cola. Mais leve, aumentou a flutuabilidade, tornando as pranchas manobráveis. Lá também foi feito o primeiro pranchão com bloco e resina para o amigo Zé Beto.

Da oficina caseira, Homero procurou um espaço para atender o aumento da produção. Na esquina da avenida Conselheiro Nébias com a Lobo Viana, existia uma casa e foi lá em um quarto alugado nos fundos que funcionou a SURMAR.

O cheiro e o barulho incomodavam a moradora da casa que passou a recla-

mar com o inquilino. Em 1967 Homero deixou a casa onde morava e passou a trabalhar em um cômodo no prédio dos Vergara na rua Prost Souza. Ele dormia no carro e trabalhava no espaço improvisado embaixo da escadaria com apenas uma lâmpada e uma mesa. Ele não precisava mais do que isso.

bravar novas praias e fundamentar a equipe fez parte de um processo que ia além da oficina e das competições. Grandes surfistas integraram e colecionaram títulos para equipe Homero Surfteam: João de Deus, campeão paulista 1970; Décio, campeão paulista 1971; Saulo Nunes, campeão do Torneio Interna-

venceu o campeonato. O primeiro aprendiz virou o campeão do Primeiro Torneio de Surfe do Canal 1, em 1973.

Homero fez do local um centro de referência, uma escola de ofícios. O SENAI do surfe. O mestre-artesão inventava e compartilhava conhecimento, criando oportu-

ronel Parreira não conseguia atender aos pedidos de Homero. Ele enxergou a necessidade de fabricar os próprios blocos. Assim, o artesão passou a comprar matéria-prima na Dow Química e a produzir os blocos de poliuretano.

A fama de Homero ultrapassou limites e ele se tor-

criações, destaca-se um sistema inovador e funcional, o jet-system. As quilhas deram lugar a buracos que canalizavam a água, dando projeção e controle. Com Homero tornou-se possível surfar sem quilhas.

Homero olha para mim. A minha expressão de espanto deve ter sido confundida com incredulidade. Homero pareceu não ligar, entendeu a minha reação e decifrou a minha última pergunta.

“As pessoas desconfiavam que eu sou um escolhido. Deus escolhe a pessoa e dá o talento a ela. Eu trabalho pra Ele”.



O DIVINO PODER DE HOMERO

Nessa época começaram a se popularizar as pranchas de fibra. Homero se tornou um shaper. Ao contrário da produção industrial que usava molde, o artesão Homero modelava o bloco. A primeira prancha de fibra de vidro foi feita para o Junior Vergara. Nascia a marca Homero.

O negócio continuou crescendo. Homero inovava e a procura era cada vez maior. Ele expandiu os negócios para a avenida Epiácio Pessoa, 208. Um amplo espaço que pertencia ao Paulo Vergara. Era uma casa nos fundos de um amplo terreno.

As surftrips para des-

cional Cabalo de Totorá 1972 e Orácio Moraes. E assim formou-se a lendária Homero Surfteam.

Muitos começaram a aprender o ofício com ele. Orácio Moraes foi o primeiro aprendiz. O rapaz começou como auxiliar, mas Homero viu a performance dele na água e se afeiçoou pelo jovem. Ele fez de Orácio um campeão e ofereceu o que tinha de melhor: seu poder de criação. Homero envergou o shape e criou o “bico de Alladin”. A prancha ganhou o nome de “Xperience” e foi motivo de graça, mas Orácio confiava no seu preceptor e

tunidades. Além disso, era um lugar aonde as pessoas e os surfistas se encontravam. A Epiácio Pessoa, no Conde do Mar, tornou-se em um pico de surfe fora da praia.

O lugar parece que foi ungido por aqueles que tiveram uma ligação com o mar. Nas proximidades do endereço, a região conhecida como Conde do Mar era o reduto da juventude e dos surfistas. Na orla da praia foi erguida uma estátua em homenagem ao Almirante Tamandaré, o patrono da Marinha do Brasil.

A partir da década de 1970, a demanda aumentou e o fabricante de blocos Co-

nou fornecedor para outros revendedores. Marcas e grifes surgiram e se fortaleceram com a qualidade de suas pranchas: Kamekameha, Gledson, Dhemy. A produção atingiu a escala industrial, sem abrir mão da supervisão e do tratamento artesanal de seu trabalho.

Homero seguiu criando. Foi contratado por um estaleiro em São Paulo para construir barcos. O último veleiro que construiu virou sua moradia por 15 anos, ancorado no Canal de Bertiooga. Ele não tem faculdade. Visionário, tinha intuição e coragem de tentar e ousar.

Dentre suas inúmeras

A partir da década de 1970, a demanda aumentou e o fabricante de blocos Coronel Parreira não conseguia atender aos pedidos de Homero.

Todos nós guardamos nossos talentos. Algumas vezes, pessoas, lugares ou coisas os revelam. No caso dos irmãos gêmeos, Eduardo e Carlos Argento, um filme marcou e mudou suas vidas

tudo sugere, o filme contava a história de um grupo de jovens universitários americanos que passam as férias no Havaí, curtindo muito rock'n roll, praias paradisíacas, ondas enormes e lindas garotas. Os irmãos Argento e seus

vam" os campeonatos e nos negócios faturavam com as vendas de artigos de surf.

As escolhas dos irmãos, contudo, já se desenhara muito tempo antes desse episódio. O avô de Eduardo e Carlos, o maestro Luiz



A Twin foi a primeira surf shop do Brasil, a primeira loja genuinamente voltada ao surfe

para sempre. Era o ano de 1964 e o cine Brasília, conhecido cinema da avenida Pedro Lessa próximo ao canal 6, exibia o filme Mar Raivoso, originalmente Ride the Wild Surf. Ao contrário do que a tradução equivocada do tí-

amigos sacaram logo a magia do mundo do surf. A cortiça da praia do Itararé não ficaria mais no sorrisal, frescobol ou nas quedas de jacaré. O surf acompanhou a trajetória vitoriosa dos dois irmãos dentro e fora d'água. No mar "papa-

Érico Argento vivia em uma enorme casa de frente a praia do Itararé. Pai de sete filhos, Luiz Érico viu na oferta de uma construtora, a chance de manter a família unida. A troca da antiga casa se deu por dez apartamentos do novo prédio

O NASCIMENTO DA TWIN

no mesmo local. “Nossa infância passamos toda ali. Foi lindo, né... de frente pro mar... a família toda, um monte de primos... foi uma loucura!”, conta com nostalgia, Eduardo Argento.

Aos 13 anos, logo depois da memorável sessão de cinema, os irmãos realizaram sua primeira proeza: a construção de uma prancha, com o auxílio de uma famosa publicação da época, a revista Manchete. O desafio: construir uma prancha de madeirite com uma quilha. “Não dava nem pra remar. Arremessávamos a prancha para pegar a onda”, conta Eduardo. A empolgação com o novo esporte levou-os a novas investidas. “O primeiro cara que eu vi cortar onda foi o Cocó, filho do seu Geraldo. Quando eu vi ele passou de lado, cortando... shhhhhh. Eu tava voltando, pensei: tenho que fazer isso também”. Aliás, foi o seu Geraldo que ajudou os irmãos a aprimorar a fabricação das pranchas. “Aprendemos a fazer prancha de fibra de vidro com a revista Mecânica Popular e com a ajuda do seu Geraldo, pai do Cocó. Foi ótimo. O barato era que ela flutuava. Aí todo mundo começou a se

interessar e a encomendar. O nome da marca era Irmãos Argento”, relembra Eduardo. O que eles não desconfiavam é que essa primeira “remada” era o início da maior manobra de suas vidas.

Alguns pensadores e empreendedores sustentam que as grandes sacadas são concebidas intuitivamente. Com Eduardo funcionou assim. “Eu queria fazer 360° na onda e não conseguia. Aí, um pranchão meu quebrou. Me deu uma intuição. Sabe como é artista, né? Pensei: vou fazer duas metades de prancha. Ela ganhou vários apelidos: batprancha, prancha da bunda, porque a rabeta ficou com duas partes arredondadas, cada uma com uma quilha e o bico era bem pontudo”. Nascia assim a prancha biquilha dos Irmãos Argento. No início dos anos 70, um shaper californiano lançou a revolucionária prancha biquilha (twin fins), já conhecida, todavia, na praia do Itararé, desde 1967.

Algum tempo depois, os irmãos se aventuraram noutro produto: camisetas. Eles compravam camiseta lisa da Hering no Rio de Ja-

Aprendemos a fazer prancha de fibra de vidro com a revista Mecânica Popular e com a ajuda do seu Geraldo, pai do Cocó. Foi ótimo. O barato era que ela flutuava.

neiro e depois estampavam o logotipo da nova marca: TWIN. “Peguei um livro de letras, escolhi o tipo e fiz a logomarca”, lembra Eduardo. A escolha do nome não poderia ser diferente: Twin, na língua inglesa, gêmeos. A camiseta surgiu antes da ideia de montar uma loja. “Vendíamos no apartamento”, conta Eduardo. As estampas eram feitas na casa de uma holandesa, no bairro da Aparecida, onde funcionava uma estamparia. Ela não só estampou, como ensinou o ofício aos jovens empreendedores. Após um tempo viajando ao Rio, os irmãos conheceram uma senhora em São Paulo que fabricava camisetas. “Foi a melhor coisa que aconteceu. A mulher era gente fina, tinha dois filhos. Eles cresceram e um deles foi até gerente de nossa loja”.

O surgimento da primeira loja foi um processo natural. “Sentimos necessidade de ter um local. Nos fins de semana vinha o pessoal de veraneio que procurava artigos de surf”. Aliás, a Twin foi a primeira surf shop do Brasil, ou seja, a primeira loja genuinamente voltada ao surf. “Abrimos como Twin Surf Shop”, atesta Eduardo. De certa forma, os irmãos Argento começaram antes mesmo dos fabricantes. “A cordinha fazíamos com extensor. Tirávamos o gancho e emendávamos o velcro”. Era o ano de 1971 e a primeira loja Twin foi aberta em uma casa em frente ao prédio onde a família morava. O apoio dos pais foi fundamental. Na época, com menos de 21 anos, os

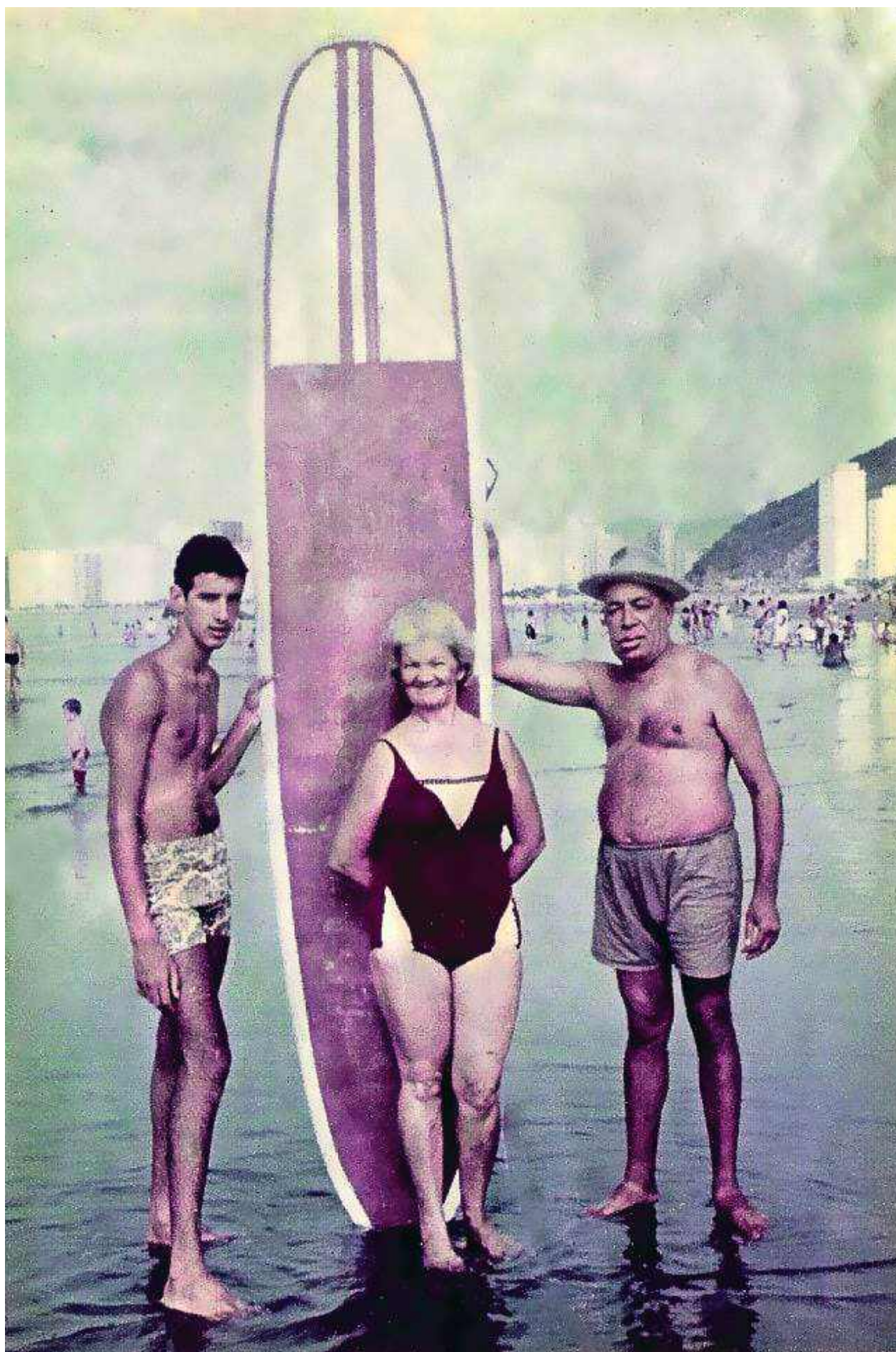
jovens foram emancipados. “Nossos pais sempre nos apoiaram”, confirma.

Para vencer as dificuldades da sazonalidade santista, os irmãos subiram a serra e em 1977 inauguraram uma filial em São Paulo. No ano de 1982 inauguraram a primeira loja em shopping, no Parque Balneário, em Santos. A propaganda sempre foi a equipe na água. Essa era a diferença da marca: a equipe entrava na água e ganhava os campeonatos. A Twin prosperou. A profissionalização do surf e a internacionalização e multiplicação das marcas também. Em 1994 os Irmãos Argento encerraram suas atividades com lojas. A marca Twin ainda vive nas camisetas que fabricam.

Aos mais saudosistas vestir a marca é um resgate dos bons tempos. Além do surfe, Carlos e Eduardo têm outros amores: seus filhos. Carlos é pai de Gabriella, Carlos Argento Neto e Camila. Eduardo é pai de João Pedro e Edunes. O olhar e o carinho dos pais aos filhos é uma volta ao passado: dos irmãos criados na praia, livres e cheios de sonhos.



*Luiz ganhou
o apelido de
Lagartixa quando
passou a usar uma
combinação de praia
cinza camuflada
feita pela avó*



Santos, onde o Swiße nasceu no Brasil

Ele nasceu com o nome do Rei do Baião. Mas o homônimo do sanfoneiro vivia em Santos e gostava mesmo de bossa nova. Apesar de viver grudado no violão, suas composições eram feitas de produtos químicos e seu palco era a praia.

Morador da Divisa, o pico do surfista Luiz Gonzaga ficava entre a Ilha Urubuqueçaba e a Pedra da Feiticeira. A orla dispunha de poucos edifícios e da sua casa dava para ver as condições do mar e das ondas.

Magro e alto, com pernas compridas e branquelo, Luiz ganhou o apelido de Lagartixa quando passou a usar uma combinação de praia cinza camuflada feita pela avó. Era assim que ele surfava quando o codinome virou marca conhecida na região.

Lagartixa começou a se interessar pelo surfe na década de 1960. Nesse período ele fez uma prancha de madeirite e parafusou uma quilha de ferro. O perigo o fez desistir da prancha, mas não do surfe. As pranchas de fibra de vidro começaram a se popularizar no Brasil e uma ideia acendeu na sua mente criativa.

Ao seu lado, os primos Geminhos (os irmãos gêmeos Quico e Lito) eram parceiros e testemunhas do gênio artesão. Lagartixa colou duas metades de uma placa de isopor na longarina

de madeira ao centro, riscou o molde da prancha e modelou. Para chegar no formato, construiu uma lixa feita de uma lâmina de metal com furos e assim ralava o isopor cuidadosamente até chegar na longarina. O processo se repetia nas bordas. Depois isolava o isopor com celofane para evitar o contato químico com a manta líquida.

A inovação se deu quando Lagartixa descobriu uma fórmula para melhorar o acabamento das pranchas. Ele passou a alternar banhos de resina e de lixamento, diminuindo a espessura das lixas e o espessamento da resina entre elas. Na última camada, diluía a resina com parafina, estireno e aerosil. No processo final, Lagartixa polia com escova de pano e rouge de ourives. Estava cria-

da a primeira prancha com polimento artesanal. O sucesso atraiu outras marcas conhecidas na região, ávidas pelo invento.

A Lagartixa Surfboards foi uma de suas fábricas, mas Luiz Gonzaga Baptista foi muito além do universo do

e do genro Danilo. O apoio da família e da esposa Rosa foram fundamentais para transformar sonhos em reali-

LAGARTIXA E A QUÍMICA NO SURFE

surfe. Estudioso de química, o autodidata seguiu criando inventos e novos empreendimentos. Ele desenvolveu um produto para vedação de lajes, sistema para não queimar banheiras de hidromassagem, capacetes, caixas de correio e orelhões para telefonia pública, entre outros.

Um dia, na praia, ele teve uma intuição. Desenhou

o produto. Ele permanece vivo no coração de todos que conheceram o homem simples e revolucionário.

Na memória do surfe, seu nome foi escrito na calçada da fama, ao lado de outros pioneiros santistas, junto à Escola de Surfe do Posto 2.

Lagartixa começou a se interessar pelo surfe na década de 1960. Nesse período ele fez uma prancha de madeirite e parafusou uma quilha de ferro.

na areia o protótipo da primeira máquina Powdermix. Foi o início de um novo negócio, o último da sua vida. O legado de sucesso de Luiz Gonzaga persiste até hoje nas mãos de sua filha Chris



Por influência do amigo Elyseu, Sérgio Barletta formou-se arquiteto, mas nunca abandonou o surfe



Sérgio Barletta chegou aos 70 anos de idade no ano 2021. Nascido em São Paulo no dia 11 de março de 1951, ele e o irmão Tony já frequentavam as praias de Santos no início dos anos 1960.

A paixão pelo mar e pela natureza começou ainda na infância e foi sobre as pranchas Planondas que eles iniciaram nas ondas santistas. Os irmãos acompanharam as mudanças e a evolução das pranchas, passando pelas "caixas de fósforo" e madeirites.

SERGIO BARLETTA, O MR. SURF

Foi numa madeirite que ele experimentou pela primeira vez seu poder de criação. Barletta deu forma na placa de compensado e fez uma pintura havaiana com estampas de flores e cores tropicais.

No final da década de 1960, Sérgio Barletta teve conhecimento das pranchas de fibra de vidro por meio da revista Mecânica Popular. Pouco tempo depois comprou um longboard Dextra do Miguel Sealy e com ele participou da primeira turma de

surfistas do Guarujá, ao lado de Ruy Gonzalez, Waltinho, Alemão, Carlinhos, Ivan, Milica, Udo, entre outros.

Num dia de surfe em São Vicente, Barletta teve um encontro casual com Homero Naldinho. O revolucionário shaper convidou Barletta para testar sua nova prancha de fibra. Nascia ali uma grande amizade. Barletta passou a fazer parte da equipe da fábrica de Homero que contava também com o grande shaper João de Deus.

Barletta percorreu milhares de quilômetros pelo

litoral nas inesquecíveis surf trips à bordo do DKW azul de Homero, junto de outros amigos como Silvinho Lopes, Junior Vergara, Milica e Zé Betinho. Quando a viagem era para o Guarujá, a famosa Kombi do amigo Elyseu de Andrade se encarregava de levar a turma de surfistas.

Por volta de 1968, Barletta convenceu Homero a lhe vender um longboard importado que ele tinha guardado a sete chaves em sua fábrica, um long Hobbie Surfboard – modelo Gary Propper – 9'2", verde e branco, uma prancha

Barletta passou a fazer parte da equipe da fábrica de Homero que contava também com o grande shaper João de Deus

incrível com um shape bem avançado para a época. Além da qualidade, a prancha carrega grandes histórias. Foi com ela que Barletta e Homero remaram até a Porta do Sol (Garganta do Diabo – Itararé) e pegaram altas ondas num dia de ressaca. Na saída do surfe, encontraram uma senhora que já tinha até telefonado para os bombeiros resgatar os dois malucos surfistas.

Por influência do amigo Elyseu, Sérgio Barletta formou-se arquiteto, mas nunca abandonou o surfe. Ele segue no outside, aguardando a "rainha" da série, a sua onda dos sonhos. Para ele, as ondas transmitem paz, harmonia e vida. Em sintonia com elas o surfe traz tranquilidade para enfrentar todos os problemas, além de restaurar o corpo e a mente. Das boas recordações, Barletta se orgulha de fazer parte de uma tribo de "surfistas de alma".





*Para além de uma fábrica, a Orca tornou-se
uma irmandade, um espaço democrático*

Santos, onde o Swiße nasceu no Brasil

Nascido em Santos, no dia 21 de setembro de 1953, Edson Tadeu Marques de Almeida morou no Marapé. O pai, Edegar, dono do Balneário Toscana, localizado na avenida Presidente Wilson, alugava cabanas de banho para turistas que frequentavam o José Menino, em frente à Ilha Urubuqueçaba. A rotina de Edinho ia da escola para a praia. Foi sobre as pranchinhas de madeira que o menino criado na praia surfou suas primeiras ondinhas de peito.

Em 1964, aos onze anos, Edinho viu os primeiros surfistas pegando onda de madeirite. Ele e o amigo de rua, Toninho Torrinha, se lançaram nessa nova onda. Os dois moravam na rua João Caetano e foram até uma obra na rua Godofredo Fraga, também no Marapé, pegaram uma tábua, cortaram e deram forma à prancha. Em 1966, Edinho avançou com uma prancha de fabricação mais sofisticada. Ela foi comprada na Carpintaria Guarani, na

avenida Francisco Glicério, que produzia e vendia pranchas ocas de madeira, tipo "caixa de fósforo".

No ano seguinte, a fama das pranchas cariocas São Conrado Surfboards chegaram nas praias paulistas e Edinho ganhou sua primeira prancha de fibra de vidro. A evolução não parou por aí. Mais leves e manobráveis, as pranchas começaram a encurtar, fazendo surgir as minimodels. O pai, grande incentivador, reclamou dos preços e das trocas de pranchas.

Edinho queria independência e a necessidade virou oportunidade. Aos 15 anos, ele aproveitou a estrutura do balneário do pai e montou sua própria fábrica de pranchas. Anexo ao Balneário Toscana, nascia a Orca Surfboards. Naquele verão de 1969, Edinho contou com a ajuda do seu "nono" Luiz Bugin, o avô italiano de Vedelago, região de Treviso.

A Orca tornou-se uma irmandade, um espaço democrático. Edinho não se sentia proprietário de nada. Tudo era parte da turma fundadora da Zona do Agrião

EDINHO DA ORCA SURFBOARDS

Eles iam de carro até São Paulo para comprar material na Reforplás, na rua Cubatão. Logo os amigos começaram a somar ao empreendimento, entre eles o Adelino Gonçalves e o Augustín "Cubano".

Aos poucos toda a galera começou a frequentar o espaço e a Orca virou ponto de encontro, uma oficina aberta para remendos, e claro, fábrica de pranchas. Com o dinheiro das primeiras encomendas, Edinho conseguiu tirar carta e comprou sua moto.

A Orca tornou-se uma irmandade, um espaço democrático. Edinho não se sentia proprietário de nada. Tudo era parte da turma fundadora da Zona do Agrião. A

origem da Zona remonta à do Murinho. O Agustín morava no edifício Alvamar onde ficava o murinho que dividia o prédio e se reunia a molecada. A turma do Murinho que depois virou Zona do Agrião foi formada pelo Augustin "Cubano", Eduardo "Mixirica", Toninho "Porco", Musgão e o Aranha. Eles deram vida e energia à Orca Surfboards.

Em 1971 começaram a aparecer as biquilhas vindas do exterior. Edinho laminou uma prancha biquilha ainda feita de manta, algo ainda rudimentar, talvez a primeira ou uma das primeiras pranchas de duas quilhas da região. Porém a partir de 1973 muita coisa mudou. Edinho foi cursar Engenharia em Taubaté,

enquanto muitos foram estudar e mudaram-se pra São Paulo.

O contato com o mar esteve sempre presente na vida do santista. Nos anos 2000 participou da formação do Grupo Pioneiros que voltou a agregar a Velha Guarda do surfe. Em 2018 Edinho foi homenageado no Festival Prancha Oca, iniciativa do Cisco, pela sua história à frente da Orca Surfboards.





52



*Musgão, uma vida de desafios e de
superações dentro e fora do mar*

Santos, onde o Swiße nasceu no Brasil

Paulo Sergio Christol Barreto, mais conhecido como Musgão, nasceu em Santos no dia 22 de outubro de 1954. Ele morava com a família no Edifício Marambaia, um dos prédios conhecidos como “Pé na Areia”. A edificação, em frente à Ilha Urubuqueçaba, era um convite ao mar.

Do apartamento no 5º andar, Musgão contemplava a bela vista acompanhada pela poderosa trilha sonora que vinha do andar superior, do vizinho Ronaldo “Gui”. Da admiração pelo gosto musical, nascia uma nova amizade.

O apartamento do Gui vivia cheio de gente, na grande maioria ligado à mú-

sica. Ele tocava baixo e estava sempre antenado com as novidades. Um dia, folheando uma das revistas do Gui, a Surfer, Musgão viu uma matéria sobre o lendário surfista, George Greenough, e teve seu primeiro contato com o kneeboard, o surfe de joelhos.

Nessa época, Musgão já conhecia o surfe. Ele, o irmão Luiz Ricardo “Pastinha” e o amigo Augustin, o “Cubano”, curtiam a praia e a nova moda da garotada. Augustin tinha uma prancha de isopor da marca Planonda e eles se revezavam na brincadeira. A onda era surfar deitado, mas o contato despertou a paixão e a intimidade com o mar.

A turma, conhecida como Zona do Agrião, con-

e, em pouco tempo, toda a turma começou a surfar com as pranchas da nova fábrica. A prancha de kneeboard era menor e mais larga, adaptada para a modalidade.

Em dezembro de 1970, os rapazes participaram do 1º Campeonato Santista de Surf, ocorrido na Praia do José Menino. Foram quatro categorias. Pela Kneeboard concorreram os surfistas Carlos Eduardo Cristiniano, José Gois (in memoriam) e o campeão, Musgão. Pelo ine-

ro, mas a grande sensação ficou pela disputa do segundo lugar. Por apenas dois décimos, Marcelo Julian ficou com o vice-campeonato, seguido de perto por Musgão, em terceiro e Sérgio Peixe, em quarto lugar.

No início dos anos 2000, Musgão enfrentou seus maiores desafios na vida. O pai adoeceu e veio a falecer em 2004 e quando se recuperava da tristeza, precisou encarar e superar um câncer nos rins. A morte e a doença afastaram temporariamente Musgão do mar, mas não do esporte. O atleta passou a praticar natação e ioga, na busca de um melhor condicionamento físico e mental.

MUSGÃO, CAMPEÃO DE KNEEBOARD

gregava um grande número de jovens entusiasmados com o surfe e com a fabricação de pranchas. Em 1968, Augustin e Edson de Almeida, o Edinho, passaram a utilizar um espaço cedido pelo Sr. Edmar, pai do Edinho, nos fundos do Cabañário Toscana. Surgia a Orca Surfboards

ditismo da disputa, Musgão é considerado o primeiro campeão kneeboarder do País.

Dentre os muitos torneios disputados por ele, o de Itaúna, em 1992, foi o mais emocionante. William Grutter sagrou-se campeão brasilei-

Musgão e os surfistas de joelhos, entre eles Betão Cajazeira, Sérgio Peixe, Índio e Rafinha, seguem mais vivos do que nunca e são uma inspiração para os jovens talentos do esporte radical

O surfe é um retrato da vida. Descer uma onda é viver o mistério e o mar é um mundo em transformação. Neste ano, a vida de Paulo e o mundo do kneeboard sofreram uma nova reviravolta. O amigo Lucas Honorato conseguiu congrega um grande grupo de seguidores da modalidade. Musgão e os surfistas de joelhos, entre eles Betão Cajazeira, Sérgio Peixe, Índio e Rafinha, seguem mais vivos do que nunca e são uma inspiração para os jovens talentos do esporte radical.





54

Pelé e Julio Mazzei: futebol e surfe se misturam em Santos há mais de seis décadas



Santos, onde o Surf nasceu no Brasil

JÚLIO MAZZEI NO HAVAÍ

A cultura do surfe se dava pelas revistas e era nelas que Julinho buscava inspiração por meio da influência de seus novos ídolos...

Júlio Herculano Mazzei Junior nasceu em 22 de março de 1956 na distante Araraquara. Filho de Júlio Mazzei, famoso preparador físico de grandes clubes do Brasil, Julinho desceu a Serra junto com a família, quando o pai foi contrata-

do pelo Santos Futebol Clube de Pelé, em 1965.

Apesar de frequentar a praia, desde os seus primeiros anos na companhia dos avós que já viviam em Santos, foi aos 10 anos que o surfe aconteceu na sua vida. Com uma prancha de madeirite da marca Procópio, adquirida em

uma loja nas proximidades do bairro do Gonzaga, Julinho Mazzei conheceu o novo estilo de vida que se apresentava para a turma da época e se juntou a ela.

A cultura do surfe se dava pelas revistas e era nelas que Julinho buscava inspiração por meio da influência de seus novos ídolos, Jeff Hakman, Larry Bertlemann, Greg Noll, Gerry Lopes, especialmente descendo as desafiadoras ondas de Waimea com seus enormes canhões.

Julinho preferia o free surf ao surfe competitivo. Em 1971 fez uma viagem icônica para o Havaí com Nelson Ba-

rone. Eles compraram duas pranchas novas Dick Brewer Surfboards em Haleiwa direto com o próprio shaper e só tiraram elas da caixa na areia, antes de cair em Sunset. Tudo parecia tranquilo ali da beira do mar, o dia ideal para estreitar as máquinas novas.

Eles entraram pelo canal até o point break e lá a realidade se apresentou na sua forma e força, enquanto o surfe e as pranchas dos rapazes se revelaram longe do ideal. Julinho ainda precisou resgatar o amigo depois de uma onda enquanto os dois esperaram juntos a ação de salvamento do helicóptero da

Guarda-Costeira. A aventura foi documentada pelo pai que assistia tudo da areia pilotando uma câmera Super-8. O resgate foi o que sobrou dos santistas no Havaí e o vídeo foi compartilhado como ato de coragem nos encontros com os amigos.

Depois vieram as surftrips para o Peru, Costa Rica, além das viagens para o sul, Ubatuba e outros picos das praias paulistas ao lado de Fuad, irmãos Argento, família Cangiano, Lafraia, Oracio, Paulo Macaco, Pino, Índio. De tudo o que o surfe pôde proporcionar para o santista o melhor foi descobrir o mundo, a natureza e o espírito aloha.



*Giba, Cubano e Homero:
surfe e amizade que
atravessaram décadas e
gerações*



Santos, onde o Surf nasceu no Brasil



Gilberto Israel nasceu no dia 11 de julho de 1954. Ele é o único santista de nascimento da família. Seus pais nasceram em São Paulo, destino dos avós judeus, que fugidos da perseguição nazista, escolheram o bairro do Bom Retiro para reconstruir a vida.

A família mudou-se para o edifício Olímpia em Santos, e logo nos seus primeiros meses de vida, a mãe Vita Plat apresentou-lhe o mar. Por volta de 1965, aos 11 anos de idade, Giba seguiu a trajetória dos surfistas pioneiros do Canal 3. A nova turma pegava os tapumes das obras e dava forma de uma prancha ao compensado, no embalo da primeira geração de surfistas locais, formada pelo Frigerio, Nando Gouveia, Allan Torrecillas, Zizi Passarelli, Marcelo Pardal, Miguel Sealy, irmãos Corazza, entre outros.

Em julho de 1967, próximo de completar 13 anos, Gilberto estava pronto para cumprir a tradição judaica. O entusiasmo veio com a promessa de ganhar um prancha fibra, sonho do jovem surfista, no dia do seu Bar Mitzvá, a mais importante cerimônia na vida de um judeu.

A prancha oca de fibra não era uma Glaspac, tampouco uma São Conrado Surfboards, mas o amigo José Ozores notou que ela já era menor do que os pranchões usados pela galera do surfe. Um prenúncio das Mini Models que chegaria naquela época.

Tempos depois, Giba usou também uma São Conrado Surfboards do Ernesto. O amigo tinha outras pranchas importadas e foi com uma delas que Giba posou para sua foto mais antiga como surfista, tirada pelo Elias Mansur.

A prancha oca de fibra não era uma Glaspac, tampouco uma São Conrado Surfboards, mas o amigo José Ozores notou que ela já era menor do que os pranchões usados pela galera do surfe

GIBA ISRAEL DO CANAL 3

Ele passou do pranchão para uma Mini Model do famoso shaper carioca Cyro Beltrão, representada pelo santista e amigo Ronaldo "Gui". Foi com ela que Giba participou do 1º Campeonato de Surf de Santos, em 1970, disputado próximo da Ilha Urubuqueçaba, tendo alcançado a 3ª colocação na categoria Senior, superado pelo Eduardo "Dudu" Argentio (1º) e Italianinho (2º). Nesse histórico campeonato, o amigo José Carlos Lafraia, o Caço, venceu a disputa na categoria Junior e foi o campeão

geral. Contudo, em agosto daquele mesmo ano, Giba venceria seu primeiro campeonato, o Torneio Local, no Ilha Porchat Clube.

Em meados da década de 1970, ele fez parte da Homero Surfteam. O shaper chegou a criar um modelo assimétrico especialmente para o surfe do Giba. A prancha nas cores branca (na parte de cima) e vinho (embaixo), ficou famosa e frequentou muito a Praia do Pernambuco, no Guarujá.

Em 1978, Giba formou-se em engenharia civil na Unitau, em Taubaté, trabalhou na área industrial e offshore (plataformas de petróleo). Por conta disso, em 1981, mudou-se para o estado do Rio de Janeiro para trabalhar em Niterói e escolheu Itacatiara para morar com sua esposa Elisa e seus filhos Gabriel e Lina. Destino perfeito para um surfista.





58



Foi entre os jovens, moradores e visitantes dos edifícios Pé na Areia, que a famosa Turma da Zona do Agrião se formou

Santos, onde o Swiße nasceu no Brasil

Ronaldito Marcelino de Moreira Mesquita, o Gui, nasceu 10 de outubro de 1953, em Santos. O menino santista já tinha contato com o mar, mas a mudança para o Edifício Marambaia, um dos prédios Pé na Areia, significou uma nova vida para ele.

Em 1964 dois irmãos californianos foram morar no mesmo prédio. O pai deles era engenheiro e estava desenvolvendo um projeto no Brasil. Os meninos Wick e Rick já conheciam o surfe da costa norte-americana e apresentaram uma revista que tinha uma prancha. Gui ficou fascinado pela novidade e correu para fabricar o modelo com a matéria-prima disponível na época. Os prédios vizinhos tinham uma fartura de tábuas usadas nas obras. Eles procuraram um mestre de obras que topou fazer uma prancha com uma das tábuas. Entre a expectativa e a realidade, o máximo que conseguiram foi ficar de joelhos até afundar com a pesada tábua.

Os americanos também trouxeram outra novidade: um veleiro terrestre. Para fazer essa engenhoca, eles desmontaram um carrinho de feira, aproveitaram as rodas, aco-

plaram uma plataforma sobre elas e usaram um lençol velho pra servir de vela. Com esse carrinho velejavam na areia aproveitando a brisa do mar.

Os edifícios Pé na Areia atraíram cada vez mais moradores e visitantes. E foi entre os jovens que a famosa Turma da Zona do Agrião foi formada. Fizeram parte dela, Pica-tinha (in memorian), Padre, Eduardo Mixirica, Levon, Pastinha, Musgão, Cubano, Zizo, Pico, Laio, Edinho da Orca, Cabeça, Ricardinho, Aloisio,

prancha bem feita estilo Tom Blake. Um sonho. O carioca aceitou a proposta e com essa prancha flutuante, Gui evoluiu no surfe.

Naquela época o Jô Hirano começou a surfar com sua prancha de isopor e resina e causou sensação nas praias santistas. As pranchas importadas de fibra começaram a aparecer, mas ainda eram caras e quase inacessíveis. Essa diversidade trouxe novos sonhos. A oportunidade surgiu em 1968, quando o

Os edifícios Pé na Areia atraíram cada vez mais moradores e visitantes. E foi entre os jovens que a famosa Turma da Zona do Agrião foi formada

GUI E A TURMA DA ZONA DO AGRIÃO

Aurélio, Márcio, Cebola, Alain, Pimpe, Célia, Sheila, Edu Índio, Waldir (Rose), Tuta - Família Magalhães, Francisco, Sunless, Elias, Fuad e Wady Manzur. A galera montou um parque de diversões. Tinha rede de vôlei, futebol e o surfe se popularizando com as pranchas de madeirite. O pico do José Menino, ficava entre a Ilha Urubuqueçaba e a Pedra da Feiticeira.

O salto aconteceu quando Gui passou para uma prancha "caixa de fósforo". Os irmãos Argento falaram sobre um carioca que tinha a caixa oca. Um dia, Gui encontrou o tal carioca que estava vendendo a caixa, uma Hollow de 2,7m de nome Alamoana escrito em branco. Era uma

pai fez uma viagem de navio e trouxe uma prancha importada, da Jacobs Surfboards. Gui ficou encantado e tratava a prancha com muito carinho, mas num dia de descuido a prancha caiu e arrebentou o bico. Gui precisou ir ao Rio de Janeiro para consertar. Nessa viagem ele conheceu as pranchas do Cyro Beltrão e passou a frequentar o Rio quando chegaram as shortboards. Ele vendeu a Jacobs e encomendou a novidade com o Cyro. O shaper não deixou o Gui pagar e ainda ofereceu a representação da marca para a Baixada Santista.

Em 1970 ele foi com uma de suas pranchas pro Havaí. Muito pouco se falava sobre o Havaí. Gui tinha

17 anos e se jogou na ilha, sem conhecer nada, nem ninguém. Desceu do avião e na pista ganhou um colar e beijo havaiano. Uma recepção e tanto. Ele tomou um ônibus e ficou em Waikiki até conhecer uma galera e viver grandes aventuras na ilha do pacífico. Na volta a parceria com o Cyro terminou.

Já em 1974, ele ganhou uma prancha da Homero Surfteam. O novo equipamento foi fundamental pra a viagem que viria a seguir. Em 1975 foi para o México num Congresso de Arquitetura, representando a delegação brasileira. Depois do Congresso pegou a prancha e desceu para o litoral. Foi para Vera Cruz e chegando lá não lhe deixa-

ram pagar nada pra comer e dormir. O Brasil tinha sido Tri-campeão no México e os mexicanos ficavam alucinados com os brasileiros.

O arquiteto passou a se dedicar a vida profissional, viajar e surfar menos. Durante sua vida, Gui foi sempre acompanhado pela música. Aos quinze anos já fazia apresentações nas noites santistas. Entre as histórias que atravessaram os dias de surfe e as noites de música, Gui solucionou o enigma para o amigo Edinho Leite, locutor da ESPN: "O Surfe é música".





Décio Dias de Lima nasceu em Santos dia 22 de abril de 1956, porém aos 17 dias de vida já estava na Praia do Rancho, no Sorocotuba, com suas lindas praias de águas cristalinas. A família passaria a frequentar o paraíso escondido e deserto durante anos.

Foi lá que experimentou, ainda criança, o mundo da caça submarina. Enquanto seu pai, Ruperto, o "Beco", mergulhava, o pequeno Décio boiava sobre a câmara de pneu de carro cheia de ar observando os peixes e a fauna daquele aquário natural. Sua mãe, Olga Lima, era uma excelente nadadora e fazia longas travessias a nado na ilha. A lagosta caçada com uma fisga aos seis anos foi seu batismo. Em 1972, na adolescência, viu seu irmão, Dirceu, vender uma grande quantidade de lagostas capturadas para o Casagrande Hotel e uma luz acendeu em sua cabeça.

Décio transformou a prática da caça submarina em profissão. Desbravou ilhas e costados pelo litoral paulista, como Queimada Grande, Alcatrazes e Montão de Trigo em

No ano de 1976 Décio se destacou no Festival Brasileiro de Surf de Ubatuba

Santos, onde o Surf nasceu no Brasil



barcos cada vez maiores. Passava dias dedicados à pesca e virou fornecedor de grandes restaurantes do Guarujá: Rufino's, Dalmo, Il Mare, Joca, entre outros. Os lugares ricos de peixes se revelaram picos de ondas perfeitas em dias que o mar estava virado. No mergulho e na caça submarina a família fez grandes amigos, como o Elyseu Andrade e o Bayard Umbuzeiro.

Em 1968, Décio frequentava a barraca de praia Nosso Clube com seu avô, quando o surfe apareceu na sua vida. Ele viu uma galera passando de prancha e quis uma igual. A primeira de madeirite era uma prancha simples de compensado até que o tio Orlando que trabalhava na Sears deu uma prancha de madeirite pintada e envernizada.

Nessa época, Décio conheceu o Cisco e juntos trilharam o caminho do surfe. As idas para Sorocotuba revelaram o encontro com outra praia ainda deserta e inexplorada: a Praia do Pernambuco. Décio passou a surfar suas ondas rápidas e tubulares.

Os dois fizeram parte da Homero SurfTeam, um grande salto para surfar em pranchas melhores e desenvolver novas

manobras, enquanto trabalhavam na laminação aprendendo novas técnicas em materiais inovadores.

As viagens também aconteciam em praias de ondas grandes como a de Itaúna e a Praia da Vila, em Saquarema. Logo em seguida foram para a Gledson, parceira de Homero. A marca patrocinou Décio e Cisco e a parceria levou a dupla para campeonatos de nível nacional. Anos depois veio o patrocínio da Wagon Surfwear.

No ano de 1976 se destacou no Festival Brasileiro de Surf de Ubatuba com a sexta colocação, quando só

As parafinas viraram febre, Décio faz grandes negócios e ganhou bastante dinheiro. Foi ainda proprietário da My Friend Surf Shop, na Galeria 5ª Avenida e da Tília no Shopping Balneário.

Porém a onda mais famosa da sua vida aconteceu em Itamambuca no Campeonato Brasileiro de 1985, no primeiro Sundek Classic, quando escreveu seu nome como um Big Rider. Uma das

Não teve descanso. Era uma sequência atrás da outra, até aparecer a onda. Cisco gritou para o amigo não entrar. O monstro d'água cresceu sobre Décio, mas ele sentiu que era o momento e deu o impulso com os braços já cansados.

Décio desceu, se posicionou e a onda grande começou a quebrar. O surfista sumiu no enorme tubo que se formou. A galera na areia procurava um sinal de vida, quando Décio saiu ileso do tubo.

O santista foi aplau-

do pela onda surfada com um troféu idêntico ao do campeão brasileiro.

Uma coragem e intimidade que ele ganhou ainda nos seus primeiros dias de vida.

DÉCIO DIAS DE LIMA, O WATERMAN

figuravam os surfistas do Rio de Janeiro. Naqueles anos 70, Décio foi elogiado pelos cariocas numa sessão de surfe no Píer de Ipanema, após dropar uma direita (Back Door).

Décio também viu oportunidades e foi pioneiro na fabricação de parafinas com rótulos para várias marcas, como a Waxmate e a Sex Wax.

maiores ressacas atingiu o litoral brasileiro naqueles dias. Os organizadores cogitaram suspender o campeonato, mas Décio insistiu para que a bateria dele fosse realizada. Para ele, são nas ondas grandes que o surfista se destaca, enquanto nas pequenas todo mundo se iguala.

Décio, Cisco e outros três competidores cariocas disputaram a bateria. Os santistas atravessaram a difícil arrebentação. As ondas quebravam atrás do costão. Estava longe e muito grande.

dido e a onda jamais esquecida. Décio ficou conhecido não pelo campeonato que deixou de ganhar, mas pela ousadia de encarar a onda gigante. Paulinho Issa, por indicação do Netinho de Ubatuba – membro da comissão julgadora - homenageou Dé-

Desbravou ilhas e costados pelo litoral paulista, como Queimada Grande, Alcatrazes e Montão de Trigo em barcos cada vez maiores





62



No menino que nasceu João de Deus despertava seu impulso criador



Santos, onde o Swiŕfe nasceu no Brasil

João de Deus Assis Filho nasceu no município de Ariranha, interior de São Paulo, no dia 25 de outubro de 1944. A família deixou a pacata cidade quando o pai assumiu a Coletoria Federal na litorânea São Vicente, distante 400 quilômetros.

Aos seis anos, o menino descobriu a Praia do Itararé e viu o mar pela primeira vez. Nas suas águas, João corria ondas em pequenas tábuas de madeira e pé de pato. Aos 14 mudou-se para Santos na rua Timbiras, estudou no Colégio Tarquínio Silva e fez novas amizades.

Naquele início de 1960, João se juntou ao pessoal do Canal 3, entre eles Miguel Sealy, Alan Torrecilla, Paulista, Lafraia, Lobinho, Durval e Orácio. As primeiras revistas americanas de surfe circulavam entre os garotos e João perse-

guiu o novo esporte. O sonho era construir uma prancha. No menino que nasceu João de Deus despertava seu impulso criador.

Em 1965 a Glaspac começou a produzir prancha plástica e João encomendou um longboard. A partir daí, descobriu o processo produtivo. Ele passou a viajar de ônibus para São Paulo onde comprava matéria-prima. A Reforplás fornecia tecido, resina catalizador, enquanto na Union Carbide encontrava a espuma de poliuretano.

Autodidata, João de Deus era movido pelos desafios. Ao ver anúncios de quilhas numa revista, ficou

entusiasmado e passou a fabricá-las usando chapas de acrílico colorido. Utilizava caixa de encaixe e se tornou o primeiro fabricante em série de Santos. Tudo era feito na garagem do amigo Marcos Prado, na Azevedo Sodré. Nascia ali a Big God Surfboards.

Por volta de 1966 João conheceu Homero e encomendou uma prancha. O visionário Homero percebeu o talento do surfista e João acabou contratado

Por volta de 1966 João conheceu Homero e encomendou uma prancha. O visionário Homero percebeu o talento do surfista e João acabou contratado. As pranchas fabricadas eram encomendadas pela marca paulistana Gledson. O ritmo do trabalho obedecia a cadência do surfe. Era o espírito Aloha da equipe Homero Surfteam. João modelava duas pranchas pela manhã, duas no período da tarde e terminava o dia na praia. Ele acompanhou Homero na construção dos moldes de concreto para

JOÃO DE DEUS, O BIG GOD

a fabricação de blocos de poliuretano e também na criação das pranchas ocas.

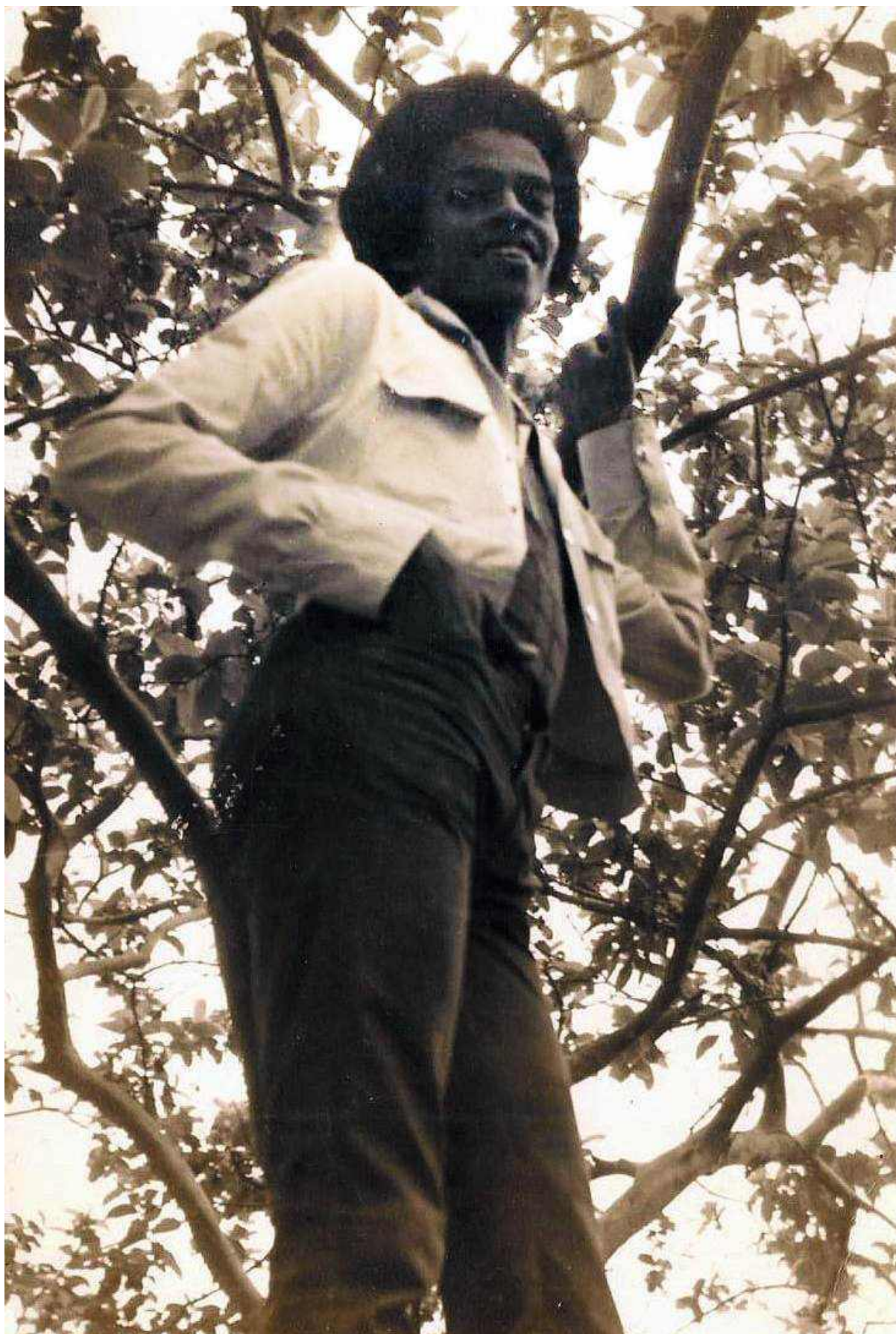
A paixão da juventude era pelo esporte. Para surfar no Guarujá, João pegava carona em caminhões basculantes ou ia na Kombi do arquiteto Eliseu, ao lado do amigo Sérgio Barletta. Acampou junto com as mutucas na praia de Itamambuca, em Ubatuba, paraíso das grandes ondas.

Em 1968, João entrou para a FEI, reconhecida faculdade de engenharia de São Bernardo do Campo. O tempo para o surfe diminuiu. Ainda sobrou a disputa e a conquista do Campeonato Paulista de Surf de 1970. Mas o mar e os esportes náuticos jamais saíram da sua vida.

Na faculdade despertou seu interesse pela Vela. João começou velejando com um Hobie Cat 14 emprestado e foi o início de uma nova etapa esportiva. Trabalhou construindo peças em fibra de vidro em várias empresas em São Paulo: na Bianco, Envemo e L'automobile.

No fim da década de 1970 conheceu sua esposa e vinte anos depois decidiram mudar para São Francisco do Sul e posteriormente para Joinville, Santa Catarina. Durante todo esse tempo permaneceu um aficionado da vela. Velejou e construiu muitos veleiros. Atualmente dedica-se somente a vela radio controlada.





Juca era amante da Soul Music

Santos, onde o Swiße nasceu no Brasil



64



Era o início de 2007, e Juca se preparava para a realização de mais uma manobra arriscada da sua vida. A última delas, a cirurgia de ponte de safena, tinha sido um sucesso. Nada poderia deter sua vontade de viver.

A colocação dos stents era parte do tratamento e ele estava animado. Pouco antes da cirurgia, virou-se para um dos médicos da equipe coronariana da Santa Casa e fez um único pedido, quase uma súplica: "Doutor, eu só preciso voltar a surfar!"

Não deu tempo. O primeiro surfista negro de Santos encerrava sua vida dias depois da operação.

Juca nasceu Antônio Sérgio de Souza, mas ganhou o apelido ainda menino. Herdou do seu querido avô. Os dois estavam sempre juntos e a dupla era carinhosamente chamada de Juca e Juquinha.

Filho de marceneiro e neto de construtor, Juca recebeu o impulso necessário para avançar no surfe. Desde criança, o garoto da praia se destacou nos esportes. Do mar, nas proximidades do canal 1, praticou sorrisal, jacaré, até conhecer o surfe no ano 1962.

JUCA, O REI DA PRAIA

Em 1965, com a prancha caixa de fósforo feita pelo seu pai, Juca fez história. Sobre a tábua laranja com uma faixa branca, foi o primeiro surfista a tentar uma manobra ousada para a época. Juca caminhava sobre a prancha até o bico em grande estilo.

Sua habilidade chamava a atenção dos amigos que dividiam as ondas ao seu lado. Toni Varanda, Zé Carlos, Arnaldo, Bigola, Santana, Xisto, Zé Geraldo, João Jerônimo, Melo, Walter Theodosio, Dragão, Buana, Reinaldinho, Mazanza, Jorge Sá entre outros, desfrutavam da sua alegria e companhia. Mais jovem, Jorge Limoeiro se inspirava no Juca.

Nas areias e nas quadras fez sucesso no voleibol. Jogador do Clube de Regatas Santista, integrou a Seleção Santista nos Jogos Abertos e

Regionais ao lado do amigo e companheiro de equipe Negrelli. Foi treinado pelo ícone do vôlei nacional e internacional, Pedrão, o primeiro atleta negro da Seleção Brasileira na modalidade.

O sucesso de Juca ia além da praia e das quadras. O jovem exibía uma excelente forma física. Alto, magro, atlético e cabelo black power virou até modelo fotográfico. Amante da soul music, era irmão do músico César, baixista da Star Five, banda famosa dos anos 1970 e 80. Juca também gostava de dançar e tinha como hobby cantar e tocar violão.

Sua vida foi interrompida precocemente. Aos 54 anos Juca deixou a vida para permanecer na memória.

Desde criança, o garoto da praia se destacou nos esportes. Do mar, nas proximidades do canal 1, praticou sorrisal, jacaré, até conhecer o surfe no ano 1962



*A Kombi beje
partia todos os
domingos na
primeira hora da
manhã para o
Guarujá em busca
das melhores
ondas*



Santos, onde o Surf nasceu no Brasil

A KOMBI DO ELYSEU

O arquiteto contava com uma Kombi para trabalhar nas obras e construções. Logo, o utilitário virou o veículo para as surftrips

Corria o ano de 1967, Elyseu tinha por hábito contemplar o mar do Itararé antes de voltar para a casa, em São Vicente. A paixão pelos esportes aquáticos era antiga, mas o surfe era uma descoberta naquela praia.

Enquanto o céu se escondia sob as nuvens e os trovões, as ondas se abriam e os surfistas do Itararé deslizavam com suas pranchas sobre elas, numa perfeita harmonia com a natureza.

Aquele final de tarde de sábado típico de verão mudou a vida de Elyseu de Andrade Junior, então com 32 anos. No dia seguinte pela manhã ele voltou para saber mais sobre a novidade. Curioso, abordou um rapaz entre 15 e 16 anos que carregava uma enorme prancha.

O jovem deu explicações sobre a prática do surfe e chegou até a oferecer a prancha para compra. Afinal, Elyseu conversava com Dudu Argento, o surfista que

ao lado do irmão Carlinhos, criara a lendária Twin Surfshop. Vicente Ferraro, outro pioneiro do surfe, juntou-se aos dois e aconselhou a encomenda de uma prancha sob medida. Para tal intento, indicou o saudoso Nelsinho Excel, da Nel Surfboards.

A ideia de uma prancha nova lhe convenceu. Após duas semanas, a mini-model de 2,30 metros estava pronta. Elyseu colocou a prancha na água e as primeiras tentativas de ficar de pé foram em vão. Outro jovem surfista aproximou-se e deu dicas valiosas. Tratava-se do Longarina.

A sensação de descer uma onda pela primeira vez foi o impulso para a mudança de vida do arquiteto Elyseu. Morando no bairro da Boa Vista em São Vicente, qualquer tempo livre se transformava em hora de surfe. No escritório de arquitetura, estagiava Sérgio Barletta, outro surfista. Por meio dele, Elyseu conheceu o lendário Homero, renomado shaper brasileiro.

O arquiteto contava com uma Kombi para trabalhar nas obras e construções. Logo, o utilitário virou o veículo para as surftrips. A Kombi beje partia todos os domingos na primeira hora da manhã para o Guarujá em busca das melhores ondas, especialmente para a Praia do Pernambuco.

As viagens ficaram conhecidas e ninguém queria perder a carona, a companhia e a alegria na velha Kombi. Certa vez, nada menos que 14 garotos apertados dividiram espaço com Elyseu e a família, numa inesquecível trip para a Praia de Iporanga.

Nesse ambiente cresceram os filhos de Elyseu. O mais velho, Marcelo, tinha oito anos e já pegava boas ondas, a filha Gisella tinha quatro anos, enquanto o mais novo, Christiano, ainda no colo da mãe, Luzia. No Kombão também pegaram carona os irmãos Salazar, Lequinho, Almir e o pequeno e irrequieto Picuruta, que mesmo sem

prancha, surfava de bicão. Era o sarro dos mais velhos que volta e meia o descarregavam da Kombi em ato brincalhão.

Em 1978 Elyseu mudou-se para Santos, no bairro da Ponta da Praia. As saídas para o Guarujá continuaram e a garotada do bairro logo aderiu as jornadas. Novos fiéis aderiram ao horário matutino, além de Marcelinho, Galo Cego, Fernandinho Magalhães, Luciano Menudo, Fábio e mais os convidados dos convidados.

O tempo foi passando e após 30 anos, afetado pela artrose, Elyseu parou de surfar, mas não de recordar. A Kombi segue viva na memória e no tempo.



*Oracio buscou no surfe o seu
aprimoramento espiritual e
profissional*



ORACIO COCADA MORAES

Oracio Antunes de Moraes nasceu em 27 de fevereiro de 1955, num vilarejo perto da cidade de Lages, no interior de Santa Catarina, mas foi em Santos, quando a família mudou-se em 1961, que ele descobriu o mar e toda a imensidão do oceano.

Curioso, o menino Oracio devorava os livros e revistas da casa da patroa de sua mãe e foi em um exemplar da Seleções Reader's Digest que Oracio experimentou o mundo. Ele conheceu também o surfe e se entusiasmou com as histórias que lia sobre aquele estilo de vida. Entendeu a importância das bancadas na formação das ondas e seus diferentes tipos, além dos grandes picos espalhados pelo planeta.

Aos nove anos de idade, Oracio achou uma prancha tipo caixa de fósforo na

praia. Ele levou pra casa, arrancou o tampão, improvisou uma quilha e se lançou no mar para pegar suas primeiras ondas.

Aos 14 anos, ele conheceu Homero Naldinho e sua pequena oficina de pranchas no prédio dos Vergara. Ele começou como aprendiz e conquistou o mestre-artesão. No início dos anos 1970, Homero inovou no shape e criou uma mini model para Oracio. A prancha, com a enorme palavra Xperience pintada no seu fundo, acabou fazendo história e ensinou tudo o que Oracio precisava, especialmente o equilíbrio para enfrentar e manobrar ondas maiores. Foi com essa prancha, apelidada "Bico de Aladim" e incentivado pelos amigos, que Oracio "Cocada" se inscreveu e competiu no 1º Torneio de Surf do Canal 1. O estreante acabou vencendo a categoria Senior.

Talentoso, Oracio ainda criaria com o amigo Arthurzinho, a Amako, uma pequena fábrica de pranchas. Apesar do pouco tempo de existência, Oracio orgulha-se de ter feito a primeira prancha do jovem e promissor surfista, Picuruta Salazar.

Oracio encarou as surftrips e fez viagens inesquecíveis. Em uma delas, para Santa Catarina, ao lado de Homero e Toni Barletta, conheceu grandes surfistas do

Rio, como Carlos Mudinho e Paulete. Os 10 pés de onda que ele encarou em Imbituba trouxe um outro sentido para Oracio. O surfe subiu de patamar e entendeu que precisava ser um exímio nadador.

Numa das viagens pelo litoral paulista, Oracio conheceu a Barra do Sahy e as ilhas ao redor, como o Montão de Trigo. Em uma delas, conhecida como As Ilhas, patrimônio histórico, parte do Tratado de Tordesilhas, Oracio formou e morou com a família, entre os anos 1986 e 2010. Ele teve oito filhos, entre eles os surfistas Xande e o tube rider Danylo Grillo. O surfe sempre esteve presente na vida do catarinense. Oracio buscou através dele o seu aprimoramento espiritual e profissional. Atualmente, ele continua trabalhando como shaper.

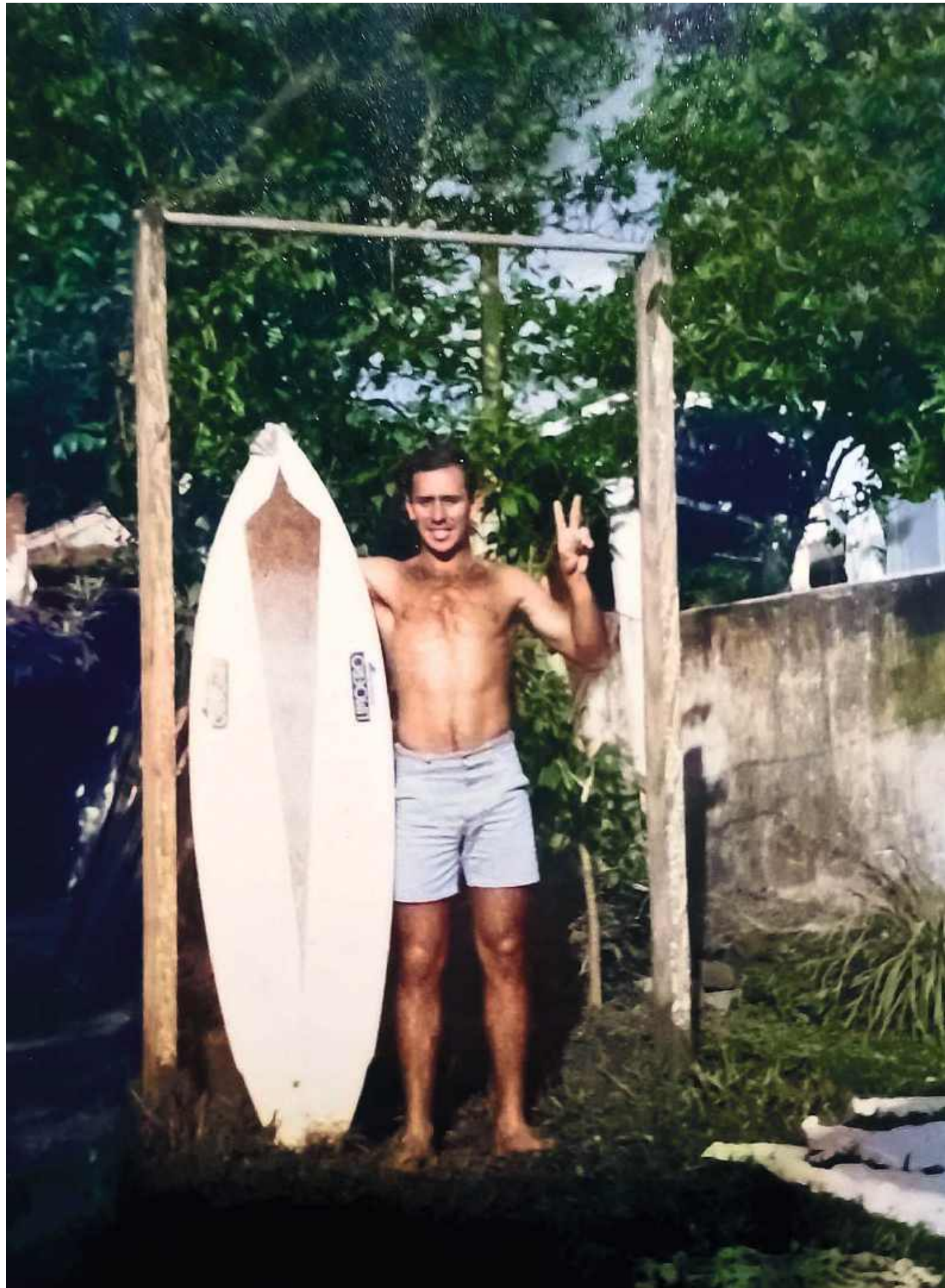
Curioso, o menino Oracio devorava os livros e revistas da casa da patroa de sua mãe e foi em um exemplar da Seleções Reader's Digest que Oracio experimentou o mundo



O surfe foi se desenvolvendo naturalmente na vida de Limoeiro, nas conversas que ouvia, na curtidão do mar e da natureza entre os amigos



70



Santos, onde o Surfe nasceu no Brasil

No início das obras do Quebra-Mar, um incidente ajudaria a mudar o estigma. O mar estava revoltado e Limoeiro salvou uma família em afogamento. O jornal fez a cobertura, houve uma ampla divulgação e reacendeu a discussão da prática do sur-

No início dos anos 1970 o surfe explodiu. Junto com ele, o preconceito. Sem as cordinhas e com o aumento dos acidentes com banhistas, a prática ficou restrita aos dias de semana e à 50 metros do canal, até atingir toda a extensão da praia

Nascido em Santos, em 31 de janeiro de 1958, Jorge Lopes Francisco, o Jorge Limoeiro, frequentava a praia desde pequeno ao lado do irmão, José. Aos seis anos já encarava as ondinhas de peito sobre as tabuinhas de madeira. Os anos se passaram, o menino cresceu, ganhou uma pranchinha de isopor da Planondas para depois experimentar as de madeirite.

Quando as pranchas passaram para a fibra de vidro, Jorge conheceu o processo pelas habilidosas mãos de Tony Varandas. Outras influências vieram dos irmãos gêmeos Arnaldo e José Carlos, além de Juca Negão, José Luís Santana e o conhecido Zé Geraldo. Eles formavam a Turma do Campo Grande. Era o tempo em que a molecada da Gonçalves Ledo se reunia para correr onda. O termo surfe ainda era pouco usual.

O surfe foi se desenvolvendo naturalmente, nas conversas que ouvia, na curtição do mar, da natureza, entre os amigos. A primeira prancha fabricada por Limoeiro foi em novembro de 1970. Ele e o amigo Maurício Babão

JORGE LIMOEIRO

foram sócios nessa empreitada. Era uma prancha precária de isopor, isolada por celofane, coberta com manta de fibra de vidro. A disputa pela prancha nos dias de surfe terminou com a sociedade. Limoeiro comprou a outra parte e passou a fabricar sozinho. Nascia ali o famoso shaper. Um negócio que começou no chalé da avó na rua Gonçalves Ledo, 77.

No início dos anos 1970 o surfe explodiu. Junto com ele, o preconceito. Sem as cordinhas e com o aumento dos acidentes com banhistas, a prática ficou restrita aos dias de semana e à 50 metros do canal, até atingir toda a extensão da praia.

Os surfistas passaram a ser vistos como aliados dos salvavidas e o surfe foi liberado.

Nessa época Limoeiro já surfava em outras praias e também disputava alguns campeonatos no Guarujá, no Quebra-Mar, em Itanhaém e Peruíbe, sempre no estado de São Paulo. Porém seu foco e destino estavam na fabricação de pranchas.

O shaper santista começou com a marca Jorge (1970-71). Com o crescimento, o nome mudou para Limoeiro Surfboards (1972-75), o processo ganhou uma linha de montagem, novos parceiros e colaboradores. Em 1975 nascia a Dolphin Surfboards.

Ele também formou uma parceria com o amigo Júlio Akira. Juntos criaram a L&A, Limoeiro e Akira Surfboards.

Em 1981 Limoeiro foi para a França em Hossegor. Nas férias de verão, o brasileiro conheceu Portugal. Em Carcavelos, ele apresentou o surfe para a garotada portuguesa. Jorge Limoeiro foi o primeiro brasileiro a fabricar uma prancha naquela região. Sem recursos, de forma totalmente artesanal, causou sensação ao terminar uma prancha para os irmãos Azevedo, locais de Carcavelos. Sua partida foi marcada pela tristeza e promessa de retorno.

De volta ao Brasil, Limoeiro trouxe uma certeza na Bagagem. Com a esposa e o primeiro filho, planejou sua mudança para Portugal. Lá montou sua primeira fábrica internacional, mas conviveu

duramente com a sazonalidade e aproveitando as oscilações do câmbio brasileiro, voltou ao Brasil para recomeçar a vida na terra natal.

Em 1984, de volta ao país, Limoeiro registrou a marca Seven Seas Surfboards e passou a patrocinar surfistas de expressão nacional e internacional, como Jair de Oliveira e Renato Wanderley, seguindo sua trajetória de sucesso.

Limoeiro está próximo de completar meio século como shaper. Uma vida de muita gratidão e aprendizado. Seus três filhos experimentaram o surfe e têm uma forte relação com o mar. Christian é sargento da Corporação dos Bombeiros em frente a Urubuqueçaba, o segundo, Patrick, bastante habilidoso sobre a prancha e Richard seguiu seu legado em terras estrangeiras, como professor de surfe em Portugal.





*Auriemma
na Praia do
Pernambuco,
no Guarujá,
1975*

Santos, onde o Surf nasceu no Brasil

Jairo Auriemma nasceu em Santos, em 28 de março de 1956, e começou a pegar onda de peito ainda pequeno com as tabuinhas de madeira vendidas no Bazar 5 de Outubro. Foi ali na Praia do Boqueirão que ele viu pela primeira vez os surfistas descendo as ondas com as pranchas de madeirite.

Jairo Auriemma começou a frequentar o espaço, um ponto de encontro de surfistas que formariam a turma do Conde do Mar. Na oficina ele conheceu o Saulo, o Pica-reta, o Stanley, entre outros. Auriemma fazia pequenos reparos e desenvolveu sua primeira prancha com resina, em 1969. No ano seguinte ele ajudou na mudança da fábrica para a avenida Epitácio Pessoa.

Lá foi a escola de grandes shapers, até mesmo internacionais. Com a chegada da Gledson Surfboards para as mãos do Homero, alguns

Em 1978, Auriemma começou a atender uma demanda vinda de Fortaleza, no Ceará. O interesse pela pranchas Miragem despertou a curiosidade de Jairo. O shaper foi visitar a capital cearense junto com o amigo Gariba e percebeu que não existia mercado de surfe por lá. Com o objetivo de dar su-

entre as cidades, pelos cinco anos seguintes. Apaixonado pelo mar, em 1986, construiu seu pranchão Race de 13 pés, usado para pescar e remar em pé na baía de Santos. Sem saber, Auriemma estava protagonizando o StandUp, popularizado mais de duas décadas depois. O surfista se inspirou no amigo e pescador

AURIEMMA E A MIRAGEM SURFBOARDS

Em 1968, Jairo estudava no Colégio Pedro II com o Oracio Cocada e o Lobinho. Os dois contagiaram Jairo com as histórias de surfe e um dia ele foi apresentado ao surfista Toni Barletta, por intermédio do Oracio.

Ao saber do interesse de Jairo pelo surfe, Toni revelou o quatinho onde o talentoso shaper Homero fabricava suas pranchas. Na garagem do prédio dos Vergara, na rua Prost de Souza, destacava-se uma DKW Vemaguet e a inusitada oficina de pranchas, embaixo da escadaria.

desses shapers, entre eles Auriemma, João de Deus, Oracio e Marcelo Fukuda foram efetivados como funcionários da fábrica, com carteira assinada pelo Homero. Em meados dos anos 1970 cada um seguiu o seu caminho, criando suas próprias marcas, como a Miragem Surfboards de Jairo Auriemma.

porte aos surfistas, Auriemma montou uma surf shop para vender suas pranchas, abriu as portas para os produtos santistas, como as parafinas do Silvério e as cordinhas Surf Sol do Chico Preto, além da moda surfe e praia.

Foram quatro anos com a loja Miragem Surf Shop no bairro da Aldeota, em Fortaleza. Uma época mágica de trabalho, pesquisa e influência no surfe cerarense. Jairo Auriemma conheceu praias lindas e intactas como Paracuru (CE), Pipa e Baía Formosa (RN). Ele retornou a Santos, mas manteve o intercâmbio comercial

Auréliu que praticava a pesca sobre uma tábua oca de madeira de 3,5m.

Em 1989 Auriemma mudou-se com família para Boicunganga. Na praia do litoral norte paulista manteve-se como pescador artesanal até sua aposentadoria. Em 2007 voltou para Santos, onde vive até hoje.

Foram quatro anos com a loja Miragem Surf Shop no bairro da Aldeota, em Fortaleza. Uma época mágica de trabalho, pesquisa e influência no surfe cerarense





*Sérgio Cangiano
e os amigos, em
Boracéia, 1972:
surfe e política
lado a lado*

Sérgio Cangiano nasceu em 1955 em Belo Horizonte e viveu na cidade mineira de Ipatinga até 1968, quando a família migrou para Santos. O pai, engenheiro civil, trabalhou na construção da Usiminas e foi transferido para a COSIPA, em Cubatão.

A mudança da família proporcionou a intimidade dos filhos com o mar. Eram em cinco: Sérgio, Ika, Cadinho, Adna e Aldo, todos com uma diferença de um ano entre eles. Os irmãos e os amigos nadavam no canal de

Aos 18 anos, Sérgio ingressou na Unicamp e cursou Bacharelado em Ciências da Computação. O jovem se entusiasmou pela ação política e participou do movimento estudantil na Unicamp

Allan, um surfista estrangeiro que estava no Rio de Janeiro, influenciou o santista que também passava férias.

Acompanhado do amigo Caio Graco, Sérgio fabricou sua prancha de madeira e surfou suas primeiras ondas no Canal 2. Naqueles

quitar a praia do Tombo, acampar na praia do Pernambuco e chegou à Praia Grande, em Ubatuba.

Sérgio acompanhou a evolução dos materiais e até se arriscou a produzir com o amigo Akira, pranchas de isopor, revestidas de resina com

filiou-se ao PT, já trabalhando na Burroughs, atual Unisys, e conheceu um grande amigo: o filósofo Everardo Nóbrega de Queiroz, hoje falecido, e juntos começaram a atuar no movimento sindical pela APPD, Associação dos Profissionais de Processamento de Dados, o SINDPD-SP, Sindicato de Processamento de Dados de São Paulo. Ele acabou cassado na Datamec, e continuou no movimento no bairro Butantan, no Diretório Zonal do PT, como secretário por seis anos.

O surfe caminhou ao

No Brasil, Sérgio viveu uma viagem épica ao lado do amigo Cocó Faggiano. Juntos percorreram o litoral brasileiro de motocicleta 125c carregando as pranchas até o Ceará.

Sérgio foi campeão paulista Masters, aos 35 anos, mas deixou de competir. O free surfer está aposentado, atua como prefeito da quadra onde mora em Brasília e foi eleito coordenador pelo PT-DF no Setorial de Ciência, Inovação & Tecnologia da Informação e Comunicação. Esse ano concluiu seu Mestrado em Filosofia pela UNB.

Na sua trajetória por um mundo livre e justo, em harmonia com a natureza, Sérgio era conhecido pelos comunistas como surfista, para os surfistas ele era o comunista. Ele nunca se importou com isso: "Sou apenas eu mesmo".

SÉRGIO CANGIANO NO SURFE E NA POLÍTICA

Bertioga e pulavam do trampolim de três estágios, instalado no canal. A graça de nadar foi junto com a demolição do equipamento.

Nessa época, Sérgio treinava natação no Internacional de Regatas. Encarando os treinos pesados para competição, o jovem sentiu-se seguro para desafiar as ondas, logo que o surfe entrou na sua vida. A família visitava o Rio de Janeiro, quando Sérgio foi atraído pela imagem de uma prancha de fibreglass na areia do Arpoador no Rio. A vistosa prancha gringa de

anos finais da década de 1960, Sérgio se uniu à turma de surfistas formada por Julinho Mazzei, Giba, Musgão, Lequinho, Almir, Cisco, Orazio, Auriemma, Saulo, Paulo Rabello, Sérgio e Tony Barletta, Cabeça, Marcelo Fukuda, Pierre, Beto Cajazeiras, Mario Casca, Carioca, entre outros. Essa galera começou a con-

isolamento de celofane. Tempos depois soube pelo shaper Homero, sobre os blocos de poliuretano fabricados em São Conrado, pelo Coronel Parreiras. Sérgio e Paulo Macaco foram até o Rio e trouxeram dois blocos. Homero fabricou duas pranchas lindas de Clark Foam, das primeiras de Santos.

Aos 18 anos, Sérgio ingressou na Unicamp e cursou Bacharelado em Ciências da Computação. O jovem se entusiasmou pela ação política e participou do movimento estudantil na Unicamp. Em 1982

lado dos estudos e da atuação política. Foram muitas viagens por todos os oceanos. Em uma delas, surfando em Punta Hermosa, no Perú, a turma de 10 surfistas, entre eles Paulinho Issa, a irmã Ika, Marquinhos e Cabelo, entraram no mar e uma bruma cegou a todos. Sem enxergar nada, Sérgio tomou uma morra de cinco metros na cabeça, foi jogado nas pedras, conseguiu salvar a si e a sua prancha, uma biquilha branca com uma faixa verde e amarela, sua identidade brasileira.



Em uma união de esforços, Julio Akira e Jorge Limoeiro criaram a L&A Surfboards



76



Santos, onde o Surf nasceu no Brasil

AKIRA SURFBOARDS

Akira aprendeu ainda mais trabalhando com Homero, aprimorando-se na técnica de laminação. Montou sua oficina, onde executava todas as etapas

Julio Akira Morishigue nasceu no primeiro dia de maio de 1955, em Marília, interior de São Paulo. Com apenas sete anos a família mudou-se para Santos e foi morar na bacia do Macuco, onde estudou no Colégio Madre Bárbara.

Em 1967 mudou-se para a Rua Bahia 190, no Gonzaga. A mãe mantinha uma pensão para hóspedes e servia refeições. Ali mesmo no Gonzaga, frequentando a praia, Akira começou a ver uma galera pegando onda, e descobriu como fazer uma prancha de madeira. Com a ajuda dos locais, entre eles o Luís Zé e o Bulina, algumas semanas depois ele já conseguiu ficar de pé sobre a prancha.

Na transição para as pranchas flutuantes, Akira fez sua primeira de isopor. Ele riscou o molde, fez a longarina, colocou as placas e revestiu a prancha com celofane e morim. Por fim ele cobriu a prancha com resina de assoalho. Quando chegou ao Canal 1 para surfar impactou a galera. A surpresa durou pouco. A cada queda na água, a placa rachava e lá vinha um novo remendo.

Na época, a fabricação de pranchas ainda estava envolta de mistérios e segredos. Para desvendar o processo, Akira comprou um canhão usado, descascou ele inteiro, deu a forma de uma mini modelo, aplicou a resina especial sobre o tecido e decorou com um adesivo. Todo mundo achou que era uma prancha gringa. Foi o começo de tudo, em 1973.

Akira achou a resina epóxi, chamada pelos santistas de resina de São Paulo, aplicou sobre a nova obra-prima e fez algumas para os amigos, entre eles, o Sérgio Cangiano. Foi ideia dele o surgimento da Akira Surfboards. Cangiano também testou o espírito inventivo do amigo. Antes da chegada do neoprene, eles costuraram uma espuma fina sob um tecido de couro sintético a

partir do molde de uma roupa de mergulho. Ele também chamava atenção usando um maiô inteiriço para surfar.

Akira aprendeu ainda mais trabalhando com Homero, aprimorando-se na técnica de laminação. Montou sua oficina, onde executava todas as etapas. Depois associou-se ao Jorge Limoeiro. Da união entre o Limoeiro e Akira, nasceu a L&A Surfboards, em 1974. A marca foi um sucesso.

Uma nova mudança aconteceu quando Akira foi morar na Pinheiro Machado, no Marapé, em 1975. No novo endereço ele montou sua oficina na garagem dos fundos da casa. Com a parceria de Pascoal, um ótimo shaper, a Akira virou Akipa, uma aglutinação de Akira e Pascoal.

Todo mundo aprovou as pranchas Akipa e as encomendas cresceram. EleE

Eles investiram patrocinando atletas e vencendo alguns campeonatos. Com o fim da parceria, Akira con-

tinuou com outros shapers, entre eles o Cocó Faggiano. A marca Akira voltou, enquanto novos materiais chegavam como os tecidos de fibra de vidro.

A qualidade surpreendia até os gringos quando as pranchas Akira viajavam para fora do país. Porém foi nas surftrips pelo Brasil, para as praias do Rio de Janeiro, de Ubatuba e de Imbituba, no sul do país, em busca das ondas, que o dinheiro e a empresa acabou. Apesar disso, Akira continuou prestando serviços para outras marcas até mudar-se para o Paraná. Ele estudou e se formou em Educação Física, na Universidade de Maringá, a UEM.

Sua vida profissional acabou acontecendo longe das praias, das ondas e da sua formação acadêmica. Em 1988 montou sua firma de montagem e manutenção de postos de gasolina. Venceu uma concorrência estadual e se instalou na capital sul-matogrossense, Campo Grande, onde fez família.





78



Pascoal Roberto Espósito, em 1985



Santos, onde o Swiße nasceu no Brasil

Pascoal Roberto Espósito nasceu em Santos, no dia 17 de abril de 1957. Seu pai, Francesco, era ourives e fundou na Rua Sete de Setembro, na Vila Nova, em Santos, a Relojoaria Suiça, homônima à famosa rede de joalherias. Aos sete anos, Pascoal já pegava ondinhas de jacaré sobre sua pranchinha de isopor. Ele logo iria migrar para as pranchas de madeirite, influenciado pelos pioneiros surfistas de Santos que começavam a disputar as ondas nas praias.

Ele acompanhou a evolução do madeirite para as pranchas de isopor e depois de poliuretano. Pela vocação, exemplo ou habilidade manual herdada do pai, Pascoal progrediu como designer e shaper artesanal de pranchas.

Pascoal foi reconhecido como um dos melhores shapers de Santos. Seu dife-

dos fundos da casa dos pais, na avenida Francisco Glicério, próxima ao Canal 2.

Junto ao amigo Akira tornou conhecida e respeitada a marca Akipa Surfboards, em 1975. Associou-se também com Delton Menezes, Zeca Glass e Alcides, criador da Special Royd. Nos primeiros anos da década de 1980 ele lançou sua última marca, a Star Model Surfboards.

Em 1985, para superar as dificuldades econômicas do Brasil, Pascoal foi para Portugal explorar o mercado internacional. Em 1989, ele desbravou as Ilhas Canárias,

Em 1985, para superar as dificuldades econômicas do Brasil, Pascoal foi para Portugal explorar o mercado internacional. Em 1989, ele desbravou as Ilhas Canárias, possessões espanholas do Atlântico.

de 1992, Pascoal chegou a reunir os cinco melhores surfistas prós das Ilhas Canárias, entre eles Johnny, Francis e Juama. Numa das competições, um dos maiores surfistas do mundo à época, o norte-americano Tom Curren, surfou e aprovou uma das pranchas de um competidor

em 1997. Aos 40 anos de idade, Pascoal saiu da vida para entrar na memória do surfe brasileiro. Atualmente, seu filho Bruno, que herdou o talento do pai, segue a sua saga sobre as ondas.

PASCOAL E TOM CURREN

rencial perante outros concorrentes era sua qualidade como surfista. Dentro d'água ele testava os novos materiais e tendências, lançou sua marca Pascoal Surfboards, em 1972, e depois se associou a outros grandes fabricantes da Baixada. Sua primeira oficina foi no quartinho

possessões espanholas do Atlântico. A partir daí, todo início de verão, Pascoal passava a temporada em Tenerife, a maior das ilhas espanholas, próxima à costa da África Ocidental, onde produzia suas pranchas e voltava ao Brasil. Foi lá que aconteceu o ponto alto na sua carreira. No ano

da Star Model. Na época o surfista campeão tinha acabado de fechar um contrato com a Rip Curl e tornou a marca Star Model ainda mais prestigiada.

Considerado por muitos um grande surfista, além de shaper reconhecido, a trajetória de Pascoal foi abrevia-



*Considerado um fabricante
e comerciante visionário,
Flávio deixou saudade pela
generosidade e amizade*



Flávio Joaquim Ferreira, o Flávio La Barre, nasceu em Santos em 3 de dezembro de 1950, seguiu para São Vicente, mas foi em Itanhaém que ele fez história, adotando a encantadora cidade do litoral sul paulista como seu home break do surfe.

Considerado um fabricante e comerciante visionário, La Barre deixou saudade pela sua generosidade e amizade. O santista, criado no Tumiaru, começou na natação defendendo as cores do clube, antes de surfar com a galera de São Vicente na praia do Itararé. Sua prancha, produzida pelo Homero, tinha um peixe Marlin pintado no botton, lembrança dos tempos em que surfava ao lado de Longarina, Elizeu e Vicente Ferraro. Aliás foi com o próprio Homero, o mestre que Flávio aprendeu a técnica de fabricação, antes de ensinar e trabalhar com o Nelsinho, da Nel Surfboards.

Sua trajetória como fabricante começou em São Vicente, na rua XV de Novembro, quando recebeu o incentivo da vó Eleonora Ferreira Gonçalves, a Lola, para montar a oficina na garagem da casa, por volta de 1971.

De espírito aventureiro, Flávio desbravou ondas em todos os continentes. Em

1974 fez sua primeira viagem internacional para o Havaí ao lado do amigo Dudu Argento, um dos irmãos Twin. Nas praias da Indonésia, Flávio surfou em picos alucinantes. Adepto de ondas grandes, La Barre se inspirou no nome da praia onde iniciou o surfe francês para criar sua marca

FLAVIO LA BARRE

e ganhar o apelido que o consagraria.

Nessa época sua oficina já funcionava na Ponta da Praia, na rua Amélia Leuchtemberg 16, em Santos. Entre 1975 e 1978, Jorge Português, fabricante do Guarujá, fazia a laminação nas pranchas do La Barre, vendidas na Surf Center, do Carlos Barsotti, o Pretinho. Da sua pequena oficina de pranchas em Santos, La Barre migrou para Itanhaém na década de 1980, quando lá quase ninguém falava em surfe, montou sua oficina no canto da praia do

Cibratel e, posteriormente, consolidou um pequeno império para a dimensão da região.

O shaper, surfista e comerciante, formou uma das primeiras equipes de surfe profissional do país, com patrocínio da Reforplás. Pela La Barre receberam seu apoio: Edu Helou, Walter Vaz, Esquimó, Jaime Ventania, Alfredo Bahia, Peixe, Cisco Araña, Neno

do Tombo e a saudosa lenda do surfe vicentino Nino Matos, entre tantos outros que fizeram história.

La Barre morreu jovem, aos 57 anos, em 27 dezembro de 2007. No ano seguinte, em 21 de janeiro de 2008, La Barre foi um dos homenageados no Dia do Surfista. A homenagem póstuma ocorreu durante a abertura do IV Santos Surf Festival. Entre os surfistas e amigos presentes no evento, Cisco Araña relatou emocionado que um dos motivos que o levaram a participar do Santos Surf Festival foi saber da homenagem ao La Barre, que influenciou

várias gerações de surfistas: "Eu senti a presença dele dentro d'água". Outro parceiro de ondas, Carlos de Alencastro Guimarães, o Lobinho, também deixou seu depoimento: "Era um grande amigo, que se dava bem com todo mundo".

Seu legado está nas mãos do filho Flavinho. O filho recebeu o apelido do pai na Certidão de Nascimento. Para Flávio La Barre Ferreira, o pai sempre o inspirou a ser uma pessoa positiva e cuidar daqueles que vivem ao nosso redor. O sucesso de Flavinho foi conquistado fora d'água. Amante da música, graças a todo incentivo que recebeu do pai, hoje vive feliz como produtor musical, shapeando as ondas sonoras e fazendo o que ama.

Considerado um fabricante e comerciante visionário, La Barre deixou saudade pela sua generosidade e amizade





Cisco e Bulina comemoram o título vicentino de 1973

Santos, onde o Swiße nasceu no Brasil

Santos foi a receita e o surfe a cura para Celso Gonçalves, o Bulina. O paulistano, nascido em 19 de junho de 1953, sofria de bronquite desde pequeno. As crises só melhoravam nas férias quando a família descia a Serra do Mar e o menino banhava-se no mar de Santos.

Para aliviar o sofrimento do filho, os pais mudaram-se para a cidade praiana, em 1967. Eles encontraram um apartamento na avenida Presidente Wilson, no Gonzaga. O contato frequente com a praia revelou o surfe ao Celso e a atração foi imediata.

Por recomendação o menino tocava pistão, um instrumento de sopro que ajudava a fortalecer e regular a respiração. Apaixonado pela prática de surfe, Celso resolveu trocar o pistão por um pranchão. Inspirado na monoquilha, Celso escolheu o próprio apelido que o acompanharia por toda a vida: Bulina.

O surfista não tinha medo de encarar as ressacas. Os ami-

gos Luís Zé Terroso e Marcos "Tubo" foram seus grandes incentivadores para enfrentar as ondas grandes, o que fez de Bulina um surfista respeitado pela coragem.

No feriado de 7 de setembro de 1973, ele venceu na categoria Senior o II Campeonato Vicentino de Surf, no Itararé. O campeonato em homenagem ao surfista Pezinho, fabricante de quilhas, morto num acidente de moto em frente ao Caiçara Clube, reuniu grandes nomes do surfe. Bulina, que até então surfava em longboard, caiu com uma Maui Surfboards 5'7, modelo Fish Tail, branca com a borda verde, feita pelo shaper campeão Guto Maui. As pranchas fabricadas pelo shaper tinham o desenho de um pé com os dizeres "Homenagem ao Pé".

A revelação do campeonato ficou por conta de Cisco Araña, ainda garoto, que

deu um show sobre as ondas e venceu entre os juniores. O torneio foi organizado pela Secretaria de Esportes de São Vicente, promovido pelo jornal Cidade de Santos/Cervejaria Skol e apoio da Suns Door Surfboards de Guto Maui e Longarina.

BULINA, CAMPEÃO EM 1973

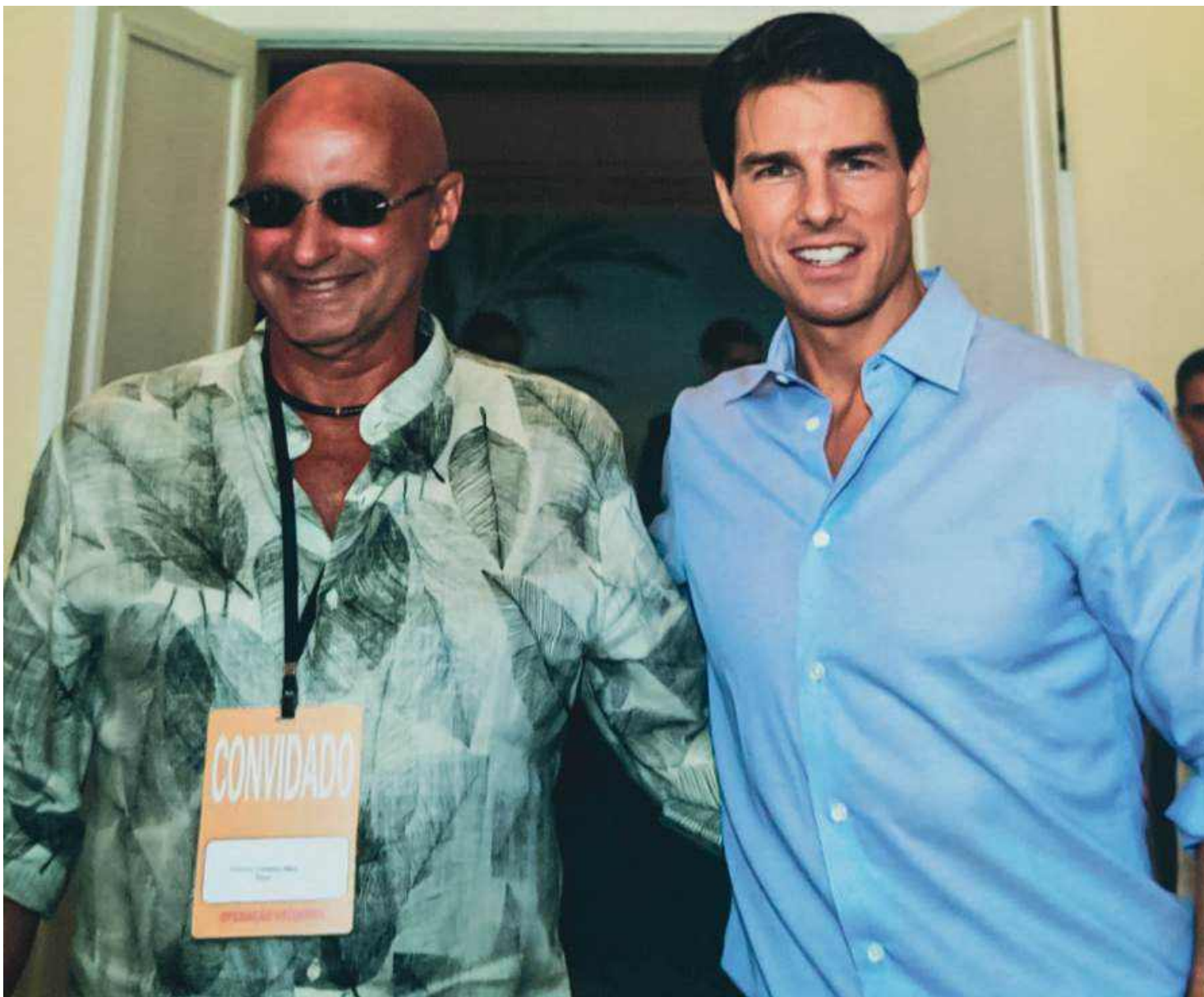
Os amigos Luís Zé Terroso e Marcos "Tubo" foram seus grandes incentivadores para enfrentar as ondas grandes, o que fez de Bulina um surfista respeitado pela coragem

Bulina tentou repetir o sucesso em outro campeonato na Praia do Tombo. Apesar de sair como favorito da água, o surfista acabou ficando na oitava colocação. Desiludido, deixou o surfe competitivo de lado e não participou de nenhuma outra disputa.

Celso Bulina se voltou para a fabricação das parafinas Best Wax – by Bulina, de reconhecida qualidade. Ele também trabalhou como estivador no Porto de Santos até se aposentar. Nesse ano de 2023, o surfista, pai de três filhos, comemora 70 anos de idade e 50 da vitória no II

Campeonato Vicentino. Pelo seu legado de conquistas e contribuições ao surfe, Bulina foi um dos homenageados no Dia do Surfista, comemorado em 21 de janeiro de 2023. Um prêmio mais do que merecido.





Toninho foi pioneiro no surfe e no rock

Toninho, que nasceu Antônio Campos Neto no dia 7 de junho de 1953, em São Paulo, chegou a Santos aos 10 anos de idade. O pai de Toninho, Antônio Francisco de Campos, era engenheiro químico, mas foi chamado pelo seu pai, Antônio Campos Filho, fundador dos Cinemas de Santos, para formar na sociedade.

A família morava na rua Azevedo Sodré, enquanto Toninho estudava no Ateneu Progresso Brasileiro, na Ana Costa. Nessa época seu passatempo era a leitura, até que a mudança para a rua Carolino Rodrigues e o ingresso por concurso no Colégio Canadá abriram as portas da liberdade e o menino passou a frequentar novos lugares e amizades.

Um reduto que se apresentou a ele foi a Xicko's. Lá existia a famosa pista de autorama e Toninho se dedicou ao hobby e às competições. Ele montava os carros e com menos de 14 anos já era campeão paulista, correndo nas pistas de São Paulo com grandes nomes do esporte.

Os santistas estavam explorando um novo estilo de vida e o filme acertava em cheio o que o cinema buscava captar

TONINHO CAMPOS DO CINE ROXY

Época em que Toninho frequentava também o Tênis Clube de Santos, lia algumas revistas importadas de surfe e andava com a molecada do Canal 3, entre eles o Petito, Miguel Sealy, Bruce Abrantes, Pardal e Frigerio, fundadores do Big Kahuna Surf Club. Toninho se juntou a eles para fabricar sua prancha feita de madeirite, usando das mesmas artimanhas e técnicas dos amigos.

Quando passou para a prancha caixa de fósforo seu point já era a casa do Nando e do Cirinho Vaz no Canal 1, lugar de ondas maiores e mais frequentes. Depois disso, as pranchas passaram por uma revolução, com materiais sintéticos, tornando-as mais leves. Toninho ganhou o seu pranchão Weber Surfboards e uma parafina em spray, numa encomenda feita aos amigos do pai que trouxeram dos Estados Unidos.

No final dos anos 1960, os santistas passaram a desbravar novos picos. À bordo da Rural Willys do Gino Sarti, Toninho e os amigos frequentaram o litoral norte, acampando em Juquehy, em surftrips únicas e pitorescas, praticando escambo com a tribo indígena que vivia ali na região, enfrentando os perrengues e desafios daqueles tempos.

Em 1972, Toninho casou e foi morar em Porto Alegre para tomar conta do cinema que o pai mantinha em sociedade na capital gaúcha. Depois voltou para São Paulo, seguiu para Salvador e com o fim da sociedade, ingressou numa outra parceria em salas de cinema entre São Paulo e Juiz de Fora.

Por volta de 1979, de volta a Santos o surfe ganhou intensidade e rolou até a pro-

dução de um documentário em parceria com o publicitário Jacaré. O filme em 35mm captou imagens da praia de Camburi junto aos irmãos Argento, da Twin. Uma obra-prima que se perdeu no tempo.

Os filmes de surfe já eram inspiração para Toninho. O histórico *Endless Summer* foi um marco. Depois de pilhar o pai com a novidade que rodava o mundo, Toninho conseguiu trazê-lo para Santos, em 1967. Ele mobilizou a galera para ir ao Cine Indaiá assistir ao filme. A experiência única de projetar ondas grandes na tela de cinema lotou o espaço e fez a cabeça dos surfistas. O *Endless Summer* ia além de exibir as maiores ondas do planeta. Os santistas estavam explorando um novo estilo de vida e o filme acertava em cheio o que o cinema buscava captar. Para Toninho, o cinema é sempre único, pois você paga

sem saber o que vai ver, sai sem levar nada, mas ainda assim um filme pode mudar a sua vida. E *Endless Summer* mudou a vida de muita gente.

Outro filme que marcou época foi a produção nacional *Menino do Rio*, de 1982. A arte gráfica foi feita pelo santista Ucho Carvalho e Ricardo

van Steen. O filme estrelou o surfista e ator André De Biasi e foi escrito e dirigido pelo santista Antônio Calmon. Toninho pegou carona no sucesso do filme e montou uma equipe denominada *Menino do Rio* para competir na Praia do Pernambuco, com uniformes e cartazes produzidos pelo amigo Ucho. Os irmãos Salazar faziam parte da equipe, o campeonato foi sensacional e teve a presença do próprio André De Biasi. O filme acabou deixando Toninho conhecido no mercado, levando mais público na cidade de Santos do que na capital, um feito inédito.

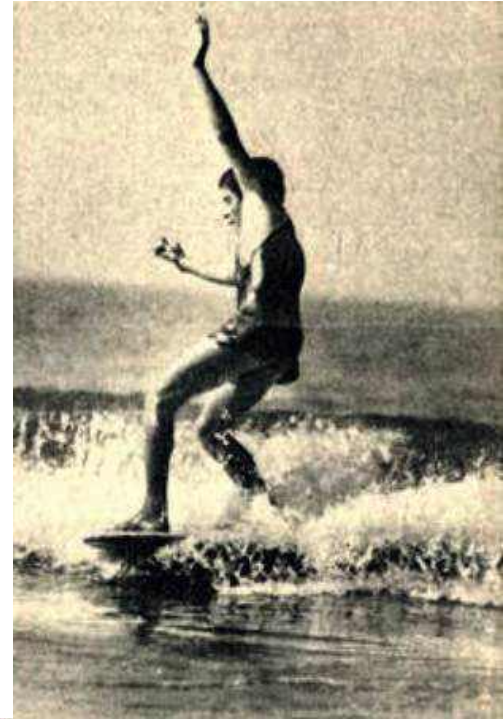
Os projetos culturais não pararam por aí. Depois de uma temporada em Londres, Toninho teve a ideia de promover shows de rock ao vivo. As bandas e cantores nacionais de rock começavam a fazer sucesso e Toninho trouxe a Santos os Paralamas, Gang 90, Marina, Legião Urbana,

João Penca, Ira, Titãs, Capital Inicial, Kid Abelha, Lobão e tantos outros. Para isso ele montou uma casa de shows, a *Heavy Metal*, na avenida Vicente de Carvalho 16, no antigo Cinema 1, em frente à praia. A casa inaugurada no Réveillon de 1983 com a banda Erva Doce foi um sucesso e ficou pequena para o público que não parava de crescer. A solução foi levar os shows para o Clube XV e dali para o Caiçara, onde os eventos de rock nacional se tornaram amplamente conhecidos da sociedade santista. Santos virou um polo do rock no estado de São Paulo. O *Rock n'Rio* fez explodir sucessos pelo país, mas Santos já era conhecida pelas grandes bandas brasileiras.

Toninho ainda tem algumas pretensões em relação ao cinema e o surfe. Passar o Circuito Mundial ao vivo é uma de suas ideias. Diante de tantas iniciativas culturais e uma vida de empreendedorismo, o espírito livre do surfe continua falando alto.



*Carmelo fazendo
hang five em 1968*



Santos, onde o Surf nasceu no Brasil

O grande mérito de Melo foi conscientizar os surfistas da necessidade de manter a regularidade nos treinamentos, da organização na vida pessoal e profissional dentro de um projeto de futuro

PROFESSOR CARLOS CARMELO

Carlos Carmelo Alves, o Melo, nasceu no Morro da Penha, em Santos, no dia 8 de janeiro de 1953. O pai, de quem herdou o nome Carmelo, gostava muito de praia. A família morava da rua Alfredo Albertini, a apenas duas quadras das areias do José Menino.

Desde pequeno Melo já corria as ondas de peito, nas tabuinhas de madeira. No raso ele também gostava de correr e se jogar de peito na lâmina fina de água, numa brincadeira conhecida como jaú. O sorrisal, parecido com o jaú, porém de pé e sobre uma tábua redonda, também era uma curtição da garotada naqueles tempos de infância.

Por volta de 1965, logo após o falecimento do pai, Melo experimentou uma nova sensação. Um vizinho da Alfredo Albertini tinha um sandolin e a molecada carregava a embarcação para a praia a fim de remar e pegar as ondinhas.

Na convivência com o pessoal da Rua Maranhão, entre eles, Álvaro de Souza, Jorge Sá e Armando, o surfe sobre prancha surgiu na vida de Melo, por intermédio

do amigo Juca que frequentava a turma de praia. Um dos surfistas da turma, o Álvaro, tinha uma madeirite e foi com ela que Melo surfou pela primeira vez de pé. Tempos depois ele compraria sua própria prancha de madeira: uma Procópio do amigo Valdirzinho, o Ratão.

Em 1968, Melo disputou seu primeiro e único torneio, o Aberto do Ilha Porchat. Ele tinha apenas 15 anos e passou da primeira bateria, numa competição que reunia grandes nomes do surfe santista e carioca. Sua maior lembrança foi a conclusão de um hang five sobre a prancha Carpo, do amigo Valdirzinho, que lhe rendeu a foto histórica no Jornal Cidade de Santos, eternizada numa tatuagem no braço esquerdo. Na ressaca do dia seguinte, Melo foi desclassificado e nunca mais competiu.

Ele guarda com carinho as lembranças das surftrips para a Praia Branca que se transformavam numa grande aventura. Ele, Buana, Fernando Dragão e Paulo Gordo pegavam a barquinha atrás da Alfândega em Santos e de lá iam pelo canal de Bertiooga até a casa da tia do amigo Ulisses na Prainha.

Uma forte influência de toda a turma foi o saudoso Santana. No início dos anos 1970, os dois produziam as pranchas da Santana Surfboards. Em 1973, aos 19 anos, Melo passou a trabalhar como controlador de carga e descarga na Supervise, uma companhia terceirizada das Docas de Santos. Sem interromper os estudos, formou-se em Educação Física pela FEFIS, em 1979. Em meados dos anos 1980 o então professor Melo foi convidado para julgar os campeonatos

ao lado de Marcelo Spinelli (Mastrô), Bill, Sérgio Gadelha e Caetano.

Nessa época ele reencontrou Picuruta, recém-patrocinado pela Quiksilver. A marca estava exigindo um técnico e Picuruta confiou a missão em Melo. O professor trocou o trabalho de juiz pelo de treinador, passando a treinar e assessorar os grandes surfistas da equipe, os irmãos Picuruta e Almir Salazar, e depois Wagner Pupo, transformando-os em atletas profissionais campeões. O primeiro campeonato dessa equipe foi o Niasi/Tribuna FM de 1988. A parceria com a Quiksilver foi até 1991. Depois Melo continuou com a equipe da 775, do empresário Davi, e fez de Tinguinha o novo campeão paulista e ingresso ao WCT. Da 775, Melo seguiu com o surfista Douglas Lima na Fico. Sua última façanha no surfe foi na Da Hui, em 1997. Na viagem para o Havaí, na companhia de Picuruta (patrocinado pela marca) e Ronaldo Serapião, Melo conheceu o Lincoln – licenciado da

marca - e foi convidado para ser técnico da equipe, formada por Picuruta, Ricardinho Toledo, Maurício Pelé, entre outros.

No dia 5 de fevereiro de 2000, uma nova reviravolta na vida de Melo. Depois de anos de viagens e da adrenalina de competições, ele preferiu se dedicar a família e ao ofício de professor de Educação de Física, com exclusividade.

O grande mérito de Melo foi conscientizar os surfistas da necessidade de manter a regularidade nos treinamentos, da organização na vida pessoal e profissional dentro de um projeto de futuro. Melo enxergava a frente do seu tempo e viveu intensamente suas escolhas. Aos 70 anos de idade, completados em 2023, casado com a nadadora e triatleta Carminha, pai do Peter e Luana e avô de Guilherme e Cauê ele é uma das maiores referências da história do Quebra-Mar.





88



*Ratinho vive desde
2018 em Portugal*



Santos, onde o Swiße nasceu no Brasil

Em 2001 a Transbrasil faliu e após quatro anos vivendo na Coreia, Ratinho passou os próximos 14 anos voando o Boeing 747 para a Singapore Airlines

COMANDANTE RATINHO

José Roberto Carneiro Júnior é o típico "rato de praia" santista. Nascido do encontro entre dois nadadores e criado nas águas de Santos, o nadador miúdo ganharia o apelido de Ratinho na sua juventude.

Antes de ser fisgado pelo surfe, José Roberto já tinha experimentado a travessia a nado pela baía de São Vicente. Herança dos pais, José Roberto Carneiro e Maria Nilza Pasqualini, exímios nadadores que se conheceram nos Jogos Abertos do Interior de 1954, em Sorocaba. Da união nasceu José Roberto Carneiro Júnior, em 20 de março de 1956, e Cláudio, o Roy.

Morando na casa da avó perto do Orquidário, Ratinho começou a pegar onda aos oito anos de idade com sua pranchinha de peito no Canal 1, em frente ao Edifício Marajoara. Aos 10 partiu para

uma prancha de madeirite e algum tempo depois ele próprio fabricou sua primeira prancha de fibra de vidro. Despertava ali o talento para os estudos que seguiria no futuro. Estudante do Instituto Educacional Martim Afonso, em São Vicente, Ratinho ingressaria na concorrida Faculdade de Engenharia Industrial de São Bernardo, a renomada FEI.

Ratinho surfou inicialmente entre o Canal 1 e a Ilha Urubuqueçaba. Mais tarde começou a frequentar a turma do Canal 5 e suas primeiras barcas de surfe para as praias das Pitangueiras, Astúrias, Tombo e Pernambuco, no Guarujá. Dos muitos amigos dessa época, surfava mais constantemente com o Julinho Mazzei, Macaco, Baroni, Akira, e mais tarde com os irmãos Cangiano, Sergio e Ika.

No início dos anos 1970 começou a trabalhar na fábrica do Homero, formando no Homero Surfteam. Com a equipe participou de vários campeonatos nacionais do Festival de Surf de Ubatuba, organizados pelo Paulinho Issa. Num desses festivais, Homero fez uma prancha "Assimetric Tail" em apenas um dia pra levar como prêmio para o campeonato em Ubatuba. Numa parada no Litoral Norte pra pegar umas ondas, a prancha foi escondida no mato. Já dentro d'água os surfistas viram uma fumaceira danada ao lado do carro (a famosa DKV). Era a prancha-prêmio que pegou fogo pelo excesso de catalizador.

Ao lado de Homero viveu surftrips marcantes, como a de Imbituba em 1976, onde uma penca de surfistas dormiu amontoada no quarto de um restaurante de praia e divi-

diram um mar de ondas gigantes. Outra trip com o Homero teve como destino Saquarema. Enquanto passava pela praia de Ipanema com sua DKV, Homero ficou irritado com um grupo de motoqueiros fechando a avenida. Sem querer derrubou um deles e uma perseguição teve início pelo Rio de Janeiro, com direito a contramão da avenida da Lagoa até alcançar um esconderijo num prédio qualquer para despistar os motoqueiros. Dali os forasteiros tomaram a balsa para seguir em fuga até Niterói. Chegando em Saquarema o swell que entrou na Laje era gigantesco. Homero rapidamente shapeou uma gun tipo "giant killer" na oficina do Penho e com ela Ratinho dropou suas maiores ondas da vida.

Foi do mestre Homero sua prancha predileta. Uma daquelas "Pranchas de surf de precisão", como dizia o slogan da Homero Surfboards, acabou sumindo numa das ressacas nas Astúrias. Na época não se usava cordinha e Ratinho demorou pra sair do mar. Ao chegar na praia a prancha preciosa tinha sumido. Ficou na memória.

Aos 20 anos, Ratinho deixou a faculdade de engenharia para servir à Força Aérea como piloto. Inicialmente locado em Natal, o surfista aproveitou os bons picos de Pipa, Baía Formosa e Fernando de Noronha. Em 1979, já na aviação civil, pilotou para a extinta Transbrasil durante

21 anos. Nesse período viveu uma situação memorável num dos voos: o amigo, também surfista, Auriemma, perguntou pelo Comandante Ratinho. A comissária corrigiu o passageiro dizendo que o comandante era Carneiro e não Ratinho. Confrontada, ela explicou o ocorrido ao comandante que pediu a condução do passageiro ao cockpit. Auriemma ao ver o amigo, exclamou: "Ô Ratinho! Quer dizer que no ar o bicho muda?".

Em 2001 a Transbrasil faliu e após quatro anos vivendo na Coreia, Ratinho passou os próximos 14 anos voando o Boeing 747 para a Singapore Airlines. Período marcado por inúmeras viagens surfando pelo mundo, incluindo três idas ao Havaí. Destaque para Uluwatu, em Bali, uma das melhores esquerdas do planeta e a preferida do piloto.

Em 2013 fez uma surftrip para a Ilha da Madeira principalmente a praia de Paul do Mar. O lugar é um mini Havaí, um paraíso do surfe. Seu destino estava ali perto. Em 2018 parou de voar e escolheu Portugal para viver com sua esposa, Juliette e os filhos Nicholas e Wendy. Boas ondas e água gelada. Do Brasil, a saudades dos amigos e do mar de água quente.



*Saulo, em 1973, no
Pier de Ipanema, Rio
de Janeiro*



Santos, onde o Surf nasceu no Brasil



No início de 1971 aconteceu o encalhe do navio Recreio. Ancorado na Praia do Góes, um clima tempestuoso o arrastou para as areias da Ponta da Praia

SAULO NUNES E A VELOCIDADE NO SURFE

A relação de Saulo com o mar começou com a atividade laboral do pai, Izahir Nunes. Natural de Florianópolis, o construtor de barcos trabalhava em um estaleiro de Itajaí, quando decidiu montar seu próprio negócio ligado à construção de barcos de pesca.

Ele e a esposa Acires mudaram-se para Santos e aqui tiveram seu único filho. Saulo Nunes nasceu em 10 de setembro de 1956 na Casa de Saúde. Dois meses depois uma nova mudança na vida da família. Izahir comprou um terreno, construiu uma casa e um galpão para barcos no bairro Rudge Ramos, em São Bernardo do Campo, onde funcionou por 12 anos, próximo ao km 11,5 da Via Anchieta. Izahir recebia a madeira de Ponta Porã e as toras eram cortadas na Serraria do Manifesto, do cunhado Nicolau Furtado.

O construtor chegou a ser chamado numa reportagem do Jornal o Estado de São Paulo como o Noé de São Bernardo. De volta a Santos, em 1968, morando no oitavo andar do Edifício Roosevelt, na Praia da Aparecida, Saulo teve seu primeiro

contato com as ondas, numa pranchinha de isopor.

Pouco tempo depois apareceu o "marrento" Concaive com uma prancha Caixa de Fósforo. A galera se revizava na prancha surfando as ondas de Santos e do Guarujá. Nas ondas mais cheias até que a prancha desempenhava bem, mas bastou uma embicada numa onda cavada das Astúrias para a prancha literalmente abrir o bico, ficando parecida com um jacaré de boca aberta.

Os madeirites já faziam a cabeça da rapaziada e as pranchas de fibra de vidro apareciam hora ou outra. Saulo as conhecia das revistas Seleções e das importadas Surfing e Surfer, referências na época. Em 1969 ganhou um longboard Kamela Surfboards, de 2,40m, fabricado pelo Jô Hirano e a fissura pelas ondas só aumentou. Ele e

o amigo Picareta passaram a explorar as ondas do Guarujá, nas Astúrias, Monduba ou Pitangueiras.

Nesse mesmo ano a Turma do Fifty, na esquina da Januário dos Santos com a avenida da praia, começou a se formar entorno da famosa lanchonete, entre eles, Picareta, Campedeli, João César, Irú, Adrio, os irmãos Alfredo e Leonardo, o Alfredinho do hóquei, os irmãos Carlos Eduardo e Cícero, Sol, Landinho, Biraca, todos moradores do Edifício Copacabana e arredores.

Para superar o peso da Kamela, Saulo decidiu fazer sua própria prancha. Ele comprou uma placa de dois metros de isopor, cortou, colou a longarina na placa e com um ralador fez um shape 6'6. Sem o material adequado para a laminação, inovou e plastificou o isopor com contact. Ele

ainda aproveitou o segmento da longarina para finalizar com a quilha. A prancha despertou o interesse de simpatizantes do surfe e acabou sendo trocada por uma guitarra Rocket.

No início de 1971 aconteceu o encalhe do navio Recreio. Ancorado na Praia do Góes, um clima tempestuoso o arrastou para as areias da Ponta da Praia. Atravessado em diagonal com a praia, o navio criava uma pressão nas ondas, formando um point break.

Em 1972, ele e Orlando Picareta caminhavam pelo centro do Guarujá e viram, numa vitrine ne uma loja em frente ao antigo cinema, os troféus dos primeiros colocados do campeonato que iria se realizar na Praia de Pitangueiras, o 1º Campeonato de Surf do Guarujá. Os dois se inscreveram na competição e

ficaram entre os primeiros colocados. Saulo foi o campeão, seguido de Flávio La Barre e Picareta em 3º.

Naquele mesmo ano, dessa vez nas Astúrias, o Guarujá recebeu o Campeonato Caballo de Totorá, organizado pelos peruanos. As ondas estavam grandes depois da ressaca de sudoeste e o tempo, frio. Saulo, numa exibição de gala, imprimiu uma velocidade nunca antes vista pelos surfistas da região, arrepiou as ondas e levantou a taça mais uma vez.

Depois desses torneios, Saulo se afastou das competições, preferindo o surfe livre. Seguindo o exemplo do pai, tornou-se fabricante de barcos, chegando a morar, por dois anos, em um barco próprio de 34 pés. Além disso, dedicou-se a passeios turísticos e pescarias, fabricação de pranchas e móveis. Hoje, prefere pedalar e sentir a brisa suave do mar de Florianópolis, onde vive desde 1982.





92



Barletta competiu em alguns torneios e viajou o mundo para conhecer novas culturas



Toni Barletta nasceu Francisco Antonio Barros Barletta. Foi ideia da mãe Nícia simplificar o nome que o tornaria conhecido por toda a vida. Toni é paulistano, nascido no bairro da Vila Prudente, em 26 de novembro de 1955.

No início dos anos 1960, os pais decidiram descer a serra para acalmar a bronquite do filho primogênito, Sérgio. A mudança trouxe o pequeno Toni, ainda com seis anos para a cidade praiana. Em Santos, o menino foi ganhando intimidade com o mar na sua pranchinha de madeira.

Os irmãos cresceram e Toni passou a acompanhar Sérgio e sua prancha de madeirite azul, com uma faixa branca no meio e quilha fixada com parafusos. Nessa época, a família morava no Edifício Las Palmas, situado na rua Oswaldo Cochrane.

Santos, onde o Swiße nasceu no Brasil

Era na praia, onde a rua terminava, em frente ao Conde do Mar, o pico de surfe dos irmãos Barletta. Toni tinha completado 12 anos, quando o irmão comprou um longboard Dextra Surfboards do Miguel Sealy. A sensação sobre o pranchão de fibra de vidro foi a primeira experiência real de surfe na vida de Toni e ele

va ao ver o shaper inovando na criação de pranchas em sua oficina da rua Prost de Souza. Foi lá que conheceu o Marcelo Vergara, Silvinho Lopes e Oracio Cocada.

O mago das pranchas expandiu sua produção para um espaço maior na avenida Epitácio Pessoa, atraindo cada vez mais surfistas, artistas de raro talento como João de Deus, criando uma escola de formação de shapers nacionais e internacionais, como os uruguaios Pino, Roberto, Rod, Peludo, entre

pé, no fusquinha "pulgueiro" do Fukuda ou do Chico Preto, na perua do "seo" Elyseu ou ainda na Brasília dos Cangiano, as barcas fundiam tribos diversas dentro e fora do mar. Toni compara esse fenômeno às transformações que ocorriam no Rio de Janeiro, com o crescimento do surfe e o desenvolvimento de uma nova cultura de praia.

Toni competiu em alguns torneios de surfe, como o histórico Caballo de Totorá, mas sempre preferiu o que o surfe proporciona de melhor: conhecer pessoas, colecionar histórias e criar uma comunidade de amigos

TONI BARLETTA, O MASTER SURF

jamais esqueceria da magia desse dia.

O garoto fazia parte da equipe infantil de tamboréu do Clube Fluminense, que se reunia na barraca de praia ali mesmo no Conde do Mar. Ao lado do primo Ricardo de Barros, dos amigos Clodinho, Clodoaldo, Taboada, Gerson, entre outros, Toni destacou-se como campeão da sua categoria. Porém, o surfe foi ganhando importância e espaço cada vez maior, especialmente quando ele conheceu Homero Naldinho. Toni se deslumbrava

outros. Até mesmo o californiano Gary Linden ficou chocado com a criatividade do gênio brasileiro.

Nos anos 1970 uma molecada se formou no Canal 5, entre eles Chico Preto, os irmãos Cangiano, Márcio e Marcelo Fukuda, Décio e Dirceu, Claudião e Eugeninho, Marcelo e Maurício, Carlinhos Horácio, Betão Cajazeira, Cisco Araña, Paulo Afonso, Olavo Tadeu, Lelé e Pierry. A turma da rua Dom Lara também se juntava a eles em trips inesquecíveis para o Guarujá, a

Toni prosseguiu seus estudos ginasiais no Colégio Andradas, em frente ao mar, depois fez o colegial no Avelino da Paz Vieira até alcançar a Faculdade de Administração de Empresas na Unisantos. Sem abandonar o surfe, recebeu com entusiasmo o convite de Homero para uma surftrip ao lado da ex-mulher Lúcia, Oracio Cocada e Luiz Zé. Juntos embarcaram na perua DKV para conhecer as ondas de Imbituba, em Santa Catarina. Na bagagem, Toni levou orgulhoso sua primeira

prancha "de luxo": uma Aquarius com concave e quilha "wave set". Os santistas encontraram cariocas ilustres no pico catarinense, entre eles, o Mudinho. Toni ficou alucinado ao ver Oracio e Mudinho destruindo as ondas grandes de Imbituba. Outra viagem inesquecível, também para o sul, na companhia de Juninho Guimarães, Bukão e Jacuí, revelou as direitas incriveis do píer de Laguna, ao lado do Farol de Santa Marta.

Toni competiu em alguns torneios de surfe, como o histórico Caballo de Totorá, mas sempre preferiu o que o surfe proporciona de melhor: conhecer pessoas, colecionar histórias e criar uma comunidade de amigos. Com esse ideal, em 2009, uma viagem internacional para o santuário do surfe de Mentawai, na Ilha de Sumatra, se formou entorno dele, do Juninho, Cláudio Barbosa, Marcelo Fukuda, Giba, John Wolthers, Mark, Wagnão, Sérgio Cangiano, Biral, Denis e Bayard. A viagem consolidou sua trajetória de vida e nela ainda teve o privilégio de encontrar uma de suas maiores referências no surfe: Gerry Lopez surfando a onda de Thunders com os irmãos californianos Malloy.

O desejo de conhecer novas culturas levou Toni para outros destinos do mundo. Aos 27 anos ele viveu em Madri, depois Londres, juntou dinheiro e foi conhecer a Indonésia e a Austrália. De volta ao Brasil, trabalhou em uma Multinacional e desenvolveu projetos em Portugal e Espanha. Foi na Vila de Mundaka, no País Basco (norte espanhol), onde quebra as melhores ondas da Europa, o lugar que Toni escolheu para formar sua família ao lado de Aitziber Aguirregoicoa Lupiola, sua esposa. Aos 68 anos, completados em 2023, o surfe continua mais vivo e intenso do que nunca, legado que ele passou para seu único filho, Kai.





94



*Fábio se deslocava
para outros picos,
abrindo as portas
para novas amizades
e descobertas na
praia do Itararé, em
São Vicente, e das
Pitangueiras, em
Guarujá*



Santos, onde o Swiße nasceu no Brasil

*Após mais de meio século no mar,
Fábio ainda resiste, surfando e
fortalecendo o respeito do homem
com a natureza*

Nascido em Santos sob o signo de gêmeos, em 28 de maio de 1957, Fábio Antônio Boturão Ventriglia morava no Marapé e começou surfando no Canal 1 sobre uma pranchinha de isopor da Planondas ao lado do irmão mais velho, João, em 1967. Na época ainda não tinha estrada para o Litoral Norte e o trajeto muitas vezes era feito pela praia. Os carros atolavam e os surfistas, em caravana, se ajudavam, despertando e moldando o espírito de companheirismo e solidariedade. O apelido Jacuí

SARAVÁ, FÁBIO JACUÍ

Os irmãos evoluíram e passaram para outros tipos de pranchas, da madeirite e caixa de fósforo, ao sonhado canhão de fibra de vidro da Glaspac, comprado de Miroel Couto, uma lenda do Itararé, em 1970. *(João, irmão de Fábio, surfa até hoje no Quebramar com a sua cinquentenária Glaspac)*

Com a proibição do surfe em algumas praias santistas, Fábio se deslocou para outros picos, abrindo as portas para novas amizades e descobertas, na praia do Itararé, em São Vicente, e das Pitan-

surgiu nessa época, num encontro com um indígena da tribo Tupi.

Essa geração foi criada na contracultura, permeando a rebeldia sobre o sistema imposto, despertando uma reflexão sobre um novo estilo de vida, contrário a perseguição e truculência das autoridades e dos mais velhos sobre os mais jovens.

Os campeonatos e festivais de surfe se sucediam, em especial em Ubatuba, promovendo o intercâmbio com outros surfistas de São Paulo e do Rio. Fábio não se desta-

cava nos campeonatos, mas passou a se esmerar na organização dos novos eventos.

Com a necessidade de fortalecer o surfe perante o poder público da cidade, em 1978, Fábio fez parte do grupo que movimentou a construção da Associação de Surf de Santos. A partir do início dos anos 1980 a entidade auxiliou na criação do Circuito Paulista de Surf e na formação de outros campeonatos, como o Circuito Junior Mirim, do Campeonato Universitário Paulista, em 1982, os primeiros das categorias no Brasil.

O surfe proporcionou para Fábio viagens inesquecíveis como o Havaí, Indonésia, França, Espanha, Portugal, República Dominicana, Marrocos, Venezuela, Trinidad Tobago, Peru, México, El Salvador, Panamá, entre outros picos.

Após mais de meio século no mar, Fábio ainda resiste, surfando e fortalecendo o respeito do homem com a natureza. Seu maior sonho é unir os esforços de todos os amigos para construir uma sociedade mais justa, onde todos tenham acesso a lazer,

alimentação, saúde e educação, em torno de uma sociedade livre e sustentável.

Seu lema é: Resistir sempre. Saravá!





Quando pequeno, Helio agarrava no pescoço do pai em seus primeiros mergulhos

Filho de Simplício e Julieta, Helio Silva de Oliveira nasceu em Santos, em 1956. O pai era embarcado na Marinha e um experiente mergulhador. A afinidade pelo mar aproximou os dois em inesquecíveis passeios nas águas calmas do Canal da Bertioga. Dali surgiram suas aventuras com o mar. O menino agarrava no pescoço do pai em seus primeiros mergulhos no paraíso.

Por volta de 1961, a mãe trabalhou para o "seu" Dondinho e Dona Celeste, pais de Pelé. O Rei já tinha ganhado o mundo na Copa da Suécia de 1958 e o menino passeava na praia do Canal 5 em companhia da irmã do astro, Maria Lúcia.

O surfe apareceu aos sete anos. Na ocasião a mãe trabalhava nas casas das famílias Consone e Alonso na rua Colômbia, no bairro do

O seu apelido veio das peripécias de moleque. A habilidade em pegar os frutos dos coqueiros das mansões da Praia do Pernambuco rendeu mais do que a correria quando era surpreendido pelos caseiros

Boqueirão. Ali perto existia a mercearia Carioca, dos irmãos Silvares, na esquina das ruas Oswaldo Cruz e Epitácio Pessoa. Eles tinham pranchas de madeirite e depois passaram para as de fibra de vidro da Glaspac. Foi o primeiro contato de Helinho com pranchas de surfe.

O menino vivia na praia do Boqueirão. Em frente à rua Ângelo Guerra, ele e o amigo João pegavam onda com as pranchinhas Alaia, pequenas tábuas de madeira com abertura para as mãos. Mas o que atraía mesmo a atenção de Helinho eram os surfistas descendo as ondas do fundo com suas madeirites ou caixas de fósforo, em especial Allan Torrecillas e Lacraia, exímios surfistas. Inspirados por eles, os garotos se lançaram nas pranchinhas de isopor da Planondas e até conseguiam ficar de pé para surpresa dos mais experientes que vibravam com a habilidade da molecada.

HELIO COKINHO DO BOQUEIRÃO

Da praia do Boqueirão, Helinho foi em direção ao Canal 3. Quando tinha 12 anos, as pranchas de fibra começaram a se popularizar. Ele começou a andar com a turma grande que se formou em torno do Big Kahuna Surf Club, entre eles Allan, Miguel Sealy, Pitito, Durval, Vaselina, Pardal, Zizi, Timó, Ucho e Paulo Carvalho.

Depois começaram suas incursões em direção ao Canal 1 e Itararé. As caronas para o Guarujá também surgiram nessa época. Em 1969 o pico era em frente ao Clube da Orla, nas Pitangueiras. Ali ficavam os pioneiros do Guarujá, entre eles, o Udo, os irmãos Barsotti, o Rui Gonzalez, entre outros.

As travessias eram feitas na famosa kombi do Elyseu. A barca do arquiteto que partia de São Vicente com o Nelsinho, Vicente Ferraro e o Longarina, pegava a galera do Canal 3 e atravessava para o Guarujá. Quando não tinha a Kombi, o trajeto era feito a

pé pela avenida Adhemar de Barros, entre os manguezais, até a selvagem Praia do Tombo ou do Sobre as Ondas.

Em 1972, aos 16 anos, Helio Cokinho partiu para um campeonato no Rio de Janeiro com o amigo, Antônio "Cabeleira", filho de um juiz e sobrinho de um desembargador. Assim conseguiram uma autorização para a viagem interestadual de ônibus. Foram altas ondas no Píer de Ipanema.

Em meados na década de 1970, o Wady e o Fuad Mansur abriram uma loja no Rio que virou base de apoio para os santistas. Helio surfou as ondas pesadas e tubulares na Barra da Tijuca, no Posto 5, no Arpoador e finalmente Saquarema.

Por volta de 1975, Helio Cokinho começou a lixar pranchas e realizar consertos para Lightning Bolt do Thyola e Mark Jackola. A sua técnica foi se apurando com as referências do havaiano e de outros grandes shapers, os maiores do mundo, como

o carioca Wanderbill, Glenn Minami, Eric Arakawa e Barry Kanaiupuni, rei de Sunset e shaper da Lightning Bolt internacional. A oficina chegou na casa da Rosana Marques e Helinho evoluiu como shaper da marca, reconhecido pelos gringos como Helio Coconut.

Nessa época Helio Cokinho morava na rua Lobo Viana. Em frente da casa ficava o estacionamento da empresa de ônibus Expresso Brasileiro. Ele acompanhou a transformação daquele imenso espaço no tradicional Supercentro Comercial do Boqueirão.

Helio reconhece a ajuda do seu vizinho ilustre: o empresário Dr. Milton Teixeira. A relação entre eles começou ainda na casa do extinto Colégio Monte Serrat que abrigava uma piscina se-

miolímpica. Com a permissão de Milton, os técnicos Bagdá e Paulo Paranaguá treinavam o então estudante Helio Cokinho. O Santa Cecília apoiou o garoto com seus estudos do ginásio até a Faculdade de Artes Plásticas. Foram além. Quando adquiriu o terreno ao lado do Hospital Guilherme Álvaro, o Santa cedeu parte do espaço para Helio fazer suas primeiras pranchas, impulsionando a futura carreira profissional do surfista. Ali, em parceria com o Wagner Colla surgiu a marca Brazilian Expression, em 1978.

O seu apelido veio das peripécias de moleque. A habilidade em pegar os frutos dos coqueiros das mansões da Praia do Pernambuco rendeu mais do que a correria quando era surpreendido pelos caseiros. Helio Coconut virou marca e símbolo de um shaper que carrega uma história de sucesso.



*Paulo fez história
no pioneirismo
do surfe e das
surftrips em ondas
embarcadas de
Ubatuba*



PAULO ISSA E O FESTIVAL BRASILEIRO DE SURF

Em 1963, Paulinho Issa começou suas aventuras na distante Ubatuba. Era na praia da Enseada que o pai alugava o quarto na Pensão da Zenaide para a família passar as férias

Nascido em 14 de agosto de 1949, o paulistano Paulo Joly Issa frequentou a praia desde muito cedo. Aos oito anos ele teve seu primeiro contato com o mar do Guarujá, em 1957.

Em 1963, Paulinho Issa começou suas aventuras na distante Ubatuba. Era na praia da Enseada que o pai alugava o quarto na Pensão da Zenaide para a família passar as férias. Dois anos depois a casa de praia já estava construída.

Porém, no final de 1965, a família mudou-se para a Ilha Porchat, em São Vicente, e foi lá que Issa descobriu o surfe. Ele e os amigos Nelsinho Fortunato, Alex, Adams, Cocó, Marcos, entre outros, viram uma reportagem na Popular Mechanics sobre a fabricação de pranchas de poliuretano. Sem recursos para construir a sonhada prancha, ele improvisou um tapume para fabricar artesanalmente uma prancha de madeirite, febre na época.

No ano seguinte Paulo voltou a morar em São Paulo. O destino de surfe ficou mesmo no litoral norte paulista. O surfista enviou suas pranchas, incluindo um longboard Glaspac novinho, para a casa em Ubatuba.

Em Ubatuba, Paulo e o irmão Ricardo, na companhia do pai, Otávio, se lançaram na caça submarina. Os três avançavam com o barco até a ilha Anchieta e nas águas claras e profundas garantiam o peixe na mesa.

No verão de 1967, sem carro, o jeito era pegar ônibus e enfrentar os acessos ainda precários até o paraíso das ondas. Numa das aventuras, Paulo, Ricardo e Nelsinho encararam um forte dia de ressaca. Nelsinho sugeriu pegar o barco e navegar até a Praia das Toninhas levando o pranchão Glaspac. O mar estava muito agitado e o barco ameaçava virar. Mesmo assim eles conseguiram chegar até a praia.

No canto das Toninhas, onde desagua o rio, as ondas quebravam num bom tamanho e eles se divertiram pegando boas ondas naquele dia inesquecível. Sem saber, Paulo, Ricardo e Nelsinho fizeram história no pioneirismo do surfe e da surftrip em ondas embarcadas de Ubatuba.

O FESTIVAL

Paulo Issa fez de Ubatuba o seu refúgio e do surfe seu estilo de vida. No início de 1970, a Boate da Pesada na capital paulista das ondas promoveu um campeonato de surfe no Canto do Baguari, na Praia Grande, em Ubatuba.

Os favoritos ao título eram o Ricardo Issa, seu irmão, e Renato Ozores, mas Paulinho acabou como azarão e levou o campeonato. O vencedor tornou-se o anfitrião para o campeonato seguinte, em 1971. E a tarefa se mostrou árdua.

Ao melhor estilo dos anos 1970, Paulinho, Ricardo e o primo Carlos percorreram de Fusca a estrada costeira de terra de Ubatuba até o Guarujá. Lá eles distribuíram cartazes feitos de cartolina no centrinho de Pitangueiras.

A incerteza era grande, mas o sonho se concretizou quando uma caravana com pranchas no teto dos carros rompeu a orla da Praia Grande. Os melhores surfistas do Guarujá abrilhantaram o evento, entre eles, Egas Muniz, Luiz Mello, Roberto Teixeira, Antônio Brito, Thyola, Serginho Ricardi "Guloseima" e Zé Maria Whitaker. Foi este último que levou o campeonato.

O sucesso foi o estímulo para Paulinho Issa ampliar seus horizontes e fundar a Associação de Surf de Ubatuba, a ASU, em 1972. Com a representação da entidade, Paulinho conseguiu o apoio

da Secretaria de Esportes e Turismo de São Paulo para viabilizar cartazes na organização de um grande festival, divulgando-o em Santos, São Vicente, Rio de Janeiro, Niterói, e até para o Sul do país.

Inicialmente agendado para janeiro de 1972, o 1º Festival Brasileiro de Surf ocorreu em julho devido ao mar flat no verão. Os surfistas inscritos não desistiram e voltaram para concorrer nas altas ondas de julho e o carioca Rico de Souza foi o primeiro vencedor do festival organizado pela ASU e do início dos grandes Festivais Brasileiros de Surf.





100



O surfe se tornou um estilo de vida para os Wolthers

Santos, onde o Surfe nasceu no Brasil

Em 1974, os irmãos fundaram a Viking Surfboards, homenagem ao legado dos seus antepassados nórdicos, hábeis navegadores e construtores de embarcações

OS WOLTHERS E A VIKING SURFBOARDS

John Olav Wolthers nasceu em Copenhague, na Dinamarca, em 11 de agosto de 1955. Ele tinha apenas cinco meses quando a família atravessou o oceano para viver em Santos. Três anos depois nasceu o irmão e parceiro de vida, Christian Wolthers.

No sítio dos pais, no Jardim Real, na Praia Grande, John viu a foto de um havaiano segurando uma enorme prancha na revista National Geographic e assim despertou para o surfe. Aos nove anos improvisou a tábua de

A partir da segunda metade da década de 1960, as pranchas de poliuretano e fibra de vidro começaram a se espalhar pelas praias paulistas e cariocas. John e Christian experimentaram o avanço das matérias-primas com as pranchas Glaspac e a fantástica São Conrado Surfboards. Em 1969 Christian ganharia sua primeira prancha: uma 6'0" Single Fin, Diamond Tail, da São Conrado, shapeada pelo conhecido Carlos Mudinho.

No início dos anos 1970, John e Christian se voltaram para a fabricação de pranchas. Os ensinamentos de Buana e do Paulo Gordo

passar roupa da mãe, mas foi mal sucedido nas tentativas de pegar as ondas no mar. O pai, vendo o entusiasmo do garoto, mandou vir do Rio de Janeiro uma prancha de madeira inteiriça com quilha feita numa marcenaria especializada. A chegada da prancha motivou o irmão mais novo, Christian, a compartilhar da nova sensação.

do canal 1, em Santos, marcaram o início dessa trajetória. Em 1974, os irmãos fundaram a Viking Surfboards, homenagem ao legado dos seus antepassados nórdicos, hábeis navegadores e construtores de embarcações. O pioneirismo dos Wolthers ficou registrado em 1979, quando Christian construiu uma prancha de isopor e resina ao

ar livre na Dinamarca e surfou longas direitas nas águas geladas do Mar Báltico durante o swell de uma semana. Ele foi o primeiro surfista a realizar tal façanha no país.

À frente da Viking Surfboards e da Shock'n Blue, Christian passou a desenvolver shapes que aliassem velocidade e capacidade dinâmica para novas manobras. O sucesso com as pranchas competitivas levou a equipe da Viking aos grandes campeonatos. A performance de Christian nas disputas de âmbito regional, estadual e nacional fizeram dele um dos mais radicais surfistas dos anos 1980/90.

Entre 1975 e 1981, John cursou e formou-se em Medicina pela Universidade Federal Fluminense, em Niterói, mas não exerceu a profissão. A faculdade abriu caminho para novas amizades e para as ondas perfeitas de Itacoatiara. Distante da medicina, John se tornou coffee trader, um bem sucedido negociante internacional de café. Sem jamais abandonar o surfe, ele venceria por três vezes o campeonato brasileiro de Longboard 50 plus, nos anos 2000, e viajaria o mundo em busca da onda perfeita. John inspirou os filhos Alexandre e Jonas, jovens campeões do surfe.

Christian renunciou aos campeonatos para se dedicar a área empresarial, atividade transmitida para a nova geração. A filha, Sophie Wolthers, capitaneia o time da Viking Surfboards.

A paixão pelo mar dos Wolthers está presente no documentário Guatemala Expressions e no livro Surfe Sempre. John e Christian Wolthers foram homenageados no Dia do Surfista de 2022





Decidido a fazer a própria prancha, Kareca não poupou esforços nem criatividade

Santos, onde o Swiße nasceu no Brasil

Kareca carrega na sua origem o nome e a paixão pela navegação. Nascido José Joaquim Batista Junior, o descendente de portugueses veio ao mundo no dia 28 de maio de 1955, em Santos, cidade que o despertou desde muito cedo para os encantos do mar e pelas construções de embarcações.

No final dos anos 1960, o ainda menino Carequinha assistia ao filme Mar Raivoso na TV quando ficou maravilhado pelas enormes pranchas que andavam sobre as águas. A curiosidade abriu caminho para novas descobertas e o surfe entrou na sua vida.

Ele começou a andar com a turma de surfistas do Conde do Mar, entre eles Daniel Soares e Saulo, além do Gerson Aparecido Estopa do Canal 1 e Ricardo Queimado do Canal 6. As primeiras experiências de surfe com as pranchas emprestadas dessa galera acabou fortalecendo o desejo de comprar uma prancha. Carequinha procurou Homero, mas o negócio acabou não se concretizando. A frustração foi o impulso para usar o dinheiro e investir em matéria-prima. O menino de 15 anos estava decidido a fazer sua própria prancha.

KARECA DA SHINE SURFBOARDS

Naquele ano de 1970 um seletto grupo de amigos acreditou no talento do jovem shaper. Eles pagavam o material e serviam de pilotos de teste

Ele comprou isopor na ForFrio, uma empresa especializada em materiais para refrigeração, a resina na vizinha Império das Borrachas e a fibra - na verdade uma manta de fibra de vidro - foi retirada de uma velha geladeira abandonada num terreno baldio.

O processo exigiu criatividade e muito trabalho. O bloco de isopor era retangular e sem curva. Ele usou ralador de coco para dar forma ao bloco e pincel para ensopear a manta e assim fazer a laminação. Depois de tudo ele usou um spray de tinta bordô e pintou sua primeira obra-prima.

A estreia veio num swell enorme no canto direi-

to das Astúrias. A prancha experimentou sua primeira e única onda. A laminação trincou e dela restou apenas a lição. Era necessário usar tecido de fibra de vidro ao invés da manta.

Naquele ano de 1970 um seletto grupo de amigos acreditou no talento do jovem shaper. Eles pagavam o material e serviam de pilotos de teste. Carequinha virou Kareca e o nome virou marca junto com a Shine, inspirada no resplendor do brilho do sol sobre as águas do mar.

A marca brilhou na velocidade da luz. Já em meados da década de 1970, Kareca formou o surfteam da Coca-Cola em parceria com a Shine Surfboards. A equipe

com Maicola, Wagner Gomes, Juninho e Toninho Mocréia corria o brasileiro em Ubatuba e todos trabalhavam juntos na fábrica.

Em 1976 ele deixou as garagens improvisadas e montou seu próprio espaço no Gonzaga. O espaço era uma mistura de loja com oficina. Dois anos depois ele passou a fabricar no Guarujá. Kareca queria estar mais perto das ondas e dos surfistas.

No início dos anos 1980 Kareca foi para a Califórnia e conheceu o maior mercado de surfe do mundo. Ele trouxe uma super plaina Skill e muita experiência na bagagem. Na volta ele estava preparado para o grande salto na carreira, mas o shaper não se desenvolveu sozinho. Em 1982 ele começou a namorar a Cris e a namorada virou sócia. Juntos construíram a fábrica no Guarujá e investiram na formação de um surfteam de peso, com Tin-

guinha, Douglas Lima, Okumura, Eduardo Rato, Paulo Kid, Taiu, Pacelli e Mancusi.

Kareca viajou inúmeras vezes com a equipe para o Havaí e entendeu que uma prancha se faz no relacionamento com o surfista. A década de 1990 foi muito produtiva e a Shine estava no topo do cenário do surfe competitivo: os campeões brasileiros amador e profissional e o campeão paulista tinham em comum uma prancha Shine sob os seus pés.

O santista que um dia sonhou com grandes embarcações, começou com um ralador de coco e nunca mais deixou de evoluir. Suas novas pranchas nascem a partir de um projeto em 3D, um banco de dados virtual resultado de 15 anos de trabalho e mais de 50 de experiência acumulada, fabricando para grandes nomes do surfe brasileiro, como os irmãos do Tombo, Neno, Paulo e Amaro Matos, Jójó de Olivença, Magnus Dias, Jessé Mendes, Junior Faria, Victor Bernardo, Júlia Santos, entre outros. Nesse cenário de alta tecnologia aliada ao talento natural, o brilho da Shine irá sempre resplandecer.





104

*Lequinho Salazar foi uma liderança
na turma do Quebra-Mar de Santos*

Santos, onde o Swiße nasceu no Brasil

tetor, num ambiente hostil que hoje a cidade de Santos não tem mais. As praias não eram limpas e nem sempre bem frequentadas, enquanto o Guarujá era a Pérola do Atlântico e o Rio de Janeiro, a Cidade Maravilhosa.

Quando atravessava a

O ano de 1957 nasceu com Lequinho. Alex Salazar, o Lequinho, veio ao mundo no dia 1 de janeiro, o primeiro dos três filhos de Alexandre e Adair.

Foi trabalhando na reforma e pintura de casas e prédios com o pai Euleoterio que Alexandre, o Bigode, garantia o sustento do lar. O galã do Marapé, de família humilde e trabalhadora, gostava de jogar bola pelo time do Califórnia Atlético Clube, enquanto o filho Lequinho, uma grande promessa do futebol, surfava suas primeiras ondas no Canal 1, com seus irmãos, Almir e Alexandre, o Picuruta.

Bigode viu a empolgação e o potencial das crianças e decidiu investir no surfe. Em 1968 ele tomou a iniciativa e comprou um longboard Glaspac muito velho, por 100 cruzeiros.

A pesada prancha era carregada pelos três irmãos até a praia e a jornada terminava dentro do canal, numa remada puxada até em casa, quando a prancha virava uma embarcação.

LEQUINHO SALAZAR DO QUEBRA-MAR

Lequinho e os irmãos evoluíam rapidamente no surfe, enquanto os estudos eram deixados de lado. O mais velho dos Salazar poderia ter sido jogador, formou no Dente de Leite do Santos e depois no profissional da Portuguesa Santista, mas acabou enveredando para o surfe. Seu grande parceiro era o Adilson Uruca, da Turma da Vilinha do Canal 1, onde formava também o Miguel, o Frank, o Silvério, entre outros.

O pai incentivou de toda a forma possível, mas deixou claro a responsabilidade pelas escolhas dos filhos: “Se vocês querem surfar, terão que viver disso e se sustentar”. A partir daí a escola virou praia. E a praia, a escola da vida.

Lequinho virou um pro-

balsa, o pau comia, porque no Guarujá existiam os locais, filhos de pescadores que também enxergavam o surfe como uma oportunidade para vencer na vida.

Os santistas lutavam para conquistar o espaço e às vezes isso terminava em briga nas praias. Lequinho tinha o temperamento forte e segurava a onda dos irmãos e amigos. Se tivesse confusão, Lequinho resolvia.

Com a separação dos pais, Lequinho passou a cuidar dos irmãos. Almir, o irmão do meio, gostava muito de pranchas, fazia remendos ou reformava pranchas antigas. Em 1979, o pai, vendo a aptidão do filho, investiu na montagem de uma fábrica, no quintal de casa. Em 1983, Lequinho juntou-se ao irmão como sócio e laminador na nova fábrica do Morro da Divisa.

No surfe, Lequinho gostava de ondas grandes e era versátil. Canhoto, surfava nas duas bases para ambos os lados. Seu temperamento salgado contrastava com um lado doce, até poético. Escrevia cartas e tinha a letra perfeita. Em 1980, recebeu o maior presente em vida: sua linda filha, Kamila.

Lequinho nasceu abrindo o ano e se despediu cedo da vida ao findar outro ano. Sua trajetória foi abreviada no dia 31 de dezembro de 1987, um dia antes de completar 31 anos.

O seu legado nas ondas continuou. Seu irmão, o maior colecionador de títulos

do mundo, Picuruta Salazar, venceu uma disputa espetacular contra Dadá Figueiredo. O carioca era o expoente de uma nova geração de surfistas. Porém naquele dia, em maio de 1988, nada nem ninguém tiraria o título de Picuruta no Torneio Niasi/Tribuna FM.

A vitória histórica foi dedicada ao irmão e muito festejada. A morte de Lequinho era recente e mexeu com a estrutura da família. Picuruta comemorou a vitória abraçado ao pai, imortalizando a memória do irmão.

O pai incentivou de toda a forma possível, mas deixou claro a responsabilidade pelas escolhas dos filhos: “Se vocês querem surfar, terão que viver disso e se sustentar”





106



O espanhol Francisco Araña Perez emigrou das Ilhas Canárias para o Brasil fugindo da repressão do governo do ditador fascista Francisco Franco e encontrou nos ares libertários da cidade de Santos a jovem funcionária concursada dos correios, Iris Gonçalves Alegre. Nos idos dos anos 1940, Francisco mantinha correspondência com sua família de origem, quando o envio de uma carta o aproximou de Iris, sua futura esposa.

Dessa união nasceu

Francisco Alfredo Alegre Araña, o Cisco, em 22 de fevereiro de 1957, e seu irmão Tato. Sua relação com a praia veio desde muito cedo por influência do pai, oriundo do arquipélago no Atlântico, um exímio nadador e intimista do mar. Cisco conheceria o surfe através do primo Fausto Osni, um beatnik pra época. Ele voltou de uma temporada de três anos nos Estados Unidos, cheio de novidades, incluindo o fibreglass para a fabricação de pranchas na casa da avó. Vivendo ali, na

Cisco se reinventou com projetos sociais

Santos, onde o Surfe nasceu no Brasil

Floriano Peixoto, Cisco lembra que o primo ensinava a laminação para outros fabricantes, como o José Geraldo, um amigo próximo, referência entre eles.

Cisco tinha menos de 10 anos quando desejou uma prancha. Fausto, mais velho, participava de uma geração mais antiga que se reunia no Olímpia, como os surfistas Orlandinho e Célio, influenciados pelos Beatles e sua moda dos anos 1960, de jaqueta de couro, gel e óculos escuros. Fausto se recusou em fazer a prancha para o Cisco e o presente acabou dado pela sua mãe, uma Barland Roth Surfboards comprada do Jô, da tradicional família Hirano. Algum tempo depois veio uma kneeboard da Orca Surfboards, do Edinho.

O surfe de Cisco evoluiu e o incentivo para a competição partiu da Turma da Sonora, todos amigos surfistas, que se reuniam na discoteca Sonora, do Canal 1. Eles esconderam a inscrição de Cisco no Campeonato Cavalo de Totorá, realizado na Praia das Astúrias, até eles chegassem a pé na praia, naquele

histórico fim de semana de outubro de 1972. O mar estava enorme, Cisco precisou da ajuda do Elyseu Andrade para atravessar a arrebentação pelo canal e apesar de todo o medo e pressão, venceu o campeonato.

No ano seguinte, Cisco participou do Festival Brasileiro de 1973, em Ubatuba, e terminou em quinto. Era o início de uma longa e vitoriosa trajetória, com conquistas inesquecíveis, como o Campeonato Colegial, represen-

digmas. Assim como a vitória no Torneio Colegial, a conquista do primeiro Campeonato Universitário de 1982 representou uma mudança na mentalidade da sociedade: surfistas ingressos do meio acadêmico disputavam um campeonato de surfe. Cisco, pela FEFIS (Faculdade de Educação Física de Santos), venceu o primeiro universitário, seguido de Taiu, representando a FMU.

Ao longo da sua história, muitas pessoas influen-

ciaram na sua formação, como Oracio Moraes, Santana e Carlos Mudinho. Nos anos 2000, Cisco resolveu parar o surfe de competição. Sua última e inédita conquista foi o título que lhe faltava, o Super Master de 2008, o Circuito Brasileiro Petrobrás de Longboard. Pai de família, casado com Paula, Cisco decidiu deixar um legado para sua filha Nicole e transferiu seu know how para projetos sociais de grande abran-

gência nacional e internacional. Ele usou da criatividade e do conhecimento acadêmico para desenvolver projetos, escrever livros e participar de documentários.

Em 1991 Cisco foi convidado para elaborar um projeto esportivo para a cidade. O nome sugerido por ele foi Cidade Radical, pois o festival congregava várias modalidades como surfe, bike, street bike, patins inline, skate, skate half pipe, durante os 45 dias de atividades. A partir do sucesso da Cidade Radical, abriu-se o processo para a construção da sede da Escola Radical sob a sua coordenação a partir de 1992, num desdobramento da Escola Pública de Surf que já existia.

No ano de 2023 a Escola completou 32 anos, ampliada para um lindo e inclusivo projeto de surfe às pessoas com deficiência, com a primeira prancha adaptada para cegos do mundo, cujo brilho refletiu na abertura da Escola de Surf Adaptado, a primeira do mundo, onde orbita o projeto Sonhando sobre as Ondas, com a distribuição de pranchas adaptadas para todo o mundo, oportunizando na melhoria de qualidade de vida para pessoas com deficiência, abraçada pela SEMES.

CISCO ARAÑA, O PROFESSOR DE SURFE

tando o Colégio Oswaldo Cruz, num mar enorme na Praia de Pernambuco, elevando seu status para um garoto destemido e talentoso, conquistando o respeito e a admiração entre mais velhos. Daí vieram outros títulos estaduais, como o primeiro em 1975 e outros de nível nacional. Cisco foi o primeiro surfista profissional do estado de São Paulo ao receber um patrocínio, o da loja Dhemy, em 1977.

Porém os títulos marcantes vêm carregados de significados e quebra de para-

O surfe de Cisco evoluiu e o incentivo para a competição partiu da Turma da Sonora, todos amigos surfistas, que se reuniam na discoteca Sonora, do Canal 1





108



*Rabello rumo ao título inédito
conquistado em Itamambuca,
em 1980*



Santos, onde o Surf nasceu no Brasil

PAULO RABELLO, UM TOMBO BOYS

Paulo Sérgio Rabello nasceu em Ribeirão Preto, cidade do interior de São Paulo, em 1958, mas mudou-se para Pedro de Toledo aos seis anos de idade. Aos 10 quebrou o braço numa brincadeira e precisou submeter-se a uma cirurgia no Hospital São Lucas. Ao recuperar-se na casa da tia, em Santos, Paulo conheceu o mar. Dois anos depois deu suas primeiras remadas nas ondas em frente ao Conde do Mar e nunca mais parou, tornando-se um dos melhores surfistas brasileiros da história.

Rabello brilhou como surfista profissional, conquistando títulos importantes, como o bicampeonato do

antigo Rock Point, nas Praias do Pernambuco e de Pitangueiras, nos anos 1970. Foi também Campeão Paulista e entrou para a história como o primeiro surfista de São Paulo a sagrar-se Campeão Brasileiro, em 1980, rompendo o domínio dos cariocas no Festival Brasileiro de Surf de Ubatuba.

Em 1978, Paulo Rabello mudou-se para o Guarujá. Junto ao Wagner Gomes, o Vovô, Kareca da Shine, Paulo Negão, Alvarenga, Bevena,

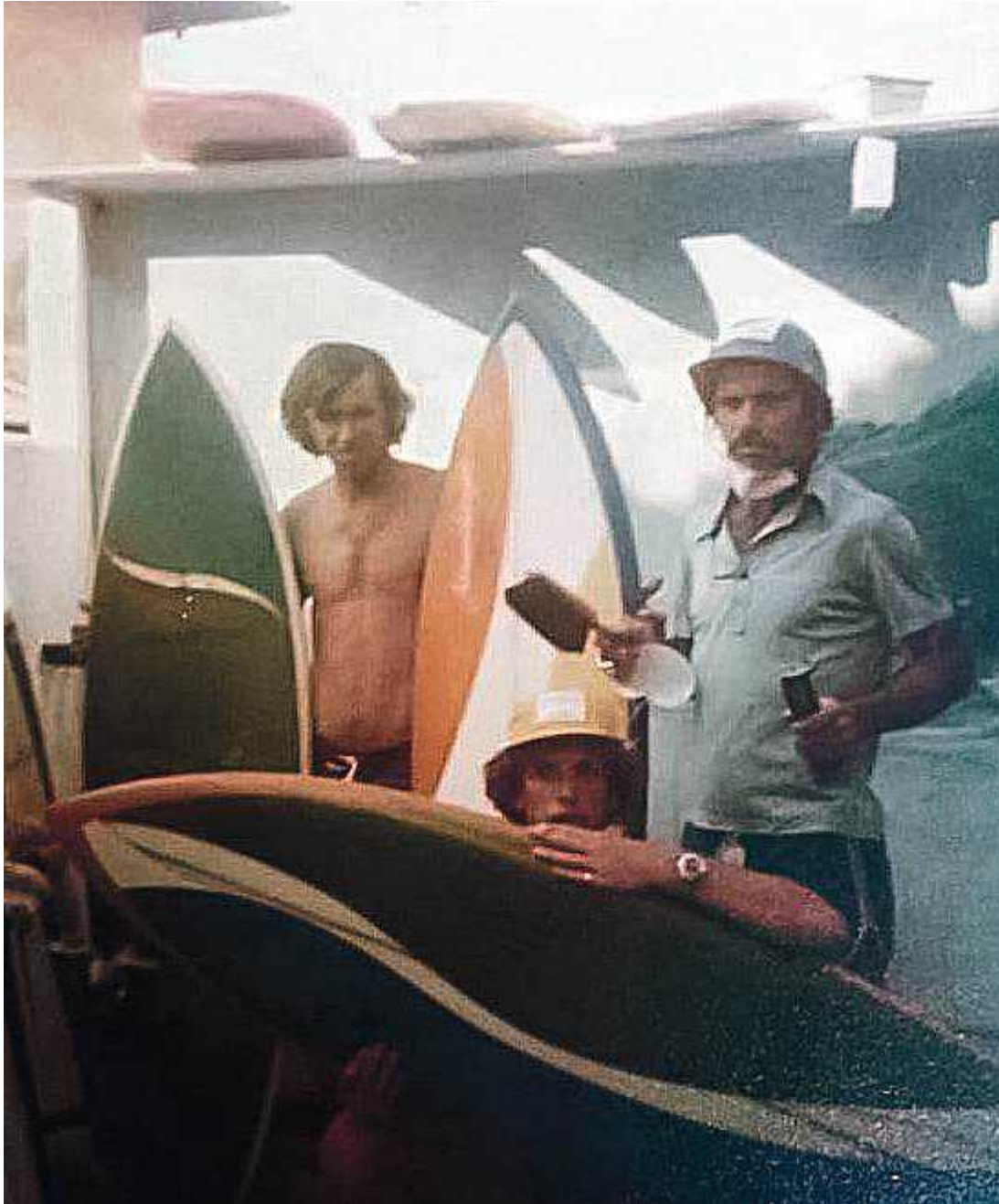
Carlão, Waltinho, Toninho, Dedé, Boreu das Neves e aos irmãos Neno, Paulinho e Amaro Matos, Paulo Rabello formou a Turma dos Tombo Boys.

O surfista que tinha na batida vertical, tanto de front quanto de back, sua especialidade, começou a shaper aos 14 anos de idade,

no apartamento do Edifício São Domingos em que vivia com a família na Conselheiro Nébias esquina com a praia. Uma arte que ele pratica há 50 anos.

Rabello brilhou como surfista profissional, conquistando títulos importantes, como o bicampeonato do antigo Rock Point, nas Praias do Pernambuco e de Pitangueiras, nos anos 1970





Almir, Picuruta e o pai, Alexandre Bigode Salazar, na fábrica na casa da Vilinha, em 1978



Santos, onde o Swiße nasceu no Brasil

O segundo dos três filhos de Alexandre e Adair, nasceu em Santos, no dia 25 de agosto de 1958. A mãe aproveitava o intervalo dos seus afazeres para levar o pequeno Almir para brincar na praia. A família morava numa casa a duas quadras da praia, na Vilinha da rua Particular Alfredo Ximenes, ao lado da linha férrea. Os Salazar

Almir ficava fascinado pela praia, especialmente pelo canal que cortava a areia até o mar, num tempo em que ainda não existia o Quebra-Mar

que frequentavam e eram referências no Canal 1, entre eles, Luiz Zé, Marcos "Tubo", Homero e Oracio Cocada.

Os campeonatos que aconteceram em Santos foram marcantes na trajetória de Almir, especialmente os torneios de 1975, 76 e 77, or-

ginizados por Carioca e Zanetti. Ele venceu o Nacional Aberto do Quebra-Mar de 1975, e no ano seguinte, em 1976 - com a presença dos surfistas cariocas Rico de Souza e Daniel Friedman, e até de um havaiano, o Keone Downing - Almir repetiu o feito, garantindo o bicampeonato. Em 1977 terminou na segunda colocação. O santista também mantém o título de único tetracampeão paulista profissional (1980/81/82/83) da história. Ele ainda voltaria a conquistar o topo estadual em 1986 e 1987.

Um dos fatos mais

inusitados em competições ocorreu nas águas vizinhas. Em São Vicente, Almir disputava uma bateria do Circuito Vicentino (1998-99) com outros três atletas. Naquela altura, quando faltavam cinco minutos pra finalizar a bateria, Almir pegou uma onda e a cordinha estourou. O mar estava grande e não ia dar tempo de nadar até o raso pra resgatar a prancha e tentar uma última onda. O competidor não teve dúvida: pediu a prancha para um dos surfistas que estava próximo e dropou a derradeira onda que lhe rendeu a conquista da bateria. Quem estava na areia ficou sem entender nada.

Almir sempre foi muito ligado às pranchas e acompanhar a evolução na mudança de materiais - da madeira para a fibra de vidro - e no encurtamento dos velhos pranchões, foi fascinante. Nos anos 1990

apareceram as máquinas que facilitaram o trabalho. Para Almir tudo evoluiu no surfe, mas a transformação das pranchas foi marcante, tanto que o surfista empreenderia na fabricação delas o seu próprio negócio. No final dos anos 1970, Almir montou sua primeira fábrica na famosa Vilinha. Já nos anos 1980 ele montou a segunda no Morro da Divisa e finalmente a terceira, em São Vicente, quando surgiu a New Advanced Surfboards, em 1987, junto ao Sérgio "Pro-Glass", parceria que existe até hoje.

Almir conheceu vários picos ao redor do mundo e desbravou outros tantos. Um deles, numa trip inesquecível para o sul de Portugal, na região de Algarves, descobriu Ponta Ruiva, próximo a Portimão, ainda desconhecido pelos brasileiros. Durante os cinco anos em que viveu nas terras lusitanas, onde era shaper da Polen Surfboards, tornou-se o primeiro campeão de surfe profissional português (1992) e vice-campeão europeu (Circuito EPSA). Na categoria Longboard, o santista foi bicampeão português (1992-93).

Toda sua carreira de sucesso no surfe se deve principalmente ao início da sua trajetória, em especial ao apoio do pai, Alexandre Bigode, que arriscou tudo por acreditar no sonho e no potencial dos filhos. A morte

do irmão mais velho também foi um divisor de águas, já que Lequinho era um alicerce e uma inspiração para os irmãos Salazar.

Almir é casado com Tenyle Salazar e tem cinco filhos: Thiago, Christian, Fabrício, Mariana e Almirzinho. Aos 64 anos de idade, segue surfando e fabricando pranchas de alta qualidade.

ALMIR SALAZAR

eram vizinhos de Silvério e Zé Moréia, outros ícones do surfe santista.

Almir ficava fascinado pela praia, especialmente pelo canal que cortava a areia até o mar, num tempo em que ainda não existia o Quebra-Mar. Era no Canal 1 que os irmãos Salazar se divertiam pegando suas primeiras ondas. O pai, vendo a empolgação da molecada, decidiu investir. Em 1968, "seo" Bigode tomou a iniciativa e comprou um longboard Glaspac muito velho, por 100 cruzeiros. Os irmãos passaram a dividir as ondas com outros surfistas

eram vizinhos de Silvério e Zé Moréia, outros ícones do surfe santista.

Um dos fatos mais





Na série de viagens que fez, Avelino Bastos passou a desbravar o mercado de pranchas

Avelino Arantes Bastos nasceu em 8 de janeiro de 1961, em São Paulo. Os pais, Elena e Manuel, cresceram numa Espanha destrozada pela Guerra Civil e num continente devastado pela Segunda Guerra Mundial. Nenhuma das tragédias foi capaz de destruir o sonho do casal.

Elena ganhou em tenacidade e fé. O pai em bravura e ousadia. Juntos emigraram para o Brasil com a filha Manuela no colo e sonhos na bagagem.

Avelino credita o seu perfil empreendedor, inventivo e nômade aos pais. Desde pequeno, sua vida esteve em movimento, mudando e se recriando em diferentes lugares. Ele nasceu em São Paulo, passou por Curitiba, viveu Paranaguá, experimentou Campinas, até chegar a Santos, cidade que moldaria seu espírito, em 1974.

A primeira intenção de fazer uma prancha foi provocada pela revista Seleções de 1970. A publicação trazia uma reportagem sobre o Haváí. O Avelino de Paranaguá tinha nove anos na época e gostava de fabricar e colecionar barquinhos de madeiras. Empolgado ele resolveu fazer uma prancha de surfe. Desmontou uma tábua de passar roupas, moldou uma quilha de chapa na metalúrgica do pai, mas o projeto de menino não vingou.

Em 1974, vivendo em Santos, Avelino viu uma prancha de surfe pela primeira

vez. Morando no Canal 1, ele começou a se relacionar com a galera do surfe, entre eles, o Pirata e o Santana.

Nessa época, uma amiga em comum o apresentou ao Jordão Bailo Junior. Juiz e surfista do bairro do Campo Grande, Jordão foi o responsável por colocar Avelino em pé sobre uma prancha de surfe. Jordão acabou incluindo seu pupilo numa roda de amigos, formada por Mauro Rabelle, Aldemir "China", Nelson Mendes "Mãozinha" e Milton "Boi". Nesse meio, Avelino começou a frequentar o Quebra-mar.

Sua primeira prancha, dada pelo pai de presente, foi na Páscoa de 1976. A prancha da Twin era um pouco grande, Avelino ficou pouco tempo com ela, vendeu-a para um amigo e encomendou uma nova com Dudu Argentino. O surfe começou a se desenvolver e as viagens se tornaram frequentes. O pai trabalhava com maquinários para portos e frequentava o litoral entre o Paraná e Santa Catarina. Ele juntava os amigos do filho em viagens pelo sul do país. Em julho de 1976 eles acamparam na Ilha do Mel, estenderam até Caiobá, Matinhos.

Insatisfeito com sua performance na água, Avelino decidiu retomar o sonho de infância e fabricou sua própria prancha. Ele pediu umas dicas para o amigo Aldemir Souza Lobo, o China, que já tinha experiência no ramo. No quartinho dos fundos da casa dos pais,

Avelino começou sua empreitada. Em dezembro daquele mesmo ano, nascia a Lino Surfboards.

Avelino se aprimorou, em 1978 conheceu o paulistano Tony Kaluama e recebeu dele o convite para shapear algumas pranchas. Outro que pediu seus shapes em São Paulo foi o Paulo Issa, da Squalo. Seu nome ampliava no mercado, com a credibilidade de renomados fabricantes.

Na série de viagens pela costa sul até o Farol de Santa Marta, Avelino Bastos passou a desbravar o mercado de pranchas. Ele sempre voltava com uma ou duas encomendas. A cada entrega, mais e mais surfe e pedidos na bagagem. Ele conheceu vários fabricantes do sul, entre eles Magrão Fumaça e César Pegoraro da Raízes Surfboards. No primeiro semestre de 1980, aceitou o convite e passou uma temporada shapeando, em Imbituba, ao lado do amigo e laminador China. Antes disso, Avelino já tinha se unido ao Zeca Eira da Over Reef, e juntos começaram a fazer a prancha Tropical, em Santos.

No final de 1980, Avelino aproveitou sua veia itinerante, prestou vestibular em engenharia para a Federal de Santa Catarina, conciliou com a produção no sul do país, selando seu destino. Morando em Florianópolis, Avelino e Zeca fundaram a Tropical Brasil. No começo de 1981, eles convidaram Aníbal Fernandes, o "Tchubiba" para ser o lixador da fábrica.

A sugestão de incluir o nome Brasil teve a benção de Cisco Araña. A criação da logomarca icônica veio do talentoso amigo Marcelo Fukuda,

Olympikus de Surfe, a Tropical Brasil montou uma super equipe, incluindo santistas ilustres, como Cisco Araña, o campeão Luis Neguinho e o vice Maurício Orelhinha. Nessa mescla entre surfistas santistas e catarinenses, a Tropical alcançou as melhores posições na competição.

Em 1983 Avelino resolveu se reconectar ao passado, foi para a Europa, conheceu familiares e se afastou do trabalho por três meses. Em Biarritz voltou ao surfe, reviu amigos e trabalhou para a grande fabricante francesa,

surfistas, como Neco e Peterson Rosa. Quando a ISA (International Surfing Association) fez o convite para a inscrição de uma equipe brasileira no mundial de surfe na Inglaterra, as portas se abriram para um novo universo: o surfe de competição internacional.

A Tropical Brasil se desenvolveu em uma velocidade assustadora, na medida em que o surfe brasileiro também progredia num ritmo inédito. Os campeonatos ganhavam em expressão e surgiam novos patrocinadores e canais de comunicação, com

to das habilidades dos surfistas para o sucesso da marca. Hoje a fábrica conta com 30 profissionais e já produziu mais de 100 mil pranchas em sua trajetória.

Avelino deve muito a cultura de surfe desenvolvida no universo de surfe santista, uma cidade que viveu fora das grandes capitais e metrópoles e criou seu próprio universo. Ele buscou inspiração na genialidade de grandes mestres como Pascoal, Limoeiro, Homero e Akira. Todos eles o influenciaram de alguma forma. Era um público

AVELINO BASTOS DA TROPICAL BRASIL

convocado para representar nesse gesto, a alegria do surfe. As palmeiras vieram da marca original Tropical de Santos e o tucano, das aves de estimação que Avelino vivia pintando em suas pranchas.

Para promover a marca, Avelino ouviu a sugestão de Paulo Issa e formou uma equipe de competição. Em Santa Catarina atraíram o campeão catarinense, Roberto Lima, e a jovem promessa David Husadel, com 17 anos. No primeiro campeonato, David venceu e Lima chegou à semifinal. Em janeiro de 1982, no histórico Campeonato

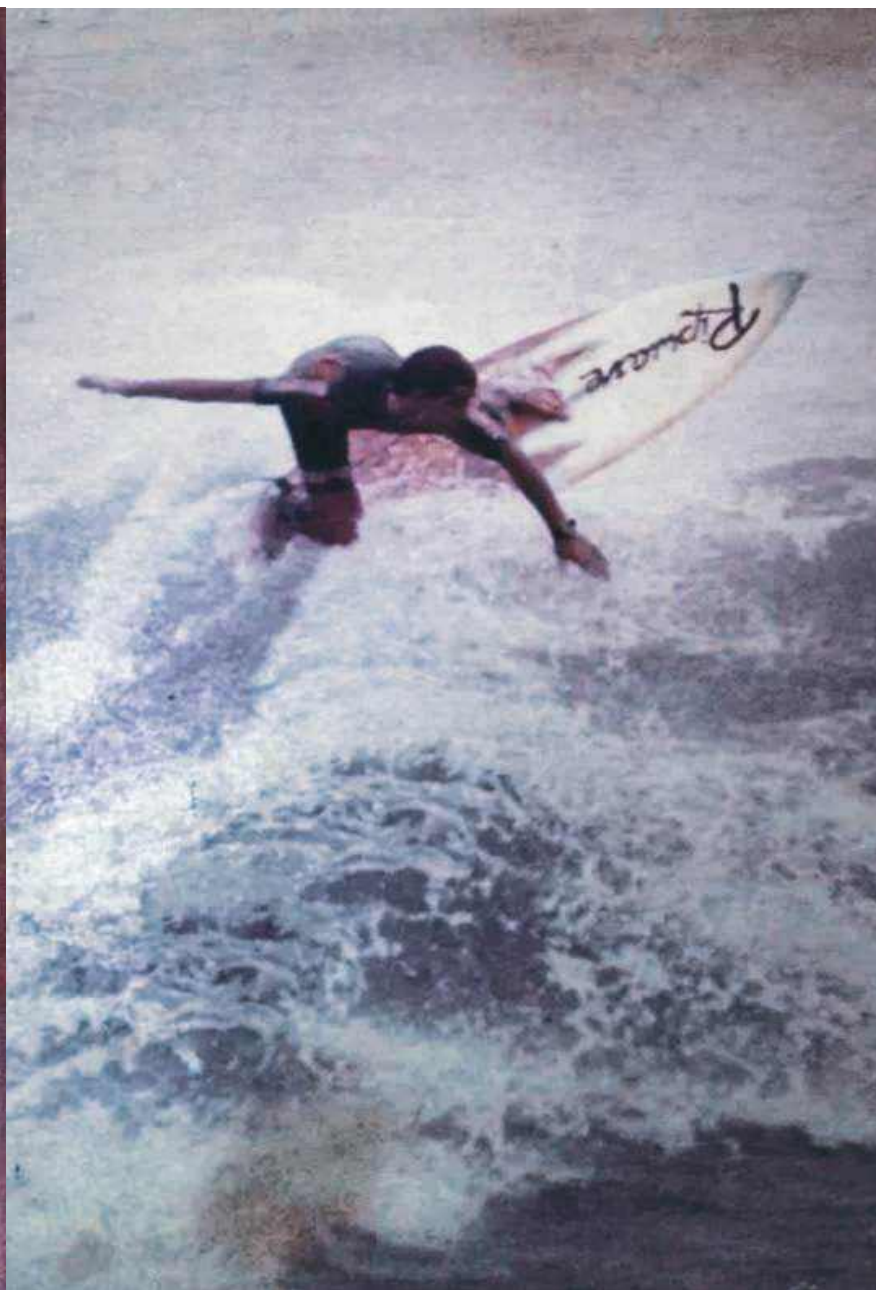
a Stark Surfboards. Depois viajou para San Diego, na Califórnia, e foi contratado pela Nectar Surfboards, a maior fabricante de pranchas dos Estados Unidos. Em 1984, depois da temporada no exterior, Avelino voltou ao Brasil, retomou o seu projeto e reorganizou a Tropical Brasil com o Tchubiba, profissional importante para o sucesso da marca. Munido de uma nova visão de surfe, apostando na juventude para fortalecer e globalizar a marca, conheceu Teco Padaratz, uma joia do surfe amador. Avelino conseguiu atrair Teco e outros jovens

A primeira intenção de fazer uma prancha foi provocada pela revista Seleções de 1970. A publicação trazia uma reportagem sobre o Havaí

revistas e programas de televisão voltados para o mundo do surfe. O surfe amador se desenvolveu preparando surfistas competitivos para fazer frente aos maiores competidores do mundo. Avelino entendeu que com as pranchas de surfe não seria diferente. Ele uniu o conhecimento científico ao desenvolvimen-

alternativo, com uma cultura e linguagem próprias, aprendidas na escola de surfe do Quebra-mar santista. Um ecossistema próprio, criativo, sarcástico e muito divertido.





A partir de 1975, Beto Loureiro tornou-se fabricante de longarinas para shapers

Santos, onde o Swiße nasceu no Brasil

Uma carta vinda do Brasil selou o destino do casal português Mário Loureiro e Maria Celeste de Jesus. Os dois eram vizinhos na vila de Santa Marinha do Zêzere, em Portugal, e abraçaram a oportunidade para emigrar e fazer a vida na antiga colônia portuguesa, do outro lado do Atlântico.

O convite para trabalhar na construção civil veio de um amigo que já vivia no Brasil. A experiência em carpintaria e marcenaria foi o início de uma jornada que não

ção da quilha na oficina do pai, a Marcenaria e Carpintaria Primavera, na rua Nilo Peçanha 1187.

As aulas de Educação Física do Colégio Vila Mathias, onde Beto estudava, eram realizadas na praia do Posto 2 em Santos. Foi lá que o aluno do ginásio conheceu uma prancha de fibra. Nessa época, o vizinho e amigo

preendimento foi o início da trajetória profissional nesse universo do surfe.

E assim os anos foram se passando, na medida em que a procura pelas suas pranchas crescia. Já em 1980, Beto obteve o licenciamento das pranchas Viking Surfbo-

se realizou ao lado de amigos.

Beto aproveitava as viagens como um laboratório de aperfeiçoamento e conhecimento para desenvolver novos shapes e modelos de pranchas para ondas específicas. Hoje, aos 47 anos de profissão, Beto já produ-

RIPWAVE DO BETO LOUREIRO

terminaria com Mário e Maria Celeste. Em 1958, no ano em que o Brasil comemorava a conquista da Copa do Mundo sob o ritmo da Bossa Nova, nascia no dia 20 de dezembro, o primeiro filho do casal, Norberto Castro Loureiro, herdeiro da tradição familiar.

Norberto, ou Beto, cresceu nesse ambiente de artesãos. Aos fins de semana, a família se reunia nas praias do Guarujá. O interesse de Beto pelo surfe nasceu desse contato com o mar. Por volta de 1970, aos doze anos, Beto ganhou uma prancha de isopor e teve a ideia de colocar uma quilha de madeira. O talento do futuro shaper se realizava pela primeira vez na fabrica-

Milton Santana fez a sua primeira prancha de fibra de vidro. Atento, Beto aprendeu o processo e, a partir de 1975, tornou-se fabricante de longarinas para shapers da região e, pouco tempo depois, ele passou também a fabricar quilhas de fibra.

Em 1976, Beto produziu seu primeiro shape (uma monoquilha), aplicou o glass, mas sem o domínio completo no processo de fabricação, entregou para outro fabricante, o Akira, finalizar a prancha. A realização aconteceu no ano seguinte, numa histórica e marcante biquilha, testada e aprovada pelos amigos surfistas. O sucesso do em-

ards do Christian Wolthers, parceria que perdura até hoje.

Sem abandonar o mar, Beto desbravou diversos picos pelo mundo. Em 1984, ano em que a Ripwave foi fundada, foi ao Peru com os amigos Roberto Santini (A Tribuna), Zeca Eira (Over Reef) e Dão, um amigo de Brasília. No ano seguinte conheceu a Costa Rica e em 1989, o Havaí. Anos depois, em 1996, Beto voltaria ao arquipélago havaiano já como licenciado/fabricante das pranchas Town & Country no Brasil, sendo convidado para o meeting anual da marca. Em 1997 o sonho das ondas perfeitas da Indonésia

ziu mais de 37 mil pranchas, muitas para grandes nomes do surfe de competição. Em 1985 foi criada a primeira estrutura de equipe com técnico. Diniz Iozzi, o Pardhal, foi convidado a comandar a equipe, formada por Wagner Pupo, Zé Paulo, Rogério Alemão, Fernando Macaco, Renan Rocha, Piu Pereira, Picuruta Salazar e outros no Circuito Brasileiro. Desde o nascimento, a Ripwave Surfboards se mantém no mesmo endereço familiar, fabricando pranchas sob medida e personalizadas.

Em 1976, Beto produziu seu primeiro shape (uma monoquilha), aplicou o glass, mas sem o domínio completo no processo de fabricação, entregou para outro fabricante, o Akira, finalizar a prancha

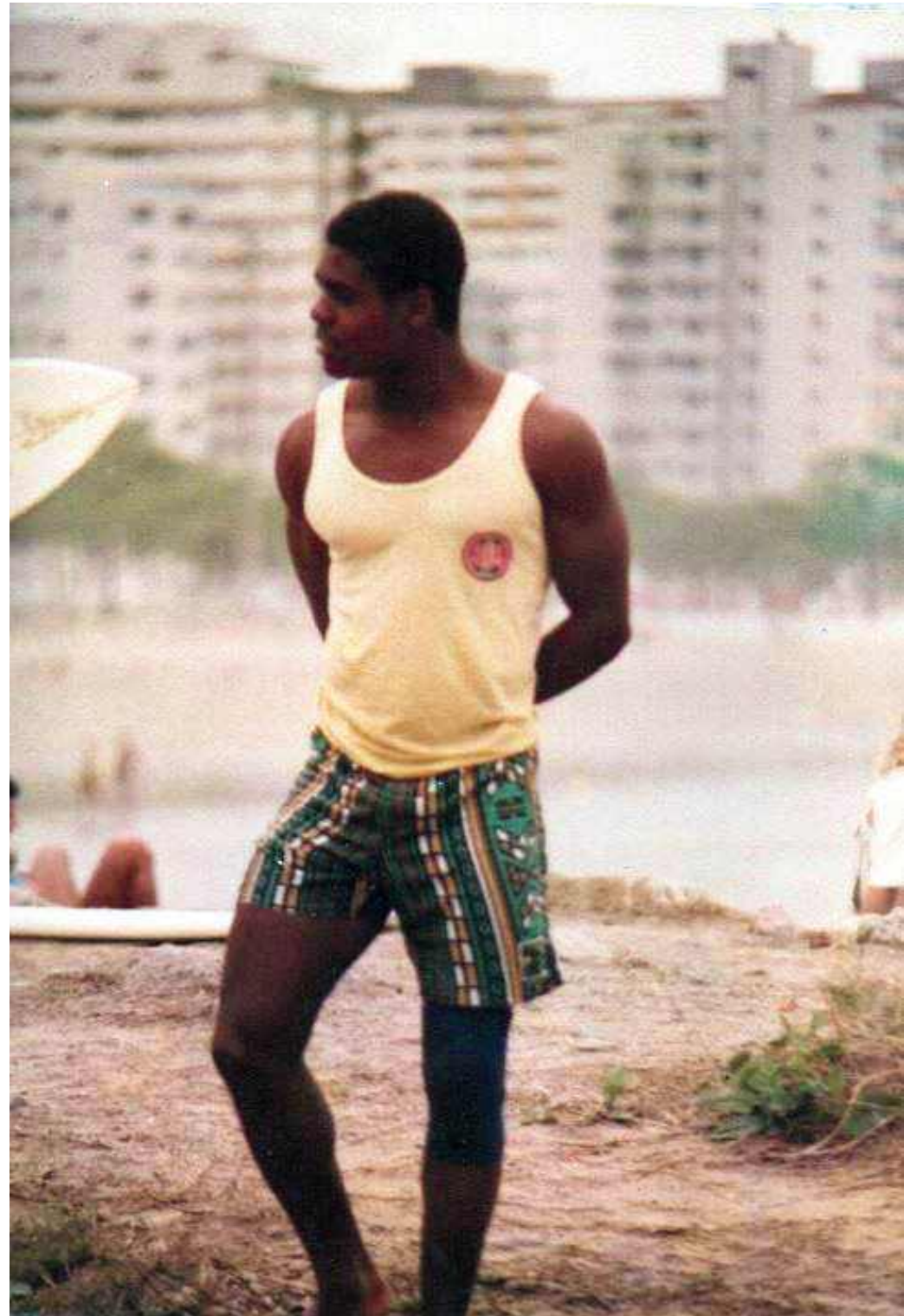




116



Quizumba se destacava pela sua cor e seu surfe arrojado de estilo único



Santos, onde o Surfe nasceu no Brasil

José Luís da Silva Neto, filho de Neusa Ignácio e Sebastião Luís, nasceu na distante Araraquara, no dia 14 de outubro de 1963. Os avós de José tinham o sonho de viver na cidade praiana e para cá mudou-se toda a família, quando o menino ainda tinha dois anos de idade.

Morador do Marapé, José Luís logo se apaixonou pela praia e, especialmente, pelo mar. Como a maioria das crianças naquela idade, ele brincava pegando ondas de peito. Um dia ele viu um surfista descendo uma onda de pé e sonhou fazer igual.

O destino sorriu pra ele quando encontrou aquela que seria sua primeira prancha. José Luís tinha oito anos, voltava pra casa e viu uma velha prancha abandonada no lixo. Ela estava toda remendada com massa plástica, mas fez a alegria do garoto até conquistar uma prancha de qualidade, do shaper Jorge Limoeiro, um presente do tio que morava nos Estados

Unidos e passava férias no Brasil, em 1976.

Aos 11 anos José Luís ganhou o apelido que o acompanharia pela vida inteira. O professor de Educação Física, Carmelo, chamou o garoto de Quizumba. O nome já pertencia a outro surfista das antigas, o Quizumba do Itararé. A palavra tem sua origem na tradição africana e trata-se de uma dança, mas por herança da escravidão, ganhou um significado pejorativo as-

do campeonato brasileiro de surfe no Rio Grande do Sul, quando descobriu que um dos clubes do estado só aceitava pessoas brancas no seu quadro associativo.

Ligado ao mar desde garotinho e surfando ao lado dos melhores surfistas do Quebra-Mar, o surfe virou sua escola para a vida e foi o incentivo para começar a competir. Ele era um dos companheiros da família Salazar, de quem recebeu gran-

São Paulo Lightning Bolt e Quicksilver e das santistas Bolt e BlackTrunk da família Mansur.

Quizumba fez curso, trabalhou como salva-vidas e fez parte do projeto Salva Surf, em 1985, uma iniciativa do Grupamento de Bombeiros Marítimos (GBMAR) que envolve técnicas de salvamento com pranchas.

Uma grande lembrança dessa época era quando mais de 50 surfistas disputa-

QUIZUMBA NO QUEBRA-MAR

sociado a bagunça, arruaça.

Ao lado de Edu Buran, Valmir dos Santos e o Carriça, o rapaz cresceu e enfrentou as contradições de um esporte que aspirava a liberdade com o período de repressão que o país vivia. Além disso, ele ainda enfrentava o preconceito por ser preto. O surfe era praticado pelos jovens brancos, e na raridade da diversidade, Quizumba se destacava pela sua cor e seu surfe arrojado e estilo único.

Ele encarou tudo com a coragem daqueles tempos de rebeldia e resistência, mas se recusou a disputar a etapa

de apoio. No primeiro torneio, o Festival de Surf do Itararé, em 1975, Quizumba recebeu o troféu revelação. Depois acumulou outras vitórias, dentre elas o campeonato regional vicentino, o regional de Mongaguá e o de Peruíbe. Com as conquistas vieram os patrocínios e novas pranchas, como a Surf Explosivo e Nativas Surfboards, do Nelson Letra, shapeada pelo Cocó. Quizumba ainda conquistou o patrocínio das marcas de

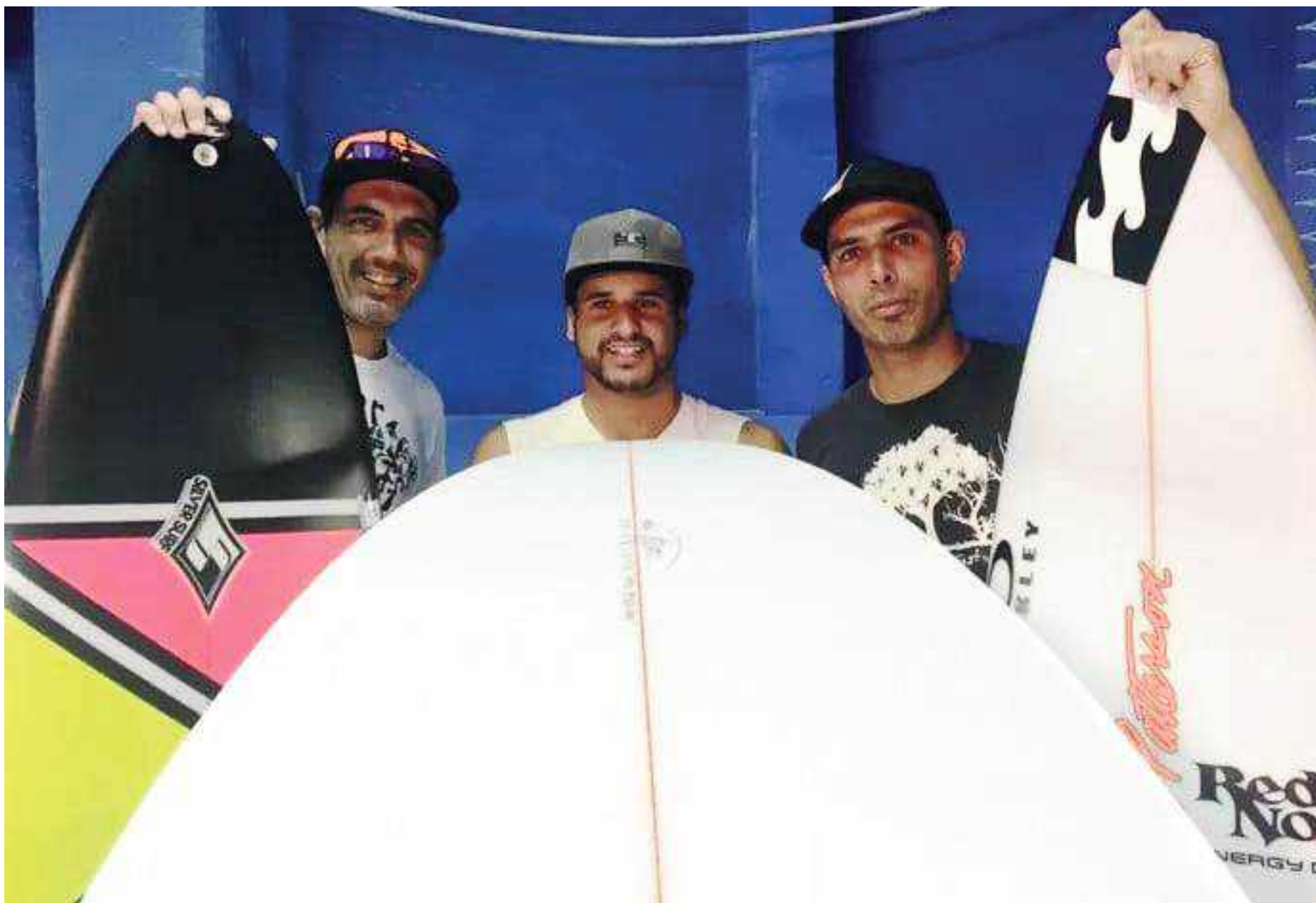
vam quem iria pegar a maior da série dos mares de ondas grandes do Quebra-Mar.

José Luís, o Quizumba, convive no Quebra-Mar, mostrando que a cultura do surfe é livre e inclusiva.

Aos 11 anos José Luís ganhou o apelido que o acompanharia pela vida inteira. O professor de Educação Física, Carmelo, chamou o garoto de Quizumba



Sylvio "Tico" e Adriano "Teco" começaram consertando pranchas no quarto de empregada da casa da avó



A história dos irmãos Oliveira teve início há quase três décadas. Sylvio “Tico” e Adriano “Teco” começaram consertando pranchas no quarto de empregada da casa da avó, em Santos.

O ano era 1994 e o quartinho acabou virando uma oficina de remendos. O trabalho cresceu, se profissionalizou, e os irmãos passaram também a produzir pranchas. Nascia a Silver Surf Surfboards. Hoje eles comandam quatro fábricas e vendem de 80 a 100 pranchas por mês. O intercâmbio foi fundamental para aprender com os melhores do mundo e a Califórnia entrou no circuito dos negócios.

Na terceira viagem para a Costa Oeste norte-americana, em 2002, a dupla conheceu e trabalhou com Timy Patterson, da T.Patterson Surfboards. Tempos depois fizeram a proposta para representar a marca e fabricar as pranchas no Brasil, tornando-se a primeira licença da marca no mundo.

A experiência foi promissora. Hoje, a T. Patterson está presente em seis países.

A pandemia não atrapalhou os negócios. Com a restrição aos esportes de grupo, o surfe se fortaleceu e as vendas online trouxeram um incremento de 25% nas vendas. Mas esse não é o segredo do sucesso.

Uma estratégia da empresa sempre foi o patrocínio aos atletas e há seis anos conseguiram colocar seu primeiro surfista no Circuito Mundial. A relação com Ítalo Ferreira, começou em 2009. Com Ítalo, a T.Patterson, por meio da Silver Surf, tornou-se a patrocinadora de pranchas oficial do atual campeão mundial. Um orgulho para os santistas e brasileiros.

O sonho das Olimpíadas para a marca tornou-se

real. Nos dias que antecederam a viagem de Ítalo, a Silver Surf testou algumas das 10 pranchas que ele levou ao Japão na piscina de ondas no interior do estado. Os equipamentos estavam perfeitos. O campeão mundial está indo com o modelo Synthetic em alguns tamanhos e também o modelo IF15 idealizado para ele, em vários tamanhos para qualquer tipo e tamanho de onda no Japão. Com a regra 40 da Carta Olímpica, o atleta

estará associado apenas ao país que representa. Sem estampa de patrocínios, apenas a marca e o modelo da prancha estarão em destaque.

O campeão mundial foi com o modelo Synthetic em alguns tamanhos e também o modelo IF15 idealizado para ele, em vários tamanhos para qualquer tipo e tamanho de onda no Japão. Com a regra 40 da Carta Olímpica, o atleta estava associado apenas ao país que representava. Sem estam-

pa de patrocínios, apenas a marca e o modelo da prancha estavam em destaque.

A equipe, em plena forma física e psicológica, conquistou o primeiro título olímpico da história do surfe.

TICO E TECO, CAMPEÕES OLÍMPICOS DE SURFE

Na terceira viagem para a Costa Oeste norte-americana, em 2002, a dupla conheceu e trabalhou com Timy Patterson, da T.Patterson Surfboards





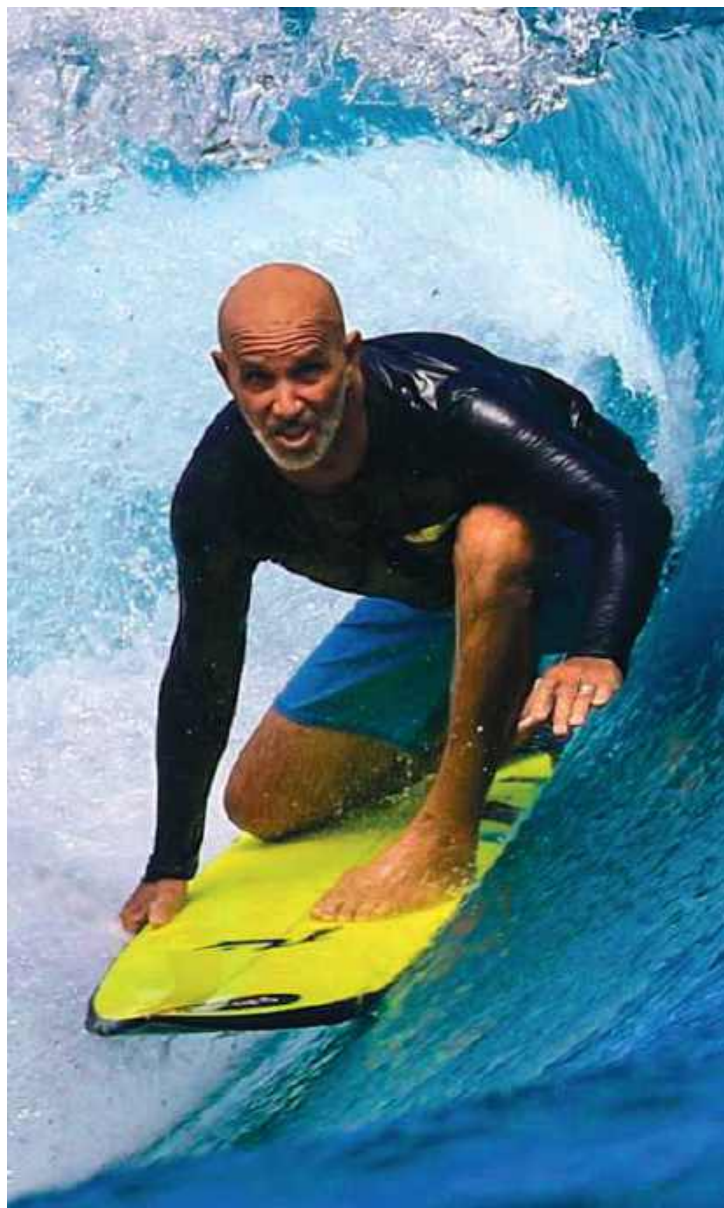
O filho mais novo de Alexandre herdou dele o nome e a firme convicção de viver para o surfe. Apoiado pelo pai e irmãos mais velhos, o santista Picuruta tornou-se o surfista mais premiado da história do surfe mundial.

Alexandre Salazar Junior, o Picuruta, filho de Adair e Alexandre, nasceu na Santa Casa de Santos, no dia 5 novembro de 1960, cresceu na casa 5 da rua Particular Alfredo Ximenes, na famosa Vilinha, próxima ao Canal 1, e começou a surfar aos oito anos de idade. A prioridade dos irmãos Lequinho, Almir e Picuruta sempre foi a praia. Numa época em que o surfe era marginalizado, o pai Alexandre, o Bigode, enxergou no talento e na vontade dos filhos o futuro no esporte e passou a acompanhar a rotina deles, promovendo e divulgando os feitos dos filhos na imprensa.

O trabalho e a persistência valeram a pena. Dono de um estilo único e de uma poderosa batida de backside, Picuruta conquistava os campeonatos, rivalizando os pódios com os cariocas, detentores dos principais títulos

A vontade de vencer sempre acompanhou o atleta, que hoje ensina o que sabe

ALEXANDRE SALAZAR JUNIOR, O PICURUTA



O apelido Picuruta surgiu quando ainda era criança. O avô, "seo" Eleutério, pai de Alexandre, gostava de apertar as bochechas do menino, chamando-o carinhosamente de picorrucho

família. Os irmãos brincavam com o doberman em casa e Picuruta levou a pior, sendo mordido em cheio no rosto. A ferida deixou marcas por um tempo e o vizinho e surfista local, o casca-grossa Pestana passou a chama-lo de Cara de Gato. O apelido pegou e se juntou a agilidade do menino sobre as ondas, reforçando a Lenda do Gato.

Sua história no surfe começou em 1968 com um longboard Glaspac comprado pelo pai por 100 cruzeiros. Os irmãos carregavam o velho e pesado longboard até a praia, onde dividiam as ondas do Canal 1 com João Pestana, Luiz Zé, Marcos Tubo, Orácio Cocada e Homero, referências da época.

Entre o primeiro e o último foram quase 170 tí-

tulos, como os múltiplos 10 Campeonatos Brasileiros de Longboard, os mais desafiadores, como o recorde de tempo sobre uma onda, durante o fenômeno da Pororoca, os incontáveis, como os prêmios de surfista do ano, e os mais festejados, como o Torneio Niasi/Tribuna FM, em 1988, numa vitória espetacular sobre o carioca Dadá Figueiredo, dedicada ao irmão Lequinho Salazar. A morte de Lequinho era recente e abalou a comunidade do surfe e em particular a família. Picuruta comemorou a vitória abraçado ao pai, immortalizando a memória do irmão mais velho.

A vontade de vencer sempre acompanhou o atleta. O "Gato" divulgou o esporte e a cultura de praia em programas de televisão, como os Reality Shows "Troca de Família" e "Amazônia", participou de inúmeros documentários, incluindo o biográfico A Lenda do Gato, dirigido por Alex Miranda.

O filme-documentário mostra o reencontro de Picuruta aos lugares em que brilhou enquanto competidor. A produção lembra de como virou lenda na África do Sul e também incluiu elogios do australiano bicampeão mundial Tom Carrol. Nos diversos

picos que revisitou, aos 60 anos, Picuruta ainda mostrou um surfe de alto nível.

A boa forma é explicada pela longevidade de Picuruta como competidor. Depois de arrasar com as pranchinhas, ele migrou para o longboard. Mudou a cara da modalidade ao apresentar um surf radical, com batidas e manobras até então exclusivas para as pranchinhas. O estilo implantado por ele está hoje estabelecido e não é mais raro ver surfistas radicalizando com os pranchões.

Sarrista e espirituoso, sempre com uma piada pronta para alegrar o ambiente, ele está com 63 anos, completados em 2023, continua surfando e ainda comanda a Escola de Surf Picuruta Salazar, no Quebra-Mar, em parceria com a Prefeitura Municipal de Santos, firme no propósito de continuar alavancando o surfe. Picuruta também dedica o seu amor e cuidados à proteção dos animais, a exemplo da vira-lata Wandeca que o acompanhava a todos os lugares.

Casou-se com Karim na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes e seus três filhos seguem os mesmos passos do maior surfista brasileiro da história. Caio, o mais velho, parceiro de Picuruta na Escola de Surf, Leco, o do meio, campeão mundial de SUP Longboard, o primeiro da modalidade, e Matheus, o mais novo, vive no Havaí.

à época. Picuruta foi também um dos pioneiros na profissionalização do esporte no Brasil que conta hoje com o campeão olímpico e quatro campeões mundiais, três deles do estado de São Paulo.

O apelido Picuruta surgiu quando ainda era criança.

O avô, "seo" Eleutério, pai de Alexandre, gostava de apertar as bochechas do menino, chamando-o carinhosamente de picorrucho. Com o tempo, picorrucho virou Picuruta. Outro apelido que pegou foi Gato. A origem remete a um acidente com o cachorro da





122



As Mulheres no Surfe



*Carla Canepa, Eduardo
Nogueira e Gessia
Falkenberg: surfistas de
uma mesma geração*



Da primeira mulher a surfar nas praias de Santos, na década de 1930, Margot Rittscher, passando pela geração de 1960, o legado das pioneiras do surfe brasileiro e santista permanece vivo.

Nascida na Itália, Carla Canepa chegou ao Brasil ainda pequena. Aos 14 anos, morando em Santos, Carla se interessou pelo surfe. Ela ficava na areia esperando os

Ela e a amiga Helena Prado, a Lená, compartilhavam juntas a alegria e a liberdade do surfe. As duas estudavam juntas no Colégio Stella Maris.

No Campeonato Paulista de 1968, no Guarujá, Carla Canepa alcançou a segunda colocação. Ela foi superada pela paulistana Renata Poli-

O intercâmbio aos Estados Unidos afastou Carla do país, mas não do surfe. Na Califórnia ela encarou as ondas de Malibu e comprou uma prancha nova e moderna, uma Jackobs. Ela trouxe a prancha para o Brasil e surfou até concluir seus estudos. Depois escreveu sua história na cidade de São Paulo.

No Campeonato Aberto do Ilha Porchat, a disputa da prova feminina ficou entre três participantes: Silvia Helena Lage, Elizabeth de Campos Marsiglia e a paulistana Fernanda Maciel Marinho, primeira colocada.

O surfe feminino também esteve representado no

Eveli Dubinee, Roseli Dubinee, Regina Mariano, Thais Aparecida Laguna e Regina Forte.

O surfe feminino avançou pelo país nas últimas décadas e a cidade sempre esteve bem representada. Em 2019 a surfista Júlia Santos tornou-se campeã brasileira de surfe profissional. Ela levou o título do Circuito da Confederação Brasileira de Surf. Nesse mesmo ano, a carioca radicada em Santos,

No Natal de 1967, o sonho de uma prancha virou realidade. Ela e o pai foram de carro para o Rio onde encomendaram uma prancha da São Conrado Surfboards

CARLA CANEPA E AS SURFISTAS SANTISTAS

surfistas saírem da água para tomar uma prancha emprestada. Ela sonhava com o surfe, com as ondas e se apaixonou pelo estilo de vida.

No Natal de 1967, o sonho de uma prancha virou realidade. Ela e o pai foram de carro para o Rio onde encomendaram uma prancha da São Conrado Surfboards.

O pico de surfe era o Canal 3 e Carla fez parte do Big Kahuna Surf Club. A garagem do Petito no Edifício Paulistânia e a casa do Nando Gouveia eram as guardarias das pranchas da turma.

zaides. Destaque no Campeonato Paulista de 1967, concorrendo ao lado dos homens, Renata venceu a primeira disputa feminina da história do estado de São Paulo.

Carla Canepa continuou surfando no Guarujá. Ela ia junto com os irmãos Carlinhos e Dudu na Kombi da família Argento. Surfe, praia e piquenique formavam o cenário das trips inesquecíveis.

Campeonato de Surf do Caiçara Clube, disputado no Canal 3, em 1968. As meninas Maria de Lurdes "Dilu" Costa, Cristina Dias Torrecilla, Marione Barbosa, Ocirema Cristina Porto Alegre, Carla Canepa e a estreante e campeã Katia Grubba concorreram entre si na competição.

O primeiro Campeonato Santista da história aconteceu em 1970, ao lado da Ilha Urubuqueçaba. Entre as meninas, Sheila de Castro Farias sagrou-se a primeira campeã feminina de surfe de Santos. Ela disputou com as surfistas

Márcia Portes, foi campeã brasileira na categoria Longboard 45+. Em 2020, a campeã paulista de Longboard foi Kaylane de Souza, representando a equipe de Santos.

A cidade, pioneira do surfe no Brasil, assume o protagonismo novamente.





Katia venceu o primeiro campeonato de surfe disputado na cidade de Santos

Katia Azevedo Grubba nasceu em Santos, em 18 de agosto de 1951, mas viveu em inúmeras cidades ao longo da sua infância. O pai era oficial da aeronáutica e as transferências eram comuns. Apesar disso, Katia passava sempre as férias na casa da avó em São Vicente e a sensação de descer a Serra e sentir o cheiro do mar trazia alegria, bem estar e aquele sentimento de pertencimento.

Aos 15 anos, em 1966, a família mudou-se definitivamente para Santos, na rua

incentivadores. Outro amigo e parceiro na época foi Eduardo Paulino. Mais jovem que Katia, ele morava no edifício Diplomata e os dois se davam muito bem.

Em 1968, aos 17 anos, ela foi inscrita pelos amigos no Torneio de Surfe do Caiçara Clube. Nos dias 14 e 15 de

tórica. Ciente da sua condição de estreadante, a surfista decidiu pegar o máximo de ondas possíveis, já que as condições do mar não eram favoráveis, enquanto as demais competidoras, mais experientes, esperavam pelas melhores da série que nunca chegavam. A tática deu cer-

a trabalhar no Jornal Cidade de Santos, enquanto ainda estudava no Colégio Canadá, teve acesso as fotos históricas do torneio, mas tratou de esconder a notícia e os recortes dos familiares, temendo uma represália do pai militar.

Aos 18 anos, Katia ingressou no curso de So-

KATIA GRUBBA, A PRIMEIRA CAMPEÃ EM SANTOS

Governador Pedro de Toledo. Foi frequentando a praia do canal 3, que a atrevida menina, estudante do Colégio Canadá, pedia as pranchas emprestadas aos surfistas para matar a curiosidade e deslizar sobre as ondas.

Aliás essa foi a alternativa encontrada para driblar as restrições impostas pelo pai militar, num tempo em que o surfe era marginalizado e estigmatizado. Escondida, ela foi pegando gosto e se enturmando com a nova galera do canal 3, em especial Larcraia e Durval, seus grandes

junho, surfistas de todas as categorias se reuniram para a disputa no pico do canal 3 e o frio não impediu que muita gente fosse conferir o festival na praia.

O surfe feminino esteve bem representado. Além de Katia, as meninas Maria de Lourdes "Dilu" Costa, Cristina Dias Torrecilla, Marione Barbosa, Ocirema Cristina Porto Alegre e Carla Canepa se inscreveram na competição. Carla acabou não competindo por motivo de viagem. Katia Grubba recebeu com surpresa sua conquista his-

to e Katia venceu o primeiro campeonato de surfe da história da cidade de Santos.

Além da premiação habitual, incluindo diplomas para todos os participantes e troféus para os primeiros colocados, o patrocinador premiou os melhores surfistas com uma carteira ingressar no Caiçara como sócio atleta do clube.

A curta trajetória de Katia se encerrou logo depois da competição. Ela começou

ciologia na Faculdade São Marcos, trabalhou no Serpro, depois casou, fixou residência em Santos e teve três filhos homens, todos apaixonados pelo mar e pelo surfe.

Foi frequentando a praia do canal 3, que a atrevida menina, estudante do Colégio Canadá, pedia as pranchas emprestadas aos surfistas para matar a curiosidade e deslizar sobre as ondas

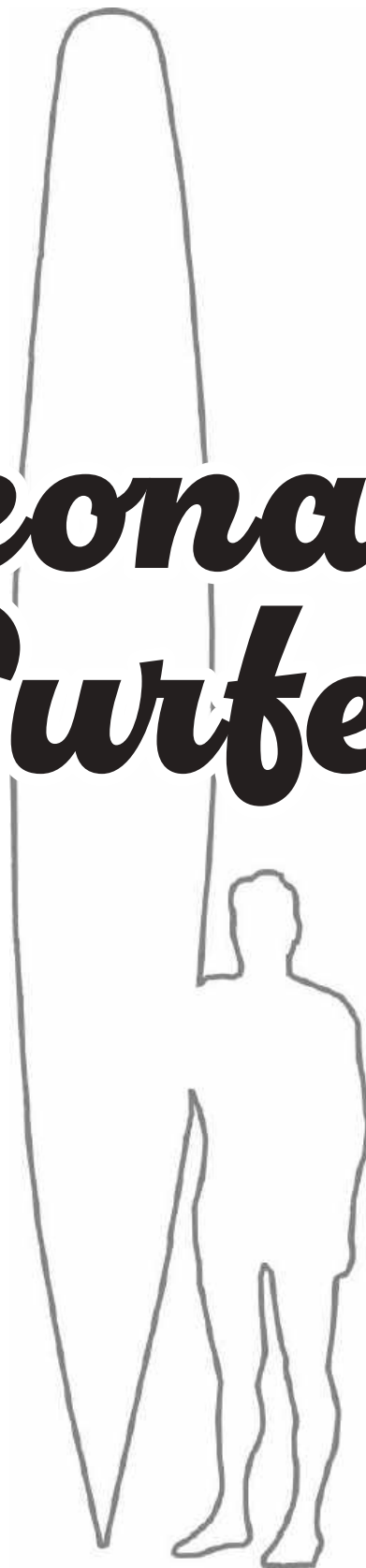




128



Campeonatos de Surfe



129



Santos, onde o Surfe nasceu no Brasil



O campeonato realizado pela Secretaria de Esportes do Guarujá contou com o patrocínio do Clube da Orla e do Jornal A Tribuna

Era o último fim de semana das férias de julho, mas ainda assim centenas de pessoas foram à praia para prestigiar o inédito evento do surfe paulista.

O cantor Chris Montez foi uma das atrações do Primeiro Campeonato Paulista de Surf, realizado no Guarujá, no inverno de 1967. O californiano, intérprete do hit *The More I See You*, agitou a galera na Praia de Pitangueiras ao pegar uma das pranchas e se aventurar no mar. Foi no dia 29 de julho, um sábado de sol, o primeiro do campeonato.

Além do músico, sete grandes surfistas cariocas fizeram demonstrações livres de surfe nas águas do Guarujá e participaram da comissão julgadora. Junto do campeão carioca Jorge Bally, o Persegue, se exibiram Mario Brants, Rafael Gonzalez, Geraldo Fonseca, Fábio Kerr, Luís Pastor e Mario da Costa e Silva.

O campeonato realizado pela Secretaria de Esportes do Guarujá contou com o patrocínio do Clube da Orla e do Jornal A Tribuna. A organização coube aos surfistas e competidores Eduardo Moura Nogueira, o Piolho e Adalberto Mariani Junior, o Tuko, além de Osmany Pinto de Souza, promotor público do Guarujá.

AS HISTÓRIAS DO 1º CAMPEONATO PAULISTA DE SURF

Era o último fim de semana das férias de julho, mas ainda assim centenas de pessoas foram à praia para prestigiar o inédito evento do surfe paulista. Os heroicos 66 competidores, incluindo uma única mulher, Renata Polisaitis, deslizaram suas pranchas sobre as ondas e entraram para a história do surfe no estado.

Os surfistas mais destacados vinham de São Vicente e Santos, berço do surfe no estado e no país. Nomes como os irmãos José Carlos e Chico Paioli, Eduardo Faggiano (Cocó), os gêmeos Carlos e Eduardo Argento, Canarinho, José Paulo Sacramento, Alemano Marques, Paulo Miorim, Silvinho Daige e Guaracy honraram a tradição das praias.

A aproximação dos organizadores com Yllen Kerr, presidente da Federação Carioca de Surf, foi fundamental para o sucesso do evento. O

regulamento e os critérios de julgamento foram orientados pelo conceituado jornalista do Rio de Janeiro. Além de acompanhar os surfistas cariocas, Yllen, pai do surfista Fábio Kerr, trouxe na bagagem a experiência do campeonato carioca, o primeiro do Brasil.

A fase classificatória foi composta por baterias com cinco competidores. Os dois melhores de cada bateria avançavam para as finais. Dos 66 inscritos, 25 sobraram para o dia seguinte.

As fases finais do campeonato que deveriam acontecer no domingo foram adiadas para a segunda, dia 31, devido a falta de ondas. Na grande final da categoria Juniores, o vencedor foi Fernando Mittelman, o Fernandão. Carlinhos Argento, Eduardo Faggiano, o Cocó e Chico Paioli ficaram com a segunda, terceira e quarta colocação,

respectivamente. Na categoria Seniors, acima dos 16 anos, o vencedor foi Eduardo Nogueira, o Piolho.

Os campeões ganharam uma prancha Glaspac, sonho de consumo daquela geração, e os primeiros colocados foram premiados com placas e troféus. O público saiu satisfeito. Além de curtir a praia, banhistas e turistas testemunharam o histórico primeiro campeonato de surf paulista, no agito e no ritmo das ondas.





*Era alto o astral,
o sol irradiava e
as ondas estavam
perfeitas no
primeiro dia do
evento*



Santos, onde o Surf nasceu no Brasil

Piolho, Jô Hirano, o guarujaense Guaracy do Guarujá. De São Vicente, participavam Odailton de Oliveira, Miroel Couto, o Miro. Competindo por São Paulo, estava, entre outros, José Carlos Paioli.

Na categoria Juniores (até 17 anos), vindos de San-

Osuntuoso Clube da Orla, na Praia de Pitanqueiras, preparou a cerimônia de entrega dos prêmios aos primeiros colocados do 2º Campeonato Paulista de Surf, em fevereiro de 1968. O salão decorado recebeu os surfistas e convidados para um típico luau havaiano.

Naquele verão de 1968, o Guarujá foi preparado para receber mais um campeonato. O sucesso do primeiro evento ocorrido em julho de 1967 provocou agitação entre os surfistas e o número de inscritos impressionou. No primeiro dia do evento, 93 surfistas se apresentaram.

Além da experiência da primeira competição, os surfistas estavam ainda mais envolvidos. O contato mais frequente com os cariocas e o mundo do surfe, levou os paulistas a aprenderem novas manobras e acompanharem a evolução das pranchas.

Na nova competição, os principais destaque da categoria Seniores (acima de 18 anos) eram os santistas Alan Torrecilla, o Jerico, Luiz Carlos Frigerio, Armando José Gouveia, o Nando, José Roberto Fernandes, o Lacreia, Miguel Sealy, Eduardo Nogueira, o

Foram premiados os oito melhores de cada categoria (Seniores, Juniores e Feminino) e instituído o prêmio de melhor surfista da capital paulista

2º CAMPEONATO PAULISTA DE SURFE - 1968

tos, competiam Beto Medeiros, Valdir Jesus Pascoalino, José Sant'Anna, Fernando Barbosa, o Buana. De São Vicente, estavam os irmãos Argento, Carlos e Eduardo, Fernando Mitelmann, o Fernandão, Eduardo Faggiano, o Cocó, Nelson Feitosa, o Carioca. Pela capital, competia, também, Chico Paioli. A surfista Renata Polizaidi, destaque na primeira competição concorrendo ao lado dos homens, correu pela categoria feminina.

A competição começou no sábado, dia 17 de fevereiro, em frente ao Clube

da Orla, no lado esquerdo da ilha. Era alto o astral, o sol irradiava e as ondas estavam perfeitas. A praia, no auge do verão, estava lotada. O campeonato bem mais organizado, criou um corredor e separava os banhistas e curiosos dos competidores que corriam as baterias.

As baterias eram formadas por quatro competidores e os dois melhores se classificavam até a última bateria, a grande final, no domingo, 18. A organização convidou novamente os surfistas do Rio para a arbitragem, entre eles Fabio Kerr,

filho do jornalista esportivo Yllen Kerr.

Foram premiados os oito melhores de cada categoria (Seniores, Juniores e Feminino) e instituído o prêmio de melhor surfista da capital paulista.

Na grande final da categoria Seniores, o campeão foi Alan Torrecilla, seguido de Luiz Carlos Frigerio, José Carlos Paioli, Eduardo Moura Nogueira. Pelo critério de pontuação os premiados entre a 5ª e 8ª colocação foram Armando José Gouveia, Michael Geines, Odailton de Oliveira Filho e Jô Hirano.

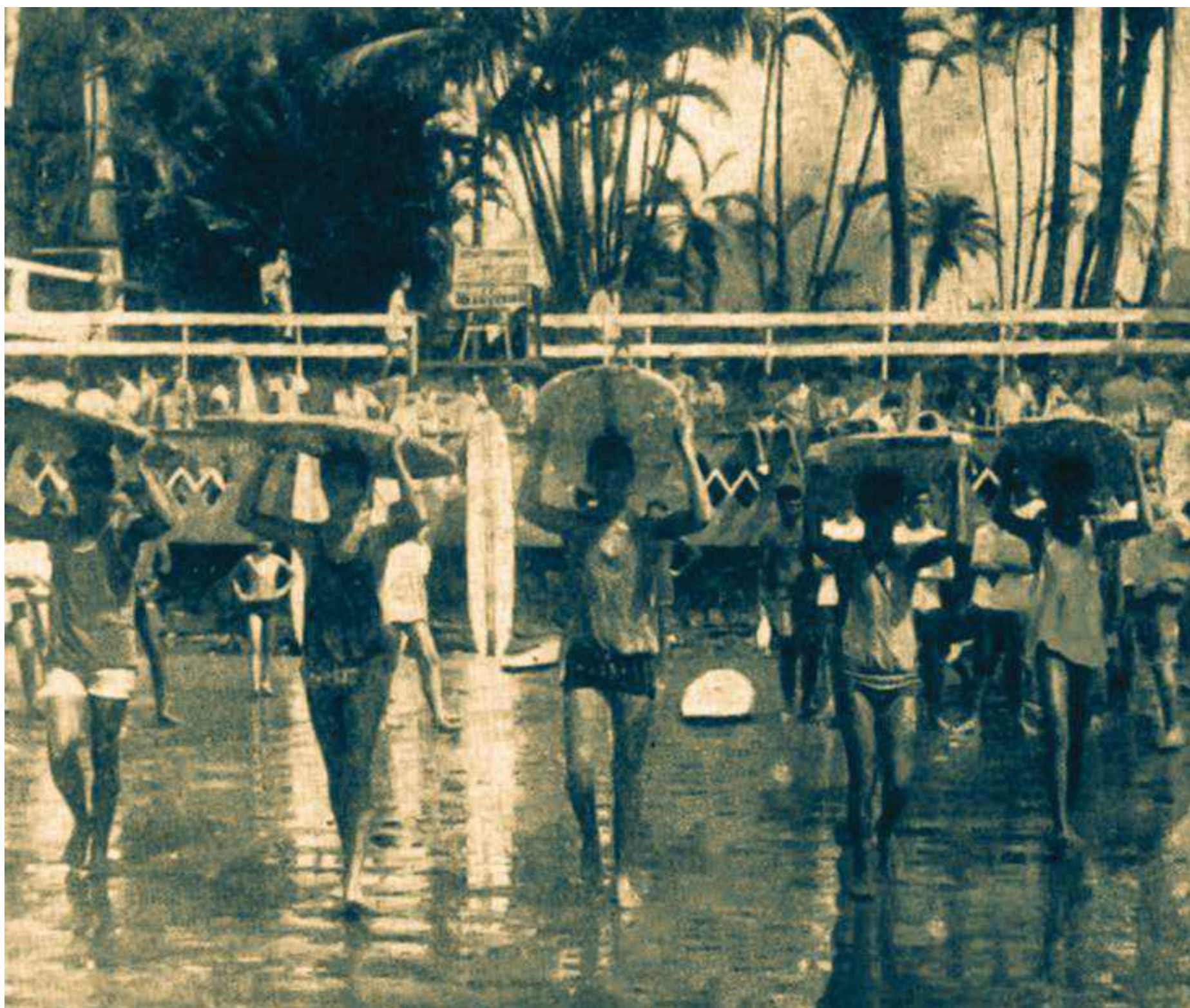
Na categoria Juniores o campeão da grande final foi Alberto "Betinho" Medeiros. Em segundo lugar, Fernando Barbosa, em terceiro e quarto os irmãos Eduardo "Dudu" e Carlinhos Argento. Os demais colocados, Mauricio Di Giorgio, o Paulista, Valdir Jesus Pascoalino, Chico Paioli e Fernando Mitelmann, o Fernandão, também foram premiados.

Renata Polizaidi ganhou o feminino. O prêmio instituído para o melhor surfista da capital foi para José Carlos Paioli. O surfista de São Vicente mudou-se para São Paulo e levou dois troféus neste campeonato.

O brinde da noite foi o Show da Martinha. A famosa cantora da Jovem Guarda participava das saudosas tardes de Domingo, do programa da Jovem Guarda com Roberto Carlos, na TV Record.

A alegria pela competição e confraternização contagiava a juventude das praias. O ano de 1968 ainda iria vivenciar outros dois torneios. A história continuava a ser escrita.





134



Mudinho foi o campeão da categoria Seniores e deu um verdadeiro espetáculo nas águas de São Vicente

Santos, onde o Swiße nasceu no Brasil

A Ilha Porchat constituiu-se como um marco geográfico da região. No início da colonização identificava a entrada da vila fundada por Martim Afonso. Em meados de 1800 pertenceu à conceituada família Porchat, que lhe passou a denominação.

A primeira propriedade foi o Grande Cassino de Jogos e Diversões que daria lugar em 1967 ao famoso Ilha

O campeonato começou na sexta-feira, dia 12 de abril, reuniu 140 surfistas e foi assistido por um grande público, incluindo autoridades, como o interventor estadual em São Vicente, Jorge Conway Machado e o comandante do 2º BC, coronel Lauro Roca Diegues.

No sábado entrou uma forte ressaca na ilha e as grandes ondas ajudaram no desempenho dos surfistas. Nas finais

- 13,5 pontos; 8º José Roberto Fernandes, o Lacraia (Santos), Jô Hirano e Paulo Miorim (Itararé) - 11,5 pontos.

O melhor juvenil foi Carlinhos Argento. O surfista do Itararé alcançou 18,5 pontos. Fernando Mittelman, primeiro campeão estadual, ficou com a 2ª posição com 17,5 pontos. Os demais colocados foram: Eduardo Faggiano, o Cocó, Eduardo "Dudu" Argento, Francisco

glia e a paulistana Fernanda Maciel Marinho, primeira colocada.

O campeonato terminou às 16 horas do domingo, dia 14, com um brinde de champagne aos vencedores. Os prêmios para os primeiros colocados foram entregues em um baile realizado no salão do Ilha Porchat Clube. Foi o primeiro campeonato da história do surfe em São Vicente.

1º CAMPEONATO ABERTO DE SURFE DO ILHA PORCHAT - 1968

O torneio recebeu surfistas de São Paulo e do Rio de Janeiro. A grande sensação foi o carioca Carlos Roberto, o Mudinho

Porchat Clube. A instituição, recém fundada, foi a patrocinadora do 1º Campeonato Aberto de Surfe de 1968. Na organização estavam o delegado regional de Educação Física, Geraldo Faggiano, o esportista Carlos Paioli e o diretor do Ilha Porchat Reynaldo Tersitano.

O torneio recebeu surfistas de São Paulo e do Rio de Janeiro. A grande sensação foi o carioca Carlos Roberto, o Mudinho. O surfista foi o campeão da categoria Seniores e deu um verdadeiro espetáculo nas águas de São Vicente.

de domingo o mar diminuiu um pouco e Mudinho precisou de apenas uma onda para mostrar toda a sua habilidade e superioridade. O carioca pegou uma grande onda na linha da arrebentação com a sua prancha Hawaii Model A, realizou uma série de manobras e terminou no raso fazendo malabarismo sobre a prancha para delírio dos espectadores.

Os primeiros colocados da categoria Seniores foram: 1º Carlos Roberto, o Mudinho - 28 pontos; 2º Odailton Silva (Itararé) e Nando Gouveia (Santos) - 17 pontos; 4º Nelson Feitosa (Itararé) e Luiz Carlos Frigerio (Big Kahuna/Santos) - 15 pontos; 6º José Carlos Paioli - 14,5 pontos; Miroel Couto (Itararé)

"Chico" Paioli, Nelson Ferreira da Silva, Francisco Paulo Faggiorgio e Marcelo Guimarães, o Pardal.

A categoria infantil foi dominada pelos cariocas. Os primeiros colocados foram Ricardo Fontes de Souza e Moacyr Castro, ambos com apenas 15 anos de idade. O competidor do Itararé, Odmar Fernandes de Andrade ficou com a terceira colocação. As demais posições foram ocupadas pelos santistas Antônio Carlos Soares, Álvaro Luiz Inocente, Sérgio Melo Bertran, Fernando Lima e Valdemar Oldakji.

A disputa da prova feminina ficou entre três participantes: Silvia Helena Lage, Elizabeth de Campos Marsi-





136



A disputa foi realizada no canal 3 e o frio não impediu que muita gente fosse conferir o festival



O Caiçara Clube fundado em 1958 foi palco de muitas atrações musicais e esportivas. Das lembranças que o saudoso clube deixou, uma em especial marcou a geração de surfistas da década de 1960.

Nos dias 14 e 15 de junho de 1968, surfistas de todas as categorias se reuniram para o 1º Torneio de Surfe do Caiçara Clube. A disputa foi realizada no pico do canal 3 e o frio não impediu que muita gente fosse conferir o festival na praia.

Um desfile de pranchas nacionais (Santo Amaro

e São Conrado) e algumas importadas, entre elas, Hobbie, Harbour, Hawaiian, Barland-Rott, Calypso e Dewey Weber, camisetas coloridas psicodélicas, cabelos alourados e uma linda e entusiasmada juventude tomaram conta da Praia do Gonzaga.

O campeonato começou na sexta-feira pela manhã. A categoria infantil concorreu com 19 participantes e aproveitou as melhores condições do mar. Os 10 melhores foram classificados para correr as finais no dia seguinte.

A sensação no primeiro dia da competição ficou para

as exibições de Álvaro Luís Inocente, o Pretinho, e Sérgio Melo Bertran, o Peitinho. Os jovens surfistas fizeram o "hang ten", manobra ousada, onde o surfista se agacha no bico da prancha colocando os dedos para fora.

Os juniores não tiveram a mesma sorte. As baterias começaram às 10 horas quando as condições do mar pioraram. O vento deixou o mar mexido, mas mesmo assim os surfistas deram boas apresentações. Os irmãos Argento, Carlos e Eduardo, foram os destaques entre os 36 participantes e ficaram entre os 20 melhores classificados para as finais.

A disputa dos seniores ficou entre 13 competidores. A grande ausência foi Douglas Roberto "Lagartixa" Going, impossibilitado de comparecer. O surfe feminino também

a apreensão da prancha do José Roberto "Lacraia" dos Santos Fernandes, por um salva-vidas. Ela foi emprestada a um surfista não participante do campeonato. Ele se descuidou e surfou fora da área reservada ao esporte.

Na final da categoria infantil, Sérgio Melo Bertran foi a grande revelação. O surfista, destaque na fase classificatória, confirmou sua evolução. Eliminado no campeonato do Guarujá em fevereiro, Peitinho alcançou a 6ª colocação no torneio do Ilha Porchat em abril e nesse último sagrou-se campeão com 19,5 pontos.

Betinho Medeiros, filho de Alberto Medeiros, diretor do Caiçara e um dos entusiastas do surfe de competição, conquistou o segundo lugar com 16,5 pontos. O favorito Pretinho, ficou com a terceira colocação com 16

Entre os juniores, Carlos Argento repetiu a façanha do último campeonato e foi novamente vencedor com 22,5 pontos. O irmão Eduardo ficou em segundo com 21. O terceiro colocado foi o representante do Big Kahuna Surf Club, Marcelo "Pardal" Guimarães. Os outros colocados foram Fernando Pivetta, o Fernandão, Eduardo "Cocó" Faggiano, Reinaldo Matias, Odmar Aguiar Filho, Luís Carlos Xisto, Waldir Pascoalino, José Luís "Zizi" Passarelli, Nelson Ferreira Filho, Maurício Tadeu "Paulista" Di Giorgio, Paulo Juliano, Luís Batista, Fausto Falaschi, Francisco Fargiorgio, Paulo Roberto Ferreira, Enio Nogueira e Carlos Augusto Carvalho.

Os seniores não chegaram a disputar uma final. Sem condições para o surfe, ficou valendo a pontuação da fase

classificatória. Nando Gouveia e Luiz Carlos Frigerio foram os primeiros colocados, seguidos por José Ricardo Guedes Frei, Nelson Vitor Feitosa, José Roberto "Lacraia" Fernandes, Adalberto "Tucu" Mariani Filho, Bruce Abrantes, Michael James Sealy, Walter Roberto Alexandre, Luís Moreira Elias, Roberto "Jo" Hirano, José Eduardo Garcia, Odailton Oliveira Silva e Alfredo Lewsin.

Além da premiação habitual, diplomas para todos os participantes e troféus para os primeiros colocados, o patrocinador premiou os melhores surfistas com uma carteirinha ingressar no Caiçara como sócio-atleta do clube. Uma instituição que faz história e se mantém viva na memória.



O fato que chamou a atenção no primeiro dia foi a apreensão da prancha do José Roberto "Lacraia" dos Santos Fernandes, por um salva-vidas

1º TORNEIO DE SURFE DO CAIÇARA CLUBE

esteve representado. As meninas Maria de Lurdes "Dilu" Costa, Cristina Dias Torrecilla, Marione Barbosa, Ocirema Cristina Porto Alegre, Carla Canepa e a estreadora e campeã Katia Grubba concorreram entre si na competição.

O fato que chamou a atenção no primeiro dia foi

pontos. Ele era primo de Alan Daniel Torrecilla, considerado um dos maiores surfistas da época. Os demais foram Orlando "Patriota" Mariani Filho, Walter Hunold, Antônio Carlos Soares, Eduardo Amaral Rodrigues, João Di Giorgio Filho, Ronaldo "Gui" Mesquita, Mauro Ricci e Rubens Peres Filho.



138



O 3º Campeonato Paulista de Surf, promovido pelo Clube da Orla, no Guarujá, foi o último desta série de torneios estaduais que marcaram a década de 1960

Santos, onde o Surf nasceu no Brasil

3º CAMPEONATO PAULISTA DE SURF - 1969

A realização do evento ocorreu em um fim de semana com condições de tempo ruins, porém o mar estava com ondas de até um metro, boa formação e sem vento

A Praia de Pitangueiras estava pronta pra receber os surfistas para o 3º Campeonato Paulista de Surf, organizado pelo Clube da Orla. Programado para o início de março de 1969, depois do Carnaval, o torneio prometia grandes emoções. Foi o primeiro campeonato disputado com as pranchas mini-models. Menores e mais velozes, permitiam aos surfistas manobras mais radicais. Era atração garantida para o público.

A realização do evento ocorreu em um fim de semana com condições de tempo ruins, porém o mar estava com ondas de até um metro, boa formação e sem vento. Os surfistas cariocas mais uma vez estiveram presentes, surfaram juntos, exibiram as novidades do Rio, e ajudaram na arbitragem. O santista Miguel Sealy participou da comissão organizadora.

Os amigos Marcelo "Pardal" Guimarães e Frigerio estavam animados com o campeonato. Eles foram juntos no Karmann Guia do pai de Marcelo para a Praia de Pitangueiras. Luiz Carlos Frigerio, vice-campeão paulista da edição anterior, era um dos favoritos na categoria seniores.

As eliminatórias aconteceram no sábado e os classificados para as etapas finais correram no dia seguinte. No domingo o tempo amanheceu totalmente nublado com chuva intermitente e foi particularmente trágico, pois um funcionário do Clube da Orla faleceu eletrocutado na praia ao pisar no fio elétrico desencapado enquanto fazia a instalação do som para o palanque, que com a chuva tornou-se fulminante. Apesar dos esforços para reanima-lo, tanto pelos surfistas como do próprio des-

tacamento de salvamento, as tentativas foram em vão.

Na disputa pela categoria Seniores um dos vencedores foi Luiz Carlos Frigerio que chegou à final para disputar o título contra o paulistano Christian Frutig, porém o concorrente tomou uma pranchada nas costelas durante a fase eliminatória e não estava em condições de competir. Frigerio foi incentivado a entrar na água e garantir o título isolado. Ele não se aproveitou da vantagem, recusou-se a competir e ambos foram declarados campeões.

José Paulo Sacramento e Miguel Sealy, ambos do Canal 3, chegaram em 2º e 3º lugares, respectivamente. Em quarto lugar, empatados, José Carlos Paioli de São Paulo e Odailton Silva do Itararé também foram premiados.

Na categoria juniores houve empate no primeiro lugar entre Marcelo "Pardal" Guimarães do Canal 3 e Dudu Argento do Itararé. Os dois deram um verdadeiro show na água e o duelo mereceu destaque na imprensa. Em

segundo lugar chegou Carlinhos Argento do Itararé e, em terceiro, Betinho Medeiros.

O 3º Campeonato Paulista de Surf, promovido pelo Clube da Orla, no Guarujá, foi o último e derradeiro desta série de torneios estaduais, marcando o final da década de 1960.



A tribo dos surfistas crescia influenciada pela contracultura da época

Mar muito calmo tirou de Santos as provas do I Torneio de Surfe

Ao invés de no Canal 3, em Santos, a primeira eliminatória do I Torneio de Surfe, promovido por "A Tribuna" e Lions Clube Santos-Norte, em colaboração com a Secretaria de Turismo de Guarujá e Refrigerantes de Santos S.A., foi realizada ontem na praia das Pitangueiras, no Guarujá. As provas foram disputadas durante o período da tarde e apresentaram em seu final, os seguintes classificados:

Sêniores — Eduardo Argento, Eliseu Andrade Júnior, Idivaldo dos Santos Melo, Francisco Paulo Fargiorgio e Luiz Fernando M. Elias.

Juniões — Vicente Ferraro, Fuad Mansur, Paulo Alvino, Nelson Exel, Gilberto Israel, Horácio Antunes de Moraes, Walter Cicero e Levy Nunes Barbosa.

No próximo sábado haverá nova eliminatória no Guarujá, para os inscritos que ainda não participaram, enquanto que no domingo os classificados de ontem juntam-se aos classificados do sábado, em nova eliminatória. A final será no dia 26, também no Guarujá, quando serão proclamados os campeões das duas séries.

Os melhores classificados no certame receberão troféus e medalhas oferecidos por "A Tribuna" e Lions Clube Santos-Norte, enquanto o melhor surfista de toda a competição ficará com a prancha oferecida pela firma "Surf Champion", da Capital. Os juizes das provas de ontem foram: Miguel, Crithian, Silvinho, Paulista e Justin.

A TRANSFERENCIA

A transferência do local da prova foi porque o mar em Santos estava muito calmo e assim as condições completamente desfavoráveis para a prática do esporte da prancha.

Foi uma pena que isso acontecesse, pois era muito grande o entusiasmo dos surfistas que estavam incluídos nas séries que seriam disputadas na manhã de ontem, além do que perdeu o público santista a oportunidade de assistir a um espetáculo que seria, sem dúvida nenhuma, dos mais bonitos.

Pouco antes das 7,30 horas, que era o horário marcado para o início da competição, já estavam no canal 3 todos os concorrentes e juizes escalados, além dos organizadores do torneio. Logo verificou-se a impossibilidade total da realização das provas, em vista da ausência de ondas, o que motivou comentários desanimados, como este de um dos competidores: "Não foi mole levantar cedo e vir aqui para a praia com este frio. Foi uma briga para sair da cama. Tudo isso para depois chegar aqui e encontrar o mar dêase jeito".

A solução veio da Comissão Organizadora. Já que estavam todos ali, ficavam todos avisados que a eliminatória seria realizada ontem mesmo, às 13 horas, no Guarujá.



Santos, onde o Surfe nasceu no Brasil

A competição contou com as fases eliminatórias, nos dia 4 e 11, as semifinais no dia 18 de outubro e a finalíssima no dia 6 de dezembro. As baterias de 20 minutos foram formadas com grupos de cinco atletas, classificando-se dois para as fases seguintes. A novidade foi a criação do grupo especial de Paipo, o surfe de joelhos, inédito no Brasil. Outro destaque foi a inscrição e formação de equipes de surfe, como Homero, Hawk, Marcio's, Yater, Surfline By Lobinho e Strobous Surfboards.

fista marcou 27,4 pontos e venceu os concorrentes na categoria Juniores. Ele foi seguido por Geraldo Mantilha Luzzi (16,8) e Fuad Mansur Lopes (14,7). Na categoria Seniores (acima de 16 anos) o campeão foi Eduardo "Dudu" Argentó. O surfista de São Vicente alcançou 18,6 pontos. Italiano ocupou a segunda colocação (17) e Giba, a terceira (14,4).

Entre as meninas, Sheila de Castro Farias sagrou-se a primeira campeã feminina

de surfe de Santos. Ela concorreu com as surfistas Eveli Dubinee, Roseli Dubinee, Regina Mariano, Thais Aparecida Laguna e Regina Forte. Na categoria Paipo, o campeão foi Paulo Sergio Christol Barreto, o Musgão. O kneeboarder chegou a 17,7 pontos, seguido por José Goes Junior (10,5) e Carlos Eduardo Cristiniano Vieira de Castro (6,8).

A festa de encerramento ocorreu na sede da

AABB (Associação Atlética Banco do Brasil). Além do baile de confraternização, os surfistas melhores colocados receberam troféus e medalhas. No dia 12 de dezembro de 2020 o evento completou 50 anos. Uma data histórica para o desenvolvimento do surfe na cidade de Santos.

Há 50 anos, num domingo, dia 4 de outubro de 1970, começou o 1º Campeonato Santista de Surf. O evento inédito foi promovido pela SECTUR (Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes) e aconteceu na praia do José Menino, entre a Ilha Urubuqueçaba e a Divisa. Mais de 100 surfistas se inscreveram para participar do torneio, que teve a organização dos esportistas Fernando Miranda, Carlos Roberto de Alencastro Guimarães, o Lobinho, e Antônio Carlos Duarte, o Tonico.

Na época a cidade era Área de Segurança Nacional e tinha como interventor o General Clovis Bandeira Brasil. A tribo dos surfistas crescia influenciada pela contracultura da época. Para participar do campeonato, os participantes deveriam apresentar autorização dos pais e caderneta escolar.

Na época a cidade era Área de Segurança Nacional e tinha como interventor o General Clovis Bandeira Brasil. A tribo dos surfistas crescia influenciada pela contracultura da época

1970 - 1º CAMPEONATO SANTISTA DE SURF

Nas semifinais ocorridas dia 18 de outubro, alcançaram os melhores índices, classificando-se para as finais, os surfistas da classe Juniores Orácio, Edu, Wadih, Fuad, Elias, Augustin, Lafraia e Geraldo e, na classe Seniores, Edson, Eduardo Argentó, Vicente, Italiano, Giba, Pico, Nelson e João de Deus.

José Carlos Lafraia foi o campeão absoluto. O sur-

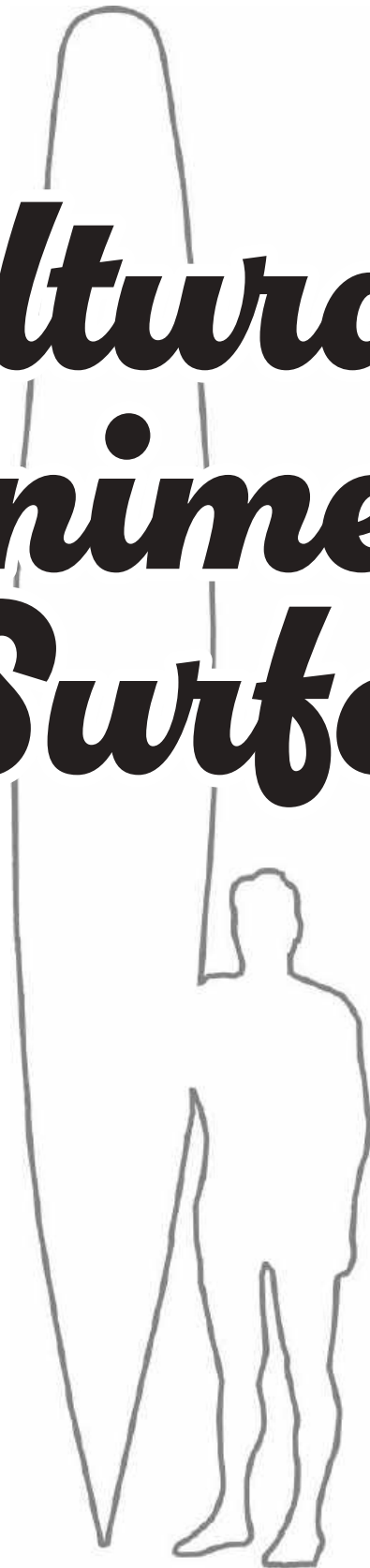




142



Cultura e Entretenimento no Surfe



O sucesso cinematográfico ganhou o mundo. O "Verão Sem Fim" foi o começo do sonho para uma geração



144



**"CHILLS AND SPILLS CROWD THE SCREEN.
LEAVES A VIEWER BREATHLESS."**

Time Magazine

"A PERFECT MOVIE."

The New Yorker

"BREATHKING! SWEEPING AND EXCITING."

Newsweek



The Endless Summer

A true motion picture about surfing.

Filmed in Africa, Australia, New Zealand, Tahiti, Hawaii and California.

A BRUCE BROWN FILM IN COLOR

Distributed by Cinema V

© 1973 U.S.A.

Santos, onde o Surf nasceu no Brasil

The Endless Summer e as Alegrias de Verão.

O homem ainda não tinha pisado na lua, quando surfistas desbravadores viajavam em busca das melhores ondas do planeta. No Brasil, o documentário estreou como Alegrias de Verão, mas foi com o nome The Endless Summer que o sucesso cinematográfico

Butch Van Artsdalen. A produção norte-americana, dirigido e narrado por Bruce Brown teve um orçamento de 50 mil dólares e arrecadou mais de 20 milhões

co ganhou o mundo. O "Verão Sem Fim" foi o começo do sonho para uma geração.

Em Santos, no Cine Roxy, o efeito do filme foi demolidor. Tony Barletta e a molecada do Canal 5 invadiram o cinema para curtir as imagens épicas. Os jovens pas-

saram a ter uma referência da essência do surfe, da busca constante pela melhor onda do mundo, no ritmo da trilha sonora da banda The Sandals. Para Tony, as manobras e os estilos de Mike e Robert são uma verdadeira dança artística sobre as ondas.

A dupla de surfistas influenciou toda uma geração. Lobinho lembra que assistiu

inúmeras vezes as performances de Mike e Robert no Cine Glória. Por vezes ficou escondido no banheiro entre uma sessão e outra. O filme era um ritual para o surfe que viria logo depois. O Glória ficava em frente à praia. Era assistir ao filme, pegar a prancha e dar uma queda no Canal 3. O silêncio nas exposições era total, enquanto Lobinho, Fuad, Wadhy, Coquinho, Wagnão e Lafraia assistiam às sessões hipnóticas.

O surfista-historiador Reinaldo Andraus, o Dragão, assistiu The Endless Summer no Cine Rio do Conjunto Nacional, em São Paulo. Ele tinha apenas 10 anos e assis-

tiu três vezes consecutivas. A partir dali começou a campanha para ganhar sua primeira prancha, uma Glasplac. Outro paulistano, Roberto Teixeira, estava no Guarujá quando se juntou a uma galera para atravessar de balsa e assistir ao pré-lançamento no Cine Indaiá, em Santos. O surfista seguiu na missão de rodar o mundo e procurar as ondas perfeitas.

Christian Wolthers, nascido em 1958, era um adolescente quando viu o filme pela primeira vez. Descendente de dinamarqueses, o surfista viu o filme até nos cinemas do país nórdico, mas era em campeonatos de surfe em Ubatuba que o verão sem fim fazia mais sentido. O shaper se inspirava no life style do filme para fazer suas primeiras pranchas. Décadas depois, Wolthers conheceu pessoalmente os protagonistas Robert August e Mike Hynson em visita a seus stands da Viking Surfboards nas Expo Surf em Orlando de 1998 a 2013.

O documentário estreou em 15 de junho de 1966 e encorajou muitos surfistas a viajarem para o exterior, dando origem à cultura "travel to surf". Ele foi responsável por popularizar o surfe em lugares fora do Havaí, em especial para as ilhas da Polinésia, costa da Austrália e da África e Europa.

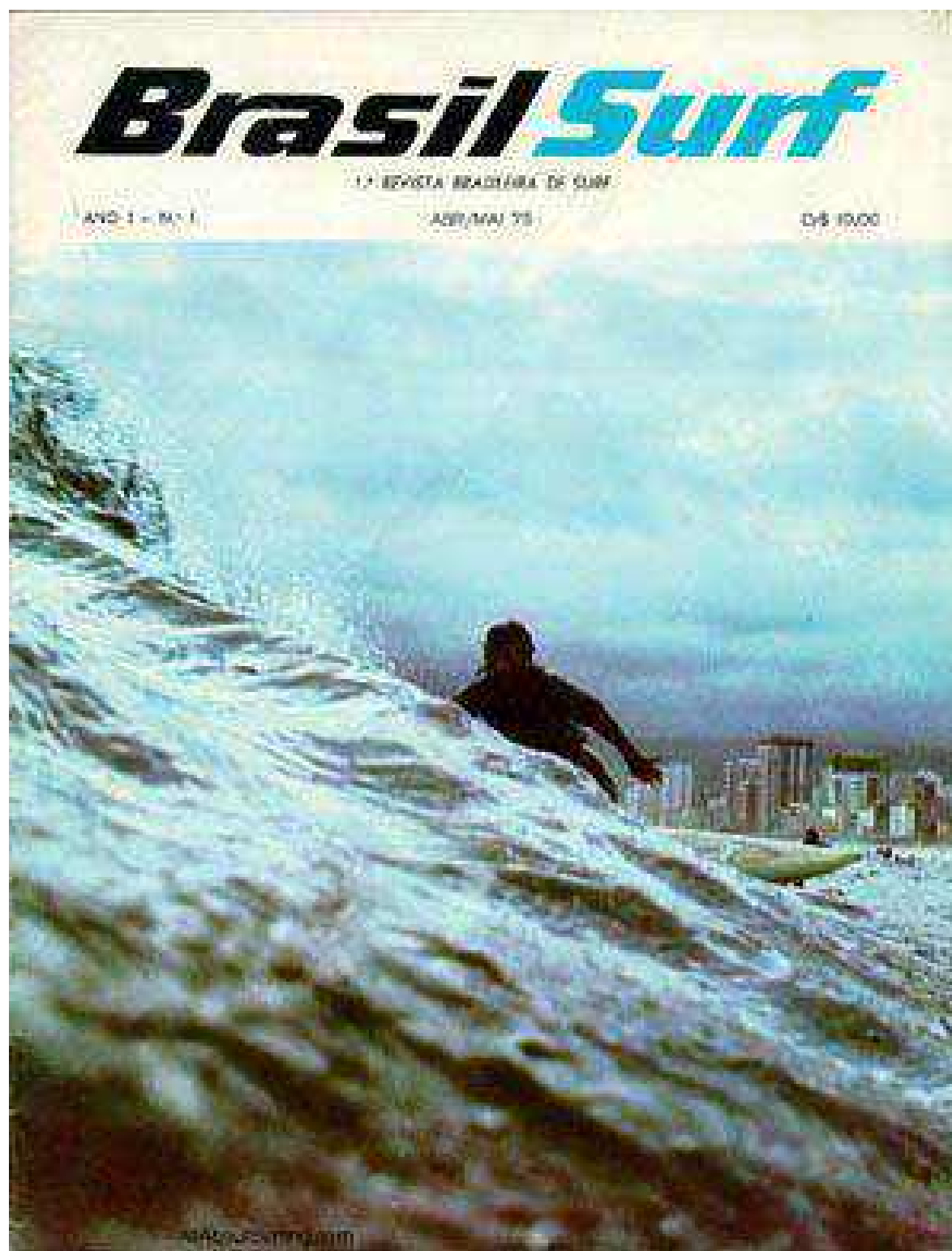
Além de Mike e Robert, outros surfistas de destaque aparecem no filme, como Miki Dora, Phil Edwards e Butch Van Artsdalen. A produção norte-americana, dirigida e narrado por Bruce Brown teve um orçamento de 50 mil dólares e arrecadou mais de 20 milhões. Em 1994 ele ganhou uma sequência: The Endless Summer II, mais tarde seguido por Step into Liquid, dirigido pelo filho de Brown, em 2003.

The Endless Summer é considerado o melhor e mais importante filme de surfe de todos os tempos.

THE ENDLESS SUMMER



*Capa da primeira
edição da revista
Brasil Surf, 1975*



O editorial da revista ficou a cargo de Alberto, que futuramente assumiria o comando da Globosat, então maior operadora de TV a cabo do país, enquanto Flávio cuidava da parte comercial e distribuição.

Em abril de 1975 a edi-

ção juntou-se a equipe, Fernando "Fedoca" Lima, famoso surfista e fotógrafo carioca que tinha um amplo relacionamento com os surfistas, que abrilhantaram a revista com entrevistas e artigos diversos. Outros fotógrafos deixaram suas marcas na revista como

Eles tinham apenas 17 anos e uma ideia revolucionária na cabeça. Os amigos Flávio Dias e Alberto Pecegueiro sentiam falta de uma publicação nacional especializada em surfe. Mais do que isso, um veículo que pudesse se comunicar com os jovens, ávidos em conhecer novos lugares, viver aventuras e compartilhar experiências.

Os dois estudavam juntos no Colégio Andrews, quando Flávio voltou da Califórnia com alguns periódicos de surfe. Inspirados nas publicações internacionais, o projeto contou com a experiência e ajuda de Juvêncio Dias, pai de Flávio. Juvêncio era dono de uma gráfica, e acabou se tornando o assessor técnico para tornar o sonho viável. Ele foi mais além, estimulando os garotos a lançarem uma revista ao invés de um jornal, a ideia inicial.

BRASIL SURF, A PRIMEIRA REVISTA

Antes de existir a revista Brasil Surf eram as importadas Surfer e Surfing que chegavam às mãos dos poucos surfistas que tinham acesso às bancas e lojas em aeroportos internacionais do Rio de Janeiro de São Paulo

ção número 1 da Brasil Surf ganhou as bancas com o surfista Cláudio Bento Ribeiro na capa, em foto aquática de Freddy Koester, no Arpoador. A legenda da capa dizia apenas "Tomada no Arpoador". A revista foi lançada ao preço de Cr\$ 10, o equivalente a US\$ 1,30, e publicou, entre outras matérias, a lista de convidados para o primeiro Campeonato de Saquarema. Quase toda em preto e branco, a edição saiu com a tiragem de 10 000 exemplares e se esgotou rapidamente nas bancas. O sucesso inicial se traduziu durante a trajetória da revista.

A partir da segunda edi-

Múcio Scorzelli, Henrique Gualberto, Rogério Ehrlich e Klaus Mitteldorf.

Antes de existir a revista Brasil Surf eram as importadas Surfer e Surfing que chegavam às mãos dos poucos surfistas que tinham acesso às bancas e lojas em aeroportos internacionais do Rio de Janeiro de São Paulo.

Em meados da década de 1970, em plena Ditadura civil-militar no Brasil, uma revista de surfe feita por jovens e para jovens era fora dos padrões. A revista Brasil Surf rompeu com velhos paradigmas, contribuindo para o crescimento do mercado do surfe e o entendimento

da cultura de praia de forma mais ampla para a sociedade. A Brasil Surf mudou a imagem dos surfistas, apoiou eventos, campeonatos e empreendimentos como fábricas de pranchas, roupas e acessórios, tornando-se uma propulsora para o profissionalismo do surfe no Brasil, a Certidão de Nascimento do surfista brasileiro, a ponto de fornecer cartas de referência para que atletas buscassem patrocínios ou mesmo isenção de taxas para que pudessem viajar profissionalmente.

Até sua última edição, em janeiro de 1979, foram 19 no total. A revista saiu de circulação, mas manteve-se viva na cabeça dos surfistas, abrindo caminho para novas publicações nacionais de sucesso. Para matar a saudade, um novo projeto promete um livro comemorativo da revista Brasil Surf.





148



Rio de Janeiro do Surfe



149



Santos, onde o Surfe nasceu no Brasil

Paulo foi o primeiro a ser visto de pé sobre uma tábua de madeira, popularmente chamada de "Porta de Igreja"



Santos, onde o Swiße nasceu no Brasil

PAULO PREGUIÇA, O PRIMEIRO MENINO DO RIO

A imagem de um homem descendo uma onda de pé sobre uma tábua tosca de madeira ficou grudada na retina de Jorge Paulo Lemann, Gilberto Laport, Arduíno Colassanti, entre outros garotos que estavam na praia

Paulo Roberto Tate nasceu no dia 4 de abril de 1930. Preguiçoso, ganhou o apelido que o acompanharia pela vida inteira. Paulo Preguiça viveu na rua Francisco Otaviano, próximo ao Forte de Copacabana, no caminho para as praias de Ipanema e Arpoador. Seu primeiro emprego foi na TV Rio onde exerceu a função de câmera man. O amigo Anjo tirou o Preguiça da praia para o trabalho.

Desde que era moleque, Preguiça pegava onda de peito. Ninguém conhecia pranchas no início da década de 1940. Ele usava um pé de pato e se atirava sobre as ondas do canto do Arpoador. Agarrada no seu pescoço, muitas vezes, descia a sua filha mais velha, Cleane Lúcia Neves Tate, sentindo o perigo e a adrenalina nas ondas que arrebatavam perto das pedras.

Frequentador do Cassino Atlântico, a sua praia era o asfalto, onde tirava uma onda de moto pelo entorno do Arpoador. Porém foi no mar que ele virou lenda. Um pouco mais velho que o restante da garotada, Paulo só entrava no mar em dias de ondas grandes e foi o primeiro a ser visto de pé sobre uma tábua de madeira, popularmente chamada de "Porta de Igreja", pelo seu formato retangular, sem curvatura ou quilhas.

A imagem de um homem descendo uma onda de pé sobre uma tábua tosca de madeira ficou grudada na retina de Jorge Paulo Lemann, Gilberto Laport, Arduíno Colassanti, entre outros garotos que estavam na praia. Até aquele ano de 1954, eles só tinham visto surfistas sobre pranchas modernas nas revistas gringas. Paulo ainda iria protagonizar uma acro-

bacia sobre a tábua de madeira. Tempos depois ele foi visto descendo uma onda de pé com uma garota sobre os ombros.

Na década de 1950 o ritmo de vida dos cariocas do Arpoador era definido pelas condições do mar e do vento. Muitos eram praticantes da pesca submarina e formavam na turma do Clube dos Marimbás. Um dos integrantes, o mergulhador e engenheiro Luiz Carlos Vital, o Bisão, empolgado com o surfe, resolveu fabricar pranchas melhores. Com ele, a tábua de compensado ganhou forma, bico envergado e uma régua longa que servia de quilha. Antes da novidade, Bisão, ao lado de um professor de arquitetura e dos amigos do mergulho e da pesca, George Grande, Bruno Hermany, Abel Gazio, Luiz "Louro" ou- sou construir uma tábua oca estilo Tom Blake. A nave foi

apelidada de DC-4, em homenagem ao famoso avião usado na Segunda Guerra, mas o sucesso nos ares não se repetiu dentro d'água.

O salto viria mesmo com as pranchas de madeirite. Bisão resolveu presentear os amigos Gilberto Laport, Arduíno Colassanti, Paulo Bebiano e Jorge Paulo Lemann com o novo invento. Eles eram os destaques no primórdio do surfe carioca e se tornariam os "donos" do Pontão do Arpoador. Porém o grande ícone dessa geração foi mesmo Paulo Preguiça. Segundo Lemann, aquele homem com os braços abertos deslizando sobre as águas parecia o próprio Cristo Redentor.



*Em 1964, nascia na garagem da casa
a fábrica de pranchas Surfboards
São Conrado*



Nas manhãs de domingo, Zé Freire levava a esposa e as filhas para passear no Clube Naval "Piraquê" junto à Lagoa Rodrigo de Freitas ou assistir às famosas regatas que aconteciam nas águas da Baía da Guanabara.

José Freire Parreiras Horta, coronel da aeronáutica, era velejador e piloto. Conhecia muito bem o oceano e a influência dos ventos e foi do seu amor pelo mar e pelo ar que se originou o interesse na construção de um flutuador, base para a produção futura das suas pranchas de surfe.

Além da formação acadêmica, Parreiras era um autodidata. Suas leituras sobre química e física contribuíram para a construção do flutuador. Produzido em casa, o protótipo tinha uma inovação: um visor que permitia remar e observar os peixes e o fundo do mar. O peculiar modelo atraiu os vizinhos que se juntaram para apreciá-lo nas águas claras da praia de São Conrado.

O sucesso do invento chamou a atenção de um surfista das redondezas. O jovem cedeu uma prancha Hobie para Parreiras fazer uma igual.

A produção e a fama do Coronel Parreiras cresciam e a necessidade de inovar deu um novo salto. Em 1968, através das revistas Surfers, Parreiras conheceu a espuma branca da Clark Foam

SURFBOARDS SÃO CONRADO

A réplica deu certo e as primeiras encomendas foram feitas. Parreiras usava blocos de isopor, longarina de madeira e revestimento de epóxi. Os fornecedores dessas matérias-primas ficavam nos subúrbios do Rio. Em 1964, nascia, na garagem da casa, a fábrica de pranchas São Conrado Surfboards. No começo eram apenas o Coronel e sua esposa, Gilda.

A fragilidade do isopor levou Parreiras a pesquisar mais até chegar a uma fórmula para desenvolver e expandir espuma de poliuretano. O novo método exigia um espaço maior, a fábrica

cresceu e o trabalho também. Zé Freire, Gilda e as cinco filhas se envolveram em todas as etapas do novo processo produtivo.

O Coronel Parreiras agrediu muita gente na produção de pranchas, tornando a fábrica quase uma escola de ensino e aprendizagem. Um dos primeiros auxiliares, o jardineiro da casa, Murião, aprendeu o processo e anos mais tarde montou uma oficina de sucesso no Havaí. As pranchas precisavam funcionar e os surfistas estavam sempre ao lado para trabalhar e testar os modelos,

entre eles, Mario Brant "Brasão", Penho, Cyro Beltrão, Wanderbill, Mudinho, Maraca, o peruano "Bruja" e Rico.

A produção e a fama do Coronel Parreiras cresciam e a necessidade de inovar deu um novo salto. Em 1968, através das revistas Surfer's, Parreiras conheceu a espuma branca da Clark Foam. A espuma branca de poliuretano é um marco na produção de pranchas. Ele estabeleceu contato e trocou correspondências com o proprietário da Clark Foam, Gordon Clark, que o convidou para conhecer pessoalmente a fábrica na Califórnia. Em 1969, Parreiras viajou aos Estados Unidos,

aprendeu o processo e comprou a representação. No ano seguinte, Gordon veio de motocicleta da Califórnia ao Rio para conhecer a São Conrado Surfboards.

As pranchas e blocos de espuma São Conrado seguiram de norte a sul do País. Se estivesse vivo, Coronel Parreiras completaria 100 anos no dia de hoje, 8 de setembro. Um acidente de trânsito tirou sua vida no dia 19 de outubro de 1989, mas a memória do homem revolucionário e o legado da marca continuam vivos no mundo do surfe brasileiro.





154



*O surfista Pepê, campeão no
Waimea 5000, no Arpoador, brilhou
no ano de 1976*



Santos, onde o Surf nasceu no Brasil

WAIMEA 5000, O BRASIL NO CIRCUITO MUNDIAL

Os campeonatos Waimea 5000 marcaram o surfe brasileiro como as primeiras etapas válidas pelo Circuito Mundial de Surf Profissional em nosso país

O público que compareceu no sábado, dia 07 de agosto de 1976 foi impressionante. A praia estava lotada e as Pedras do Arpoador tomadas de gente. Não era pra menos. O Brasil sediava a nona etapa do primeiro circuito mundial da IPS - a International Professional Surfers - e as chamadas na TV Globo ajudaram a promover ainda mais o evento.

O Primeiro Campeonato Internacional de Surfe no Brasil, o Waimea 5000, foi disputado no Arpoador, em 1976, em plena ditadura civil-militar. Na ocasião a prática do surfe ainda era restrita pelo governo, mas acabou liberada pela Secretaria de Segurança com apoio da Salvamar para receber os 30 competidores, entre eles grandes surfistas do mundo, como Randy Rarick, Mike Tagawa, Bruce Jones, Jeff Crawford, Tom Parrish e Timmy Carvalho. Eles foram divididos em seis baterias com cinco participantes cada.

A organização ficou a cargo de Nelson Machado da Waimea, do cineasta Lívio Bruni Junior e de Flavio Dias e Alberto Pecegueiro da revista Brasil Surf, contou com apoio internacional de Randy Rarick e Fred Hemmings, fundadores da IPS (International Professional Surfers) e premiação em dinheiro bancada pela jeans wear Fjord, a patrocinadora do evento. O famoso Hotel Sheraton foi outro apoiador, servindo como suporte para a organização do evento e hospedagem para os árbitros e surfistas estrangeiros.

No domingo, dia 08, o mar subiu, com séries quebrando no Pontão e bons tubos no inside. Nessas condições, o carioca Pepê Lopes venceu essa disputada etapa do circuito mundial. Na última bateria, ele competiu ao lado

do amigo, surfista e shaper Daniel Friedman, outro brasileiro, que terminou na quinta colocação. Jeff Crawford, da Flórida (EUA), ficou em segundo, seguido dos havaianos Timmy Carvalho e Buzzy Kerbox, terceiro e quarto colocados, respectivamente. O também havaiano Glenn Kaulukukui fechou a bateria na sexta e última colocação. A categoria feminina contou com a organização da Rico Surfboards e recebeu o nome de Rico Woman's Pro Contest. A vencedora foi a havaiana Becky Benson.

No ano seguinte, a final foi 100% brasileira. Daniel Friedman terminaria em primeiro, seguido de Pepê em segundo. Outro surfista brasileiro destaque na história do Waimea 5000 foi Ismael Miranda, lenda do surfe carioca e amigo de Pepê, finalista em 1980. O Waimea

5000, de 1981, na sua penúltima edição, teve o santista Picuruta Salazar na quinta colocação.

Na época a maioria dos surfistas ainda não tinha patrocinadores, apenas a marca de suas pranchas. Além de elevar o patamar do país no surfe mundial, o Waimea 5000 proporcionou uma novidade: a logomarca do Jornal do Brasil na prancha de Pepê.

Outro legado do Primeiro Campeonato Internacional no Brasil foi o filme Nas Ondas do Surf. A ideia surgiu de uma conversa de Lívio com Maraca e Gustavo Carreira, na ocasião da organização do torneio.

Naquele ano de 1976, depois de 14 etapas, o circuito terminou com australiano Pe-

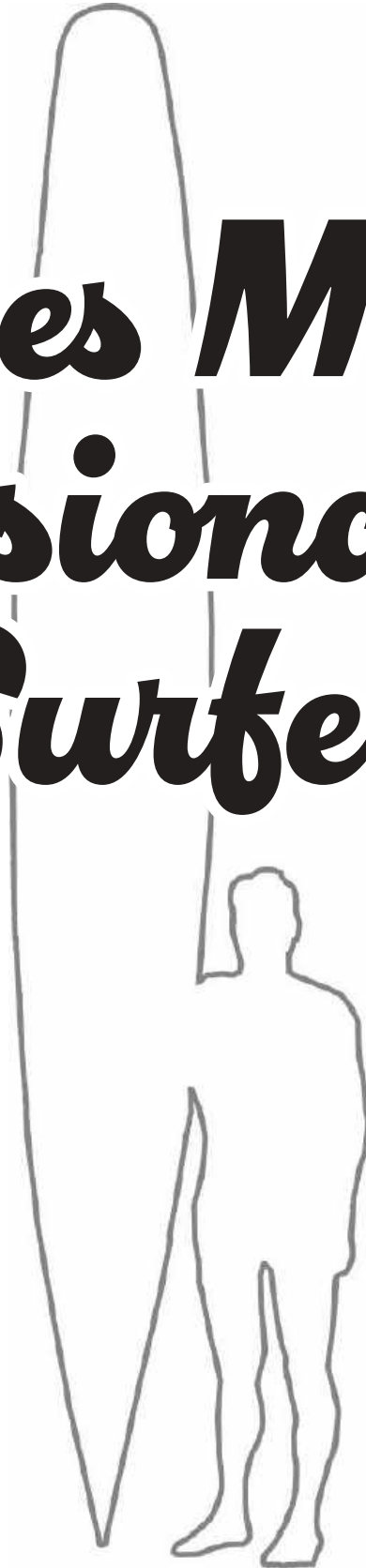
ter Townend campeão mundial do primeiro IPS. Apesar de não ter vencido nenhuma das etapas, o surfista foi o mais consistente durante toda a competição.

Os campeonatos Waimea 5000 marcaram o surfe brasileiro como as primeiras etapas válidas pelo Circuito Mundial de Surf Profissional em nosso país. Eles foram realizados a partir de 1976 e saíram de cena em 1982, quando foi realizada a última edição, deixando saudades e a lembrança das multidões no Arpoador.





Campeões Mundiais Profissionais de Surfe



Em 2014 Medina tornou-se o primeiro brasileiro campeão mundial de surfe



158



Santos, onde o Surfe nasceu no Brasil

GABRIEL MEDINA, O TRICAMPEÃO

Os treinos começaram ainda criança na praia de Maresias. Aos 11 anos Medina conquistou seu primeiro campeonato de âmbito nacional, o Rip Curl Grom Search, categoria sub-12, em Búzios, no Rio de Janeiro

Gabriel Medina Pinto Ferreira nasceu em São Sebastião, litoral de São Paulo, no dia 22 de dezembro de 1993. Ele tinha nove anos quando o padrasto, Charles Rodrigues, introduziu o mundo do surfe na sua vida.

Um fato curioso envolveu o idealizador do Museu do Surfe de Santos, Diniz Iozzi, o Pardhal. Na época, como empresário e técnico de surfe, Pardhal visitava a surfshop de Charles em Maresias. O padrasto de Gabriel chamou Pardhal para ver o menino surfando no defronte à loja, local que se tornaria o seu home break. Confiante no futuro do iniciante, Charles pediu apoio para o enteado encarar suas primeiras competições.

Os treinos começaram ainda criança na praia de Maresias. Aos 11 anos Medina

conquistou seu primeiro campeonato de âmbito nacional, o Rip Curl Grom Search, categoria sub-12, em Búzios, no Rio de Janeiro. Depois desse, o garoto somou outros títulos. Ele foi campeão brasileiro amador, campeão Volcom sub-14, Quiksilver King of the Groms e tricampeão paulista.

Em 2009 Gabriel Medina assinou contrato com a empresa australiana Rip Curl - dirigida na época pelo surfista Felipe Silveira - e se profissionalizou. Dois anos depois, suas performances e resultados no WQS o levaram à elite do surfe mundial com apenas 17 anos de idade. A jovem revelação entrou no meio da temporada do WCT-2011 e superou os melhores do mundo em duas oportunidades. A primeira conquista foi na etapa de Hossegor na França e a segunda em São Francisco, na Califórnia.

Alcançar o topo do mundo passou a ser uma questão de tempo.

Antes de completar 20 anos, o surfista de Maresias conquistou o World Junior Tour 2013. Finalmente, no ano seguinte, tornou-se o primeiro brasileiro campeão mundial de surfe. Um título sonhado e histórico para o país.

Em 2017 o atleta criou o Instituto Gabriel Medina, um centro de treinamento de alto rendimento para o surfe. Os jovens, entre 10 e 17 anos, selecionados no Circuito Medina de Surfe, recebem alimentação, equipamentos e auxílio para viagens, além de preparação técnica, física, psicológica, médica e educacional.

Gabriel Medina voltaria a vencer o circuito mundial em 2018, novamente no Havaí. A conquista foi coroada com a vitória sobre Julian Wilson, em Pipe/Backdoor. Medina foi superado pelo concorrente em 2014, mas desta vez o brasileiro derrotou o australiano na maior e mais prestigiada etapa do circuito mundial.

Em 2019 Medina brigou novamente pelo título até o fim. Após uma vitória histórica contra o também brasileiro Ítalo Ferreira, em Jeffrey's Bay, Medina obteve um mau resultado na França e uma interferência contra Caio Ibelli, em Portugal, ascendeu a chance de Ítalo Ferreira. O potiguar alcançou a liderança e o título do WCT daquele ano.

Porém, a coroa voltou para o primeiro brasileiro campeão mundial. Ele confirmou seu favoritismo e venceu o também brasileiro Filipe Toledo, na etapa final de Lower Trestles, na Califórnia. Com a conquista do Tricampeonato, o brasileiro voltou ao topo do mundo.

Um dia antes da grande final, um novo encontro entre Pardhal e Gabriel Medina, na Califórnia. O melhor surfista do mundo pediu uma outra ajuda. Ele queria uma parafina FuWax para treinar. Não sem antes agradecer pela ajuda no passado. O reconhecimento já tinha acontecido em homenagem ao Museu do Surfe. Uma das pranchas vencedoras de Gabriel Medina é acervo permanente do museu. A peça encontra-se sob os seus cuidados para ser contemplada por todos os brasileiros e apaixonados pelo surfe.



*Adriano Mineirinho
e Gilmar Silva no
Boa Vista Village:
vidas dedicadas ao
esporte*



160

Santos, onde o Surf nasceu no Brasil

Os pais de Adriano Elias de Souza, Jonas e Luzimar, migraram de Mossoró, cidade do Rio Grande do Norte, a convite da tia Dorninha, que prometia melhores oportunidades de emprego na cidade praiana. A viagem durou quatro dias de ônibus e o casal chegou ao Guarujá com o filho mais velho, Ângelo, no colo.

Jonas trabalhou no Porto de Santos como estivador, e foi na favela Santo Antônio que o filho Adriano nasceu e viveu seus primeiros anos de vida. A casa ficava a 40 minutos de bicicleta da praia. Adriano conheceu o mar num passeio com o pai para a praia do Guaiuba, e logo em seguida, o surfe chegou por influência do irmão mais velho.

Ângelo levou o pequeno Adriano para o Sobre as Ondas, na Praia de Pitangueiras. Além do surfe, Adriano também pegou emprestado o apelido do irmão. Adriano, irmão de Ângelo Mineiro, logo virou Mineirinho.

Adriano Mineirinho teve uma grande oportunidade de vida ao fazer parte da Escola de Surfe do Pirata. Diariamente

ADRIANO MINEIRINHO

A grande vitória na terceira etapa da ASP World Tour na Praia da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, em 2011, colocou Adriano Mineirinho na história do surfe ao se tornar o primeiro brasileiro a chegar no topo do ranking mundial

te ele pegava uma prancha de surfe do Pirata emprestada. Todos ali no Canto do Maluf começaram a se desenvolver muito rápido, elevando o nível, até alcançarem a profissionalização no esporte.

A primeira prancha de Mineirinho foi shapeada pelo conceituado Isaac de Souza Vaz, outro grande incentivador na vida do atleta. Isaac era pai do Ney e do Mike Richard, dois grandes surfistas que, ao lado de Gilmar Silva, dividiam a água e os sonhos.

Adriano estudou na Escola Estadual Tancredo Neves, perto de casa. Ele evoluiu rápido no surfe, venceu campeonatos, entre eles o A Tribuna de Surf Colegial (1999 e 2001) e isso trouxe uma melhora na sua formação educacional. O

surfista ganhou uma bolsa de estudos no Colégio Alfa, no Centro do Guarujá, ampliando seus conhecimentos e oportunidades na vida.

A primeira e mais marcante surftrip foi para o Havaí, ao lado de Rico de Souza e Erik. Porém, para o surfista campeão do mundo, que tinha em Fábio Gouveia uma de suas maiores aspirações, a onda inesquecível em sua vida foi em Jaws. Para ele, o pico representa o ápice da loucura quando se tenta botar para dentro de uma onda gigantesca. Apesar de não ter saído de dentro do tubo, a sensação é única e indescritível.

A grande vitória na terceira etapa da ASP World Tour na Praia da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro, em 2011, co-

locou Adriano Mineirinho na história do surfe ao se tornar o primeiro brasileiro a chegar no topo do ranking mundial. Depois vieram as vitórias marcantes em Bell's Beach (2013) e Pipe. Além de ser o primeiro brasileiro a conquistar a etapa, a vitória em Pipeline, em 2015, levou Adriano ao inédito título mundial, vencendo na semifinal o havaiano Mason Ho. Na final, enfrentou e venceu o também brasileiro Gabriel Medina (campeão em 2014). Esta foi a primeira vez que dois brasileiros disputaram a final da etapa de Pipeline do Circuito Mundial de Surfe.

Adriano continua competindo, alternando disputas nas etapas do CBSurf, visitando lugares e amigos. O ritual

de vestir a lycra alimenta sua alma e instinto, tornando-o feliz e realizado ao viver isso. Adriano também vem encarando outros desafios em sua nova etapa de vida. Atualmente ele é o treinador da equipe de surfe italiana. Ele vem transferindo sua experiência para os novos garotos que sonham em representar o país nas Olimpíadas de Paris, em 2024.





162

o potiguar Ítalo Ferreira venceu o atleta japonês Kanoa Igarashi e entrou para a história como o primeiro campeão olímpico de surfe

Santos, onde o Surfe nasceu no Brasil

A dedicação de Ítalo durante a adolescência era mal visto na comunidade. O surfe, considerado uma prática de desocupados, tornava Ítalo uma vítima da maledicência das pessoas

Era ao lado do trabalho do pai que o menino Ítalo Ferreira se divertia quando criança. Filho de um vendedor de pescados da paradisíaca Baía Formosa, no Rio Grande do Norte, Ítalo tirava a tampa da caixa de isopor para pegar as ondas no mar.

A brincadeira sobre o isopor durou mais de um ano. Depois de dezenas de tampas quebradas, um grupo de amigos doou uma prancha velha com o bico quebrado. Aos oito anos, Ítalo passou a surfar com uma prancha de verdade. Três anos depois, o pai com a ajuda de familiares, comprou uma prancha nova e se realizou na alegria do filho.

A evolução com um equipamento adequado foi rápida. Ítalo aperfeiçoou as manobras, enquanto seu corpo ganhava força e velocidade. Da diversão, nasceu o sonho profissional.

A dedicação de Ítalo durante a adolescência era mal visto na comunidade. O surfe, considerado uma prática de desocupados, tornava Ítalo uma vítima da maledicência das pessoas. Além disso faltava apoio e estrutura para as competições.

Sem ajuda na esfera pública, os pais e parentes uniam esforços na busca de melhores condições e equipamentos.

Em 2007 o diretor de marketing da Oakley, Luiz "Pinga" Campos, estava acompanhando dois eventos de surfe amador no Nordeste

terminar o ano de 2015 em 7º lugar. Em 2016 terminou em 15º e uma grave lesão nos ligamentos do tornozelo afastou Ítalo de algumas etapas em 2017, comprometendo seu desempenho no ranking, terminando em 22º.

Em 2018 a volta por cima.

O OURO ÍTALO FERREIRA

do Brasil. Em um dos dias da viagem, Pinga chegou cedo para surfar e viu de cima da escada que dá acesso à praia de Ponta Negra, em Natal, um menino pegar uma onda, dar um aéreo, acelerar e mandar outro aéreo. Ele perguntou para os surfistas locais de quem se tratava e acompanhou de perto a participação do Ítalo no campeonato. Pinga ficou impressionado com o desempenho do garoto durante um dos eventos, aproximou-se e pediu um encontro. No dia seguinte a mãe de Ítalo conheceu o projeto, e a partir daí, o novato surfista se integrou à equipe da Oakley, dentro do programa de desenvolvimento da companhia.

Os resultados começaram a aparecer. Anos depois, já competindo profissionalmente, Ítalo foi o melhor estreante da World Tour ao

O potiguar, com uma performance incontestável, derrotou o tricampeão mundial Mick Fanning e venceu a tradicional etapa de Bell's Beach, na Austrália. Ele também venceu outras duas etapas e terminaria o torneio em quarto lugar no ranking.

No ano seguinte veio o tão sonhado título mundial. Na primeira etapa ele virou uma bateria praticamente perdida contra o norte-americano Kolohe Andino e começou a temporada na liderança. Na sequência alguns resultados ruins afastaram Ítalo da briga pelo título, mas um segundo lugar com Gabriel Medina em Jeffrey's Bay mudou a história do campeonato. Uma combinação de resultados nas etapas seguintes colocou o brasileiro na ponta novamente.

Ítalo chegou a Pipeline disposto a vencer. Ele e Medi-

na foram passando suas baterias até a grande final. Pela primeira vez na história, dois brasileiros disputavam o título máximo do surfe mundial. Uma vitória na última bateria garantia o troféu para qualquer um dos dois.

As ondas estavam perfeitas e tubulares. Ao fim do confronto, Ítalo venceu Medina e tornou-se o campeão mundial de 2019 da WT. Um título merecido. Por conta da pandemia o circuito foi cancelado em 2020. A expectativa se voltou para a Olimpíada de Tóquio, competição inédita no surfe, adiada para 2021.

Ítalo mais uma vez surpreendeu. Enfrentando um mar em condições adversas, o brasileiro superou todos os seus adversários. Na grande final disputada na terça-feira, dia 27 de julho, o potiguar venceu o atleta japonês Kanoa Igarashi e entrou para a história como o primeiro campeão olímpico de surfe.



O livro Pelo Amor, de 2010, conta a história do maior surfista de todos os tempos



164

Santos, onde o Surf nasceu no Brasil

Em 2022, próximo de completar 50 anos, Slater venceu de forma histórica em Pipeline e mostrou ao mundo que não há limites para um ser humano no surfe

No mar épico do sábado, dia 5 de fevereiro de 2022, com ondas de 8 a 12 pés em Pipeline, Kelly Slater surfou tubos incríveis para somar na sua coleção a sua 56ª vitória em etapas do World Surf League Championship Tour, com o maior placar do Billabong Pro Pipeline: 18,77 pontos.

da sua categoria ao longo da costa do Atlântico e, em 1984, conquistou seu primeiro título de campeão amador dos Estados Unidos.

Depois de se tornar profissional em 1990, ele venceria pela primeira vez uma etapa no circuito profissional, o Rip Curl Pro, na França, em 1992. Sua vitória no prestigioso Pipeline

KELLY SLATER, **50 ANOS**

A vitória contra o havaiano Seth Moniz deu ao norte-americano o seu oitavo título no templo sagrado do esporte, depois de 30 anos do primeiro conquistado em 1992, próximo de completar 50 anos de vida, realizados nesta sexta, 11 de fevereiro.

Robert Kelly Slater nasceu no ano de 1972, em Cocoa Beach, na Flórida, EUA. Filho de um proprietário de uma loja de iscas e materiais para pesca, Slater cresceu perto da água e começou a surfar aos cinco anos. Aos 10 ele já vencia campeonatos

Masters daquele mesmo ano no Havaí garantiu seu primeiro título mundial.

Slater terminaria em sexto no ranking de 1993, mas voltou em 1994 para começar uma série de cinco anos de domínio completo do circuito mundial, ganhando a coroa de campeão todos os anos entre 1994 e 1998.

Em 2011 ele conquistou seu 11º título mundial, tornando-se assim o surfista mais

velho a ganhar o campeonato e se consagrou como o maior surfista de todos os tempos. Em 2022, próximo de completar 50 anos, Slater venceu de forma histórica em Pipeline e mostrou ao mundo que não há limites para um ser humano no surfe.



Toledo foi o quarto brasileiro a ganhar o título mundial na maior categoria de surfe



FILIPPE TOLEDO, BICAMPEÃO

Filipe Toledo é o quarto atleta brasileiro a ganhar o título mundial na maior categoria de surfe do mundo. O Brasil acumula sete vitórias nos últimos nove campeonatos mundiais de surfe

Filipe Toledo nasceu em Ubatuba, em 16 de abril de 1995. O surfista, que acaba de conquistar o bicampeonato mundial de surfe profissional, é filho de Mari e Ricardo Toledo, duas vezes campeão brasileiro de surfe, e neto de João Maria de Castro Toledo, um ícone do esporte em Ubatuba, pioneiro do fisiculturismo.

As primeiras ondas de Filipe, conhecido como Filipinho, foram em Ubatuba, onde cresceu, disputando os campeonatos locais. Em maio de 2011, ainda com 16 anos, faturou a categoria Sub-16 do ISA World Junior no Peru. Em agosto daquele mesmo ano, superou John John Florence, Kolohe Andino e Conner Coffin pela conquista do Pro

Junior do US Open Huntington Beach.

Aos dezessete anos, Filipe Toledo despontou na elite do surfe ao ingressar no Circuito Mundial. Na sua primeira participação, em 2013, ficou entre os cinco primeiros colocados nas etapas do Billabong Rio Pro e da Volcom Fiji Pro, em terceiro na etapa do Quiksilver Pro France, terminando o Circuito na 15ª posição. No ano seguinte Filipe Toledo terminou a competição mundial em 17º. Destacou-se nas duas últimas etapas, quando alcançou a quinta colocação.

Para alçar voos ainda maiores na carreira, o ubatubense seguiu o conselho do pai, também treinador, e mudou-se para a Califórnia, nos

Estados Unidos, com toda a família, formando o clã Surf-family, com seu irmão mais velho, outro grande surfista, Matheus Toledo, e seus irmãos mais novos Davi e Sofia. A mudança mostrou-se acertada para Filipinho, casado com a cantora Ananda Marçal e pai de dois filhos, Mahina e Koa.

Em 2015, na sua melhor temporada pelo Circuito Mundial, venceu a etapa de Quiksilver Pro Gold Coast em Coolangatta, Austrália. Na quarta etapa, a Oi Rio Pro, o surfista fez um aéreo, sua especialidade, e superou o australiano Bede Durbidge. Com o resultado ele subiu para segunda posição do ranking geral ficando atrás apenas de Adriano de Souza.

O feito colocou, pela primeira vez na história do circuito, dois brasileiros nas duas primeiras posições do ranking. Ao fim do Circuito Mundial, Toledo terminou na quarta colocação. O ano também marca a entrada de Filipinho no time da Sharp Eye Surfboards, do shaper brasileiro Marcio Zouvi. A prancha mágica foi projetada para dar mais velocidade e encaixar suas manobras mais radicais.

Em 2017, Filipinho escreveu um novo capítulo na história de Jeffreys Bay, nas cobiçadas ondas da África do Sul. O surfista brasileiro marcou a etapa ao fazer o quase impossível parecer fácil ao encaixar dois aéreos em uma única onda.

No ano seguinte, o brasileiro venceu as etapas do Oi Rio Pro e Corona J-Bay Open, ficou em segundo no Surf Ranch Pro, realizado na piscina de ondas do Kelly Slater, terminando o ano na terceira colocação. Em 2019 um outro quarto lugar. Dois anos depois o título escapou de suas mãos para o também brasileiro, Gabriel Medina.

Em 2022, nova disputa contra outro brasileiro. Dessa vez, na grande final do Cir-

cuito, em Trestles, Filipinho superou Ítalo Ferreira e ficou com seu título inédito. O brasileiro sagrava-se campeão mundial pela primeira vez.

Em 2023, o surfista repetiu o feito. Filipinho chegou à WSL Finals como líder do ranking, entrou direto na grande final e venceu a melhor de três contra o australiano Ethan Wing. O bicampeão venceu com a camisa de número 77. O número místico é uma referência ao título paulista de 1977 conquistado pelo Corinthians, seu time de coração.

Filipe Toledo é o quarto atleta brasileiro a ganhar o título mundial na maior categoria de surfe do mundo. O Brasil acumula sete vitórias nos últimos nove campeonatos mundiais de surfe.





A História do Surfe Conquista um Parque





O Dia do Surfista já honrou mais de 80 surfistas que contribuíram para o desenvolvimento do surfe na região e no país

Santos, onde o Surfe nasceu no Brasil

DIA DO SURFISTA, LEI MUNICIPAL 2172/2003

No dia inaugural do festival, 21 de Janeiro, foi realizado o Dia do Surfista. Dedicado aos destaques do surfe na região, a cerimônia criava uma atmosfera em torno do surfe, cultivando o seu verdadeiro espírito Aloha

O emissário submarino já foi palco do maior encontro de surfe do estado de São Paulo. Uma programação de atrações que atraía milhares de pessoas. Era o Santos Surf Festival.

A categoria longboard inaugurou o calendário do ano de 2005 da Abrasp (Associação Brasileira de Surf Profissional) com o festival. O evento ocorreu no Quebra-mar, em Santos, entre os dias 21 a 27 de janeiro. Foi o primeiro de uma série de cinco anos consecutivos (2005/06/07/08 e 2009).

O Santos Surf Festival teve patrocínio da Prefeitura Municipal de Santos, através da Secretaria de Comunicação, SEMES, e Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo.

Além disso, parcerias com a iniciativa privada completavam o sucesso do evento. Foram oito dias de cine-surf gratuito nos cinemas de Santos. As surf shops também se envolveram no festival e promoveram seus estoques especialmente nesses dias do evento.

No dia inaugural do festival, 21 de Janeiro, foi realizado o Dia do Surfista. Dedicado aos destaques do surfe na região, a cerimônia criava uma atmosfera em torno do surfe, cultivando o seu verdadeiro espírito Aloha.

Desde sua criação em 2005, com as homenagens aos pioneiros do surfe brasileiro Margot Rittscher, Thomas Rittscher, Jua Hafers e Osmar Gonçalves, o Dia do Surfista, por meio de Lei Municipal 2172/2003, já honrou 66 surfistas que contribuíram para o desenvolvimento do surfe na região e no país.

Para receber o público, três tendas enormes acolhiam os visitantes, gerando entretenimento e promovendo a socialização da tribo do Surfe com os demais munícipes e simpatizantes do esporte.

Entre as principais atividades realizadas nessas cinco edições destacam-se: exposição de fotos de ícones do surfe mundial; criação do Museu Itinerante do Surfe com 150

pranchas; abertura do Circuito Brasileiro Profissional de Longboard; homenagem aos pioneiros do surf no Paço Municipal; curso para árbitro de surfe; integração que fizeram parte do Festival; Dia do Policial Surfista; Dia do Portuário Surfista; Dia do Professor Surfista; Noite da Surf Music; ações de conscientização ecológica; campeonato dos pioneiros do litoral paulista; palestras; aulas de surf com Picuruta Salazar; apresentação de bandas; ações de grafiteiros; encenação teatral; tentativa da quebra de recorde de maior quantidade de surfistas na mesma onda; ações junto aos restaurantes da cidade.

O ponto forte de todas as edições ocorreu na 5ª edição, quando foi inaugurada a urbanização do emissário submarino. Estava criado o maior parque à beira-mar do mundo, tornando-se uma das principais áreas de lazer para comunidade e turistas. O local passou a se chamar Parque Municipal Roberto Mário Santini e recebeu, entre outras atrações, o Museu do Surfe de Santos.

Viva o Dia do Surfista!





A história do surfe conquistou para a cidade de Santos a criação do maior parque de praia no mundo



172



Santos, onde o Surfe nasceu no Brasil

O Museu do Surfe de Santos faz parte de um grande espaço de lazer que forma o Parque Roberto Mário Santini, um lugar de contemplação da natureza, local perfeito para apreciar o mar, a orla e o pôr do sol.

Porém, esse espaço não é natural. O Parque foi construído sobre parte de um sistema complexo de saneamento das cidades de Santos e São Vicente, o Emissário Submarino.

Graças a ele, a balneabilidade das praias foi garantida e o sistema sanitário da cidade foi modernizado, permitindo que milhares de habitantes e turistas desfrutem de nossa cidade. Para alegria dos surfistas, a construção serviu para criar o quebra-mar, melhorando a formação das ondas na região.

Antes de se transformar no pico do surfe em Santos, a paisagem já foi testemunha de outros momentos de nossa rica história. Até o final do século XIX, a ilha Urubuqueçaba se destacava na paisagem de uma praia ainda nativa, sem jardins, canais ou parques. Defronte à ilha, atraídos pela fauna marinha, pescadores puxavam suas redes de arrasto.

Antes de se transformar no pico do surfe em Santos, a paisagem já foi testemunha de outros momentos de nossa rica história

PARQUE ROBERTO MÁRIO SANTINI, O QUEBRA-MAR

No dia 2 de outubro de 1898 foi inaugurado o suntuoso Hotel Internacional nas areias da praia do José Menino. Junto aos cabinários de banho e casas de pescadores, a paisagem passou por uma grande modificação. O bonde era o único acesso pela praia entre os municípios de Santos e São Vicente.

Entre os anos 1930 e 1940, bicicletas e carros transitavam pela faixa da área e disputavam espaço com os fotógrafos lambe-lambe. Em 1936, o dirigível Hindenburg (zeppelin) sobrevoou o José Menino e surpreendeu os santistas. O poderio nazista desfilou sobre as cidades americanas. Era um meio de impressionar as autoridades de países como o Brasil, cujas alianças eram fundamentais aos planos de Hitler. Nesse

mesmo ano foi entregue o primeiro trecho do jardim da orla, entre o José Menino e o canal 2.

A década de 1950 se despediu com a demolição do Hotel Internacional e no espaço foi lançado um grande projeto imobiliário, com a previsão de construção de um conjunto de edificações naquele trecho, entre as praias do José Menino e do Itararé, dando origem aos atuais prédios pé-na-areia.

A partir do início dos anos 1960, o surfe começou a se popularizar na região e tornou-se cada vez mais comum ver grupos de rapazes e moças deslizando sobre a onda próximo à ilha.

Na década de 1970, durante o Governo Ernesto Geisel, o emissário foi construído e inaugurado. A estru-

tura implantada a 12 metros de profundidade alterou a paisagem da praia.

No início a plataforma era um imenso aterro de areia e pedregulho, cobrindo a estrutura de ferro e concreto. A urbanização passou por vários governos e etapas até os dias atuais.

A história do surfe conquistou para a cidade de Santos a criação do maior parque de praia no mundo: o Parque Roberto Mário Santini. Um orgulho para os santistas, pioneiros do esporte no Brasil.





174



Um dia de surfe na Praia do Pernambuco

Santos, onde o Surfe nasceu no Brasil

ALESSANDRA ARANHA, A MAGISTRADA E O SURFE

Aos 18 anos de idade, por volta de 1984, quando os primeiros morey-boogies invadiram as praias brasileiras, Alessandra, contagiada pela nova onda, comprou a sua bodyboard amarela, e Fernanda, sua irmã, uma azul

Quando assumiu a titularidade da 4ª Vara Federal em agosto de 2003, a juíza Alessandra Nuyens Aguiar Aranha recebeu uma ação civil pública que impactaria a vida dos santistas e mudaria para sempre a área do Emissário Submarino.

Nela, o Ministério Público Federal pedia a remoção da plataforma sobre o emissário, ou ao menos, subsidiariamente, uma destinação adequada daquela área, classificada como “acrescido de Marinha”. O local estava degradado, abandonado e exposto à sorte.

O Parque Roberto Mario Santini foi uma conquista dos surfistas para todos os cidadãos. Alessandra convocou audiências públicas para ouvir as pessoas. As ideias que surgiram desse diálogo

definiram a estrutura do futuro parque e de seus equipamentos, entre eles, o Museu do Surfe, a escultura de Tomie Ohtake, a pista de skate, o parquinho para as crianças, num espaço de contemplação da natureza. Enfim, uma área multiuso para toda a população, sem abrir mão dos valores primordiais para uma sociedade: bem-estar, lazer, segurança e incentivo à prática de esportes. Aos surfistas, um segmento genuíno e importante de identidade da nossa cidade, um espaço para que pudessem contar suas histórias, promover a prática do surfe e projetar a cidade de Santos no cenário nacional.

A juíza do Quebra-Mar nasceu em Santos, no dia 18 de outubro de 1965. Descobriu o prazer do mar na casa de praia do tio Odair, o Co-

ronel, em Paúba. Era lá, no beach-break do litoral norte paulista que ela se divertia pegando onda de jacaré ao lado do pai, sr. Aguiar. Aos 18 anos de idade, por volta de 1984, quando os primeiros morey-boogies invadiram as praias brasileiras, Alessandra, contagiada pela nova onda, comprou a sua bodyboard amarela, e Fernanda, sua irmã, uma azul. Elas e as amigas frequentavam a Praia do Pernambuco. Era o início do bodyboarding, nem mesmo havia uma variação de manobras: os drops e os cutbacks eram a maior sensação, o 360º uma conquista e o el rollo um progresso.

Nesse início, Alessandra saiu em busca de uma nadadeira apropriada. Ela procurou pelo pé de pato na Reação Surf Shop, onde conheceu o

proprietário Diniz Iozzi, o Pardhal, e aprendeu muito sobre o surfe. Com o equipamento completo, o céu era o limite. Na companhia de amigos, as surftrips partiam em busca de ondas no litoral norte, em especial a Praia do Felix, em Ubatuba, seu pico preferido, deixando na lembrança dias maravilhosos de muito surfe, aprendizados, risadas, contato com a natureza e energia positiva.

Com o irmão Timó, um dos surfistas pioneiros do Itararé, Alessandra viveu dias inesquecíveis no Tombo. Naquela época o sobrinho Daniel, filho de Timó, ainda era pequeno, começou a pegar suas primeiras ondas na praia do Guarujá, virou um surfista e atualmente mora com a família na Califórnia.

Alessandra continuou

surfando intensamente durante o período que cursou a faculdade de Direito da Unisantos, onde conheceu o marido, Alexandre, também surfista e futuro delegado de polícia. Os dois sempre surfaram juntos ao lado de amigos.

Os estudos continuaram intensos. Após vários anos de disciplina e dedicação, Alessandra tomou posse como juíza federal em dezembro de 1996. Com a atividade profissional e o nascimento dos filhos Beatriz e Paulo, a vida tomou outro rumo, afastando-a um pouco do surfe, porém sem jamais perder a paixão dentro de si. As ondas que um dia dividiu com o pai, hoje divide com a família.

O Surfe e o Parque agradecem!





Gabriel Davi Pierin

*Professor e historiador
Escritor das Histórias do Surfe*



Diniz Iozzi, o Pardhal

*Idealizador do Museu do Surfe
de Santos Coordenador de
pesquisas das Histórias do Surfe*

***“Quero ser feliz nas ondas do mar.
Quero esquecer tudo, quero descansar.”***

Manuel Bandeira, poeta



PREFEITURA DE
Santos

ISBN: 978-65-00-88042-7

CD



9 786500 880427

